

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2007 - SEM CORTES (CRÓNICAS 36 A 48 - 2007)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, CrónicasAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results
2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed.) http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf , http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Dili, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cétrica e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grosa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *Crônicas: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "Os livros que não escrevi" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queria ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crônicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a neblina de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] "

– 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

– Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjeturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruiu por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos diretos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me céptico em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo – Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

¹ (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

36.1. INTRODUÇÃO

Porque este tema foi a votos no referendo do dia 11 fevereiro aqui transcrevo a PALESTRA dada na Escola Secundária Antero de Quental, Ponta Delgada.

Quero antes de mais agradecer o convite ao professor Sá Couto, para estar aqui hoje. Não pertenço a nenhuma lista ou movimento e a minha opinião pessoal é irrelevante, tanto mais que como cidadão australiano não tenho direito a voto em Portugal. De qualquer forma a utilidade desta minha intervenção será a de vos dar o complexo exemplo da Austrália pois creio que sabendo como outras sociedades e culturas estão a lidar com o problema poderão estar mais bem informados para votar no referendo numa forma esclarecida e lógica. Devo alertá-los que a representação imagética (em fundo) não está relacionada com o tema, mas permite dar-vos uma imagem da Austrália.

36.2. LEGISLAÇÃO VAGA

Está internacionalmente comprovado que as mulheres buscam o aborto independentemente de este ser legal ou ilegal. A maior parte dos australianos propugna abortos legais e seguros, embora a lei seja vaga e aberta a diversas interpretações. Duma forma geral visa restringir o acesso ao aborto e deixa a decisão ao médico e não à grávida. Esta ambiguidade leva a limitações nos serviços do setor público (em especial nas zonas rurais) e constrange os médicos a não se especializarem nesta área com medo de serem processados.

Ao contrário do resto do mundo, exceção feita aos EUA, o aborto na Austrália, varia conforme os Estados. Em todos eles o aborto é legal para proteger a vida e a saúde da mulher, embora tal definição varie de Estado para Estado. O perfil típico da mulher que busca o aborto coloca-a na casa dos vinte e poucos anos, solteira, sem filhos, culta e empregada. Muitas vezes, a crença popular é a de que só as mulheres irresponsáveis engravidam por acidente, mas isto está longe de ser verdade. Entre 50 a 75% das mulheres que procuram abortar utilizavam qualquer forma de contraceptivo à data em que engravidaram. Nenhuma forma de contraceção é rigorosamente infalível mesmo quando utilizada escrupulosamente de acordo com as regras.

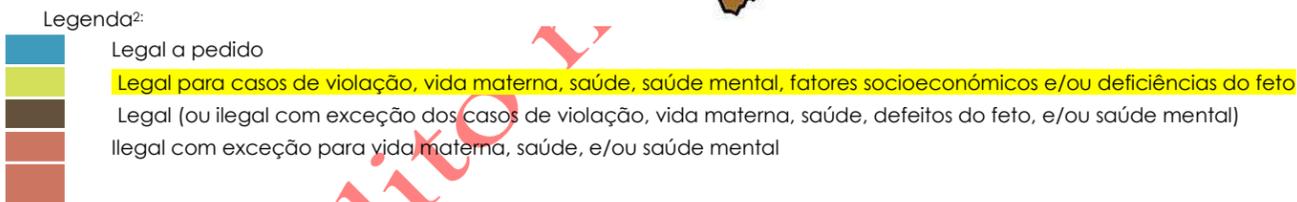
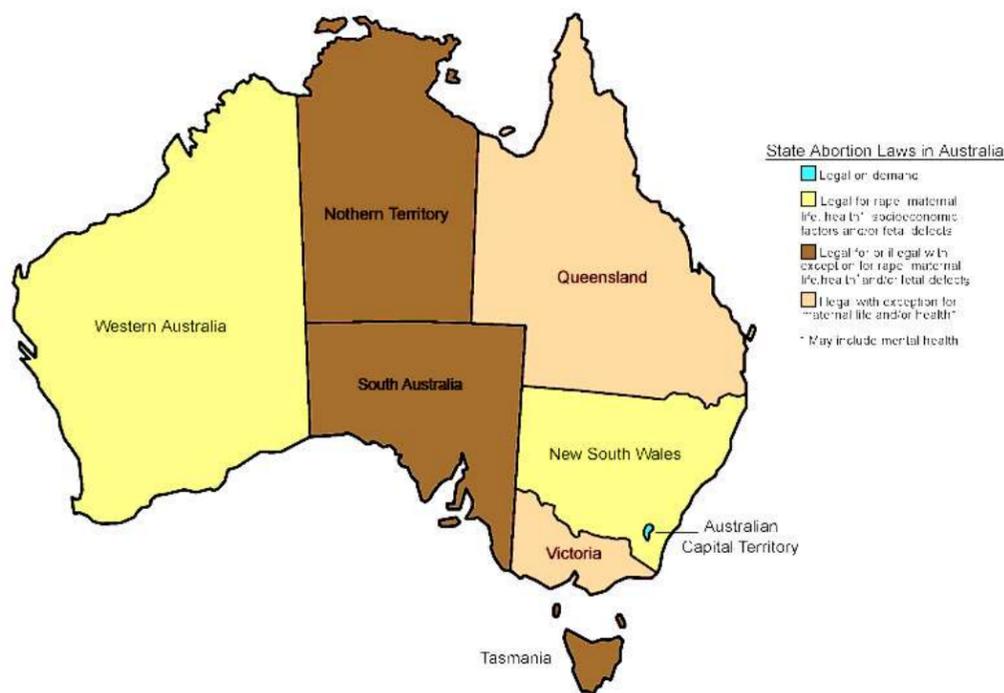
As mulheres que não estejam numa relação estável e permanente correm maior risco de engravidarem, pois, o facto de terem sexo numa forma irregular normalmente não as leva a utilizar anticoncepcionais.

Outra falácia é a de que uma mulher tem sempre controlo sobre o seu corpo e por isso deveria ser capaz de evitar uma gravidez acidental. Mas a decisão dum mulher sobre ter sexo ou não, nem sempre é voluntária.

A mulher pode ser vítima de coerção, manipulação, violação, e pode estar sob a influência de drogas alteradoras de personalidade (tão vulgares como o álcool), que lhe retiram o livre arbítrio e de tomar as precauções necessárias. Ao contrário do se afirma, um aborto seguro não prejudica a fertilidade futura da mulher.

Atualmente o aborto é DEZ VEZES mais seguro que o próprio parto e 200 vezes mais seguro que uma apendicectomia. Estudos vários apontam para o facto da mulher que tenha abortado não sofrer de danos psicológicos ou emocionais subsequentes.

As mulheres que sofrem do complexo de culpa, depressão e de tristeza são normalmente aquelas que foram coagidas a abortar pelos parceiros ou pela família...o sofrimento emocional verifica-se normalmente quando a mulher não é totalmente responsável pela decisão de terminar a gravidez.



36.3. HISTÓRIA

Quando a Austrália se tornou independente em 1901³, o aborto era regulado pelas Lei Britânica das Ofensas contra a Pessoa de 1861. Nas décadas de 1960 e 1970 os abortos não estavam sujeitos à lei criminal desde que fossem necessários para salvar a vida da mãe. Mais tarde essa definição foi alargada para incluir a sua saúde mental, e a noção de que uma gravidez indesejada é nociva para a saúde mental da mulher. Em termos práticos, o aborto cirúrgico está à disposição da mulher australiana nas primeiras semanas de gravidez sendo parcialmente pago pelo seguro nacional de saúde, Medicare. Há várias décadas que nenhum cirurgião é criminalmente processado⁴ por ter efetuado um aborto. A droga RU486⁵ é uma droga inibidora da gravidez durante as primeiras 5 semanas de gestação, amplamente utilizada em muitos países para evitar a fertilização, mas banida na Austrália, em virtude dum acordo entre o Senado Federal e o senador Brian Harradine da Tasmânia, um vocal defensor do antiaborto. As drogas abortivas careciam dum aprovação especial do Ministro da Saúde (Tony Abbott) antes de poderem circular até 2006. Quando o ministro deixou de ter esses poderes, retaliou exigindo fundos especiais a distribuir por vários grupos afiliados com a Igreja para aconselhamento alternativo, alegando que o contrato de milhões de dólares para aconselhamento contra a gravidez efetivamente dissuadiria as mulheres de abortarem. Este ministro, um devoto Católico Romano, já antes advertira sobre "epidemias de abortos". Existem grupos antiaborto na Austrália, que ocasionalmente fazem as suas manifestações em frente a clínicas. Ao contrário dos EUA, onde a violência antiaborto é constante, apenas se registou um caso na Austrália em 2001 (em Melbourne) que resultou numa morte e numa condenação por homicídio. Existem também grupos que exigem a legalização da droga RU486. A população, parece satisfeita com o "status quo", e a maior parte dos políticos evita o debate, com a exceção de três senadores e do ministro da saúde que descrevem o aborto como uma "tragédia nacional" e tentam impor o aconselhamento obrigatório como forma de reduzir as taxas de aborto.⁶

36.4. SITUAÇÃO ESTADO A ESTADO

36.4.1. TERRITÓRIO DA CAPITAL AUSTRALIANA ⁷:

2 <http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:AbortionLawsAustraliaMap.png>

3 Lei da Federação de 1901

4 Exceto um caso isolado na Austrália Ocidental em 1998 que, de imediato, levou à legalização explícita do aborto em várias situações.

5 A pílula abortiva Mifepristone, desenvolvida na França quando tomada durante as primeiras cinco semanas da gravidez, bloqueia a ação da progesterona e o útero remove o embrião. <http://www.answers.com/topic/mifepristone>

6 http://en.wikipedia.org/wiki/Abortion_in_Australia

7 Australian Capital Territory (Território da Capital)

36.4.2. NOVA GALES DO SUL⁸:

A lei baseia-se num acórdão de 1971 (o acórdão Levine 1971⁹), o qual declarava que o aborto era legal caso o médico verificasse a existência de "qualquer base ou razão económica, social ou médica" para evitar um "perigo grave para a mulher grávida, a sua vida, ou a sua saúde física ou mental" a qualquer momento durante a gravidez. O acórdão Kirby em 1994, expandiu essa preocupação sobre a saúde para "qualquer período de tempo quer durante a gravidez quer durante toda a vida da mulher"¹⁰.

36.4.3. QUEENSLÂNDIA¹¹

O acórdão McGuire (1986) declarou o aborto legal quando necessário para evitar que a mulher corra graves perigos para a sua vida ou saúde (para além dos normais associados à gravidez e parto), no caso de prosseguir com a gravidez, desde que não sejam desproporcionais aos perigos que se pretendem evitar.

36.4.5. AUSTRÁLIA MERIDIONAL¹²:

A legislação de 1969 legalizou o aborto quando for necessário para proteger a vida ou a saúde física ou mental da mulher, tendo em consideração o presente ou futuro imediato, ou nos casos em que a criança possa nascer com deficiências graves. Os abortos terão de ser efetuados antes das 28 semanas e preferencialmente antes das 22 e 23 semanas, num hospital, após aprovação por dois médicos, sendo a grávida sujeita a testes sobre a residência legal.

36.4.6. TASMÂNIA¹³:

De 1925 a 2001, o código criminal proibiu o aborto ilegal, sem definir o que era legal ou não. Embora não se verificassem acusações de ilegalidade, pressupôs-se sempre que os acórdãos Menhennitt de 1969 (Estado de Vitória) e o de Levine (Nova Gales do Sul) se aplicavam à lei tasmânica. Em finais de 2001, o código criminal foi finalmente revisto e clarificado de forma a definir que os abortos têm de ser praticados sob um critério idêntico ao da Austrália Meridional.

36.4.7. VITÓRIA

A lei da Queensland segue de perto a do Estado de Vitória e do acórdão Menhennitt de 1969, segundo o qual os abortos são legais desde que necessários para preservar a vida e saúde da mulher.

36.4.8. AUSTRÁLIA OCIDENTAL¹⁴:

As leis assemelhavam-se às da Queensland embora ficassem por clarificar até 1998 quando se introduziam várias medidas liberalizantes. O aborto pode ser praticado até às 20 semanas de gravidez a pedido da mulher, sujeito apenas a aconselhamento médico; quando pudesse haver consequências graves para a grávida, de ordem pessoal, social ou familiar, caso não abortasse; quando a sua saúde física ou mental estivesse em perigo ou quando a gravidez causasse problemas graves à saúde mental da mulher. O aborto após as 20 semanas só poderá ocorrer no caso de o feto poder nascer com graves problemas médicos, comprovados independentemente por dois médicos.

36.4.9. TERRITÓRIO NORTE AUSTRALIANO¹⁵:

A legislação de 1974, baseia-se em idêntica legislação do Estado da Austrália Meridional e do Reino Unido, em que o aborto legal só pode ocorrer no caso em que o risco para a vida ou saúde da mulher seja maior do que aquele que haverá se a gravidez não fosse terminada ou se a criança tivesse hipóteses de nascer física ou mentalmente deficiente. O aborto necessita da aprovação de dois médicos sendo efetuado num hospital durante as primeiras catorze semanas da gravidez, exceto nos casos em que exista perigo grave para a saúde da mulher em que são permitidos até à 23ª semana de gravidez.

36.4.10. OPINIÃO PÚBLICA

No ano de 1990, cerca de 23% de todas as gravidezes australianas acabavam em aborto, estimando-se em 80 mil o número de mulheres que anualmente abortam. Em 1930 a média era de 33%. A taxa australiana é inferior à dos EUA (30%) e dos países da antiga cortina de ferro como a ex-Jugoslávia e Bulgária onde ronda os 50%. A opinião pública em 1998¹⁶ revelava que 65% dos australianos concordavam com o aborto cirúrgico e 25% desaprovava. ⁽¹⁷⁾ Em fevereiro de 2005¹⁸, 56% declaravam que as atuais leis de aborto em caso de perigo de vida ou de saúde, estavam corretas, 16% pretendia que as leis fossem mais abrangentes e 17% que elas fossem mais restritas. ⁽¹⁹⁾ Em fevereiro de 2006²⁰ um inquérito patrocinado pela Federação das Associações do Direito à Vida revelava que 51% se opunham a abortos por razões financeiras ou sociais embora apenas 32% se opusesse por razões médicas.²¹

36.4.11. ASSOCIAÇÃO DE SAÚDE PÚBLICA DA AUSTRÁLIA (PUBLIC HEALTH ASSOCIATION OF AUSTRALIA/PHAA)

O acesso a serviços de aborto em segurança é um assunto de saúde pública importante para as mulheres e suas famílias e deve ser considerado dentro do âmbito da saúde das mulheres e dos direitos humanos. Esta é a posição da Associação de Saúde Pública da Austrália que apoia a declaração da Organização Mundial de Saúde de 2004 a qual declara a prevenção de gravidezes indesejadas como prioridade máxima para evitar abortos sem segurança. Isto pode conseguir-se através do aumento do acesso a Planeamento Familiar e por uma melhoria da qualidade dos serviços de aborto e do apoio pós-aborto nos casos em que tal seja legal. A PHAA entende que só é possível reduzir o número de gravidezes indesejadas através duma política nacional de saúde reprodutora, acesso equitativo a contraceção ao alcance de todos, uma educação sexual abrangente e serviços descriminalizados de aborto numa sociedade tolerante e compreensiva, e a lei criminal não é o veículo apropriado para a regulamentação do aborto, que deveria constar da legislação sobre provisão de serviços médicos. Até 1971, o aborto era a causa de muitas mortes relacionadas com a gravidez, mas estas passaram a ser raras. Uma percentagem significativa de mulheres australianas sofre um aborto durante a sua vida sendo o aborto terapêutico a terceira mais importante cirurgia ginecológica. Num recente inquérito²² 81% dos inquiridos crê que a mulher deve ter o direito de decidir sobre se quer ou não praticar um aborto. No Censo de 2001, 58% (comparados com 39% em 1987) acreditava que a mulher devia ter acesso rápido ao aborto, e 30% dos restantes acreditava que o aborto devia ser possível em vários casos. A opinião pública favorece o acesso das mulheres ao aborto e não quer mais restrições²³ ou tem pontos de vista mais liberais²⁴: 93% dos ateus e agnósticos e 77% dos que professam qualquer fé religiosa (72% para os Católicos) concordam. Apenas 15% se opõem (Batistas, Luteranos e Pentecostais).

94% a favor - se a saúde da mulher estiver em perigo

92% a favor - para as vítimas de violação

88% a favor - em caso de defeito de nascimento

65% a favor - em casos de pobreza

63% a favor - para mães solteiras

59% o favor - para mulheres casadas que não querem mais filhos²⁵ Por seu turno, outro estudo (em todos os Estados e territórios australianos) a 2495 médicos de clínica geral revelou que 85% concorda que as mulheres tenham acesso a serviços de aborto. 37% tinha dificuldades em entender as leis do seu Estado e 25% estava bem informado sobre as leis de aborto para menores²⁶. Os métodos contraceptivos mais usados na Austrália são a pílula oral contraceptiva (36,6% - cada vez menos usada) e o preservativo (27%)²⁷. A pílula do último dia (legal desde janeiro de 2004²⁸) é uma forma bem aceite e tolerada para

8 New South Wales (Nova Gales do Sul)

9 Derivado do acórdão Menhennitt do estado de Vitória 1969.

10 <http://news.ninemsn.com.au/article.aspx?id=85183>

11 Queensland (Queenslândia)

12 South Australia (Austrália Meridional)

13 Tasmania (Tasmânia)

14 Western Australia (Austrália Ocidental)

15 Northern Territory (Território Norte)

16 Roy Morgan Research

17 <http://www.answers.com/topic/abortion-in-australia#wp-note-1>

18 2005 ACNielsen/The Age

19 <http://www.answers.com/topic/abortion-in-australia#wp-note-2>

20 Market Facts/Australian Federation of Right to Life Associations. 1200 Indivíduos auscultados.

21 <http://www.answers.com/topic/abortion-in-australia#wp-note-market-facts-survey>

22 2003 Australian Survey of Social Attitudes. 4219 Eleitores

23 Kelley and Evans 2003

24 Betts 2004; deVaus 2004

25 Kelley and Evans 2003

26 de Crespigny and Savalescu, 2004

27 Ford, Nassar et al, 2002

28 progesterone only emergency contraceptive pill ou o seu acrónimo ECP

contraceção de emergência²⁹, embora a sua utilização não esteja ainda muito divulgada³⁰. Para além destes dados, 22,5% das mulheres sofreram uma histerectomia e 19,3% dos homens uma vasectomia, enquanto 8% usavam o método do coito interrompido e 2,1% utilizavam diafragmas e IUD (implantes intrauterinos)³¹.

36.4.12. CONCLUSÃO:

A atual legislação criminal australiana sobre o aborto baseia-se ainda em leis inglesas do século XIX (desde então anuladas e substituídas naquele país) que classificam o aborto como um crime. Tal crime pode ser cometido quer pela mulher grávida quer pela pessoa que efetua o aborto. Várias modalidades legais foram acrescentadas ou sujeitas a emendas legislativas na maior parte dos Estados e Territórios, mas continuam a ser ambíguas, exceto no ACT (Território da Capital Australiana) onde o aborto foi descriminalizado e sujeito a legislação sobre a prestação de serviços médicos de aborto. Desde a década de 1950 que se tem verificado uma liberalização das leis sobre o aborto e a sua descriminalização³². Entre 1985 e 1997, as leis foram liberalizadas em 19 países incluindo Canadá, Checoslováquia, Camboja, Grécia, Malásia, Roménia, Espanha, Gana, Botswana, Hungria e África do Sul³³. De 46 milhões de abortos praticados por ano, 26 milhões são legais³⁴. Nos países onde é ilegal, as mulheres continuam a abortar³⁵ em condições de perigo para a sua saúde e vida. Nos países onde é legal a mortalidade ronda entre 0,2 e 1,2 mortes em cada 100 mil abortos, enquanto nos casos dos países subdesenvolvidos ronda as 330 mortes em cada 100 mil³⁶. Quando o aborto é feito em hospitais ou por pessoal qualificado a taxa baixa para 1 morte em cada 100 mil abortos^{37,38}.

29 Trussell, Koenig et al, 1997

30 McDonald and Amir, 1999; Jamieson, Hertweck et al, 1999

31 Richters, Grulich, de Visser, Smith and Rissel 2003

32 Cook 1989

33 Rahman, Katzive and Henshaw 1998

34 Henshaw, Singh and Haas 1999

35 Rahman, Katzive and Henshaw 1998

36 AGI 1999

37 Henshaw 1997

38 Bibliografia

Abortion In Australia Public Health Association 3rd Edition 2005.

Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS). Talking Sexual Health: National Framework for education about STIs, HIV/AIDS and blood-borne viruses in secondary schools. Australian National Council for AIDS, Hepatitis C and Related Diseases: Canberra.

Baldo, M., Aggleton, P., & Slutkin, G. (1993). Does Sex Education Lead to Earlier or Increased Sexual Activity in Youth? Presented at the Ninth International Conference on AIDS, Berlin, June 6-19 1993. Geneva: World Health Organization.

Betts, K. (2004). Attitudes to abortion in Australia: 1972 to 2003. *People and Place*, 12(4): 22-28.

Chan, D.J. & Bradford, D.L. (2004). A sexual health strategy for Australia – time for action. *Sexual Health*, 1: 197-199.

Cica N. (2003). Australian Abortion Law – a brief summary (unpublished)

Cook, R.J. (1989). Abortion laws and policies: challenges and opportunities. *Supplement to International Journal of Gynaecology & Obstetrics*, 3: 61-87.

De Crespigny L.J. and Savulescu J. (2004). Abortion: time to clarify Australia's confusing laws. *Medical Journal of Australia*, 181(4): 201-203.

de Vaus, D. (2004). Diversity and Change in Australian Families: Statistical Profiles. Australian Institute of Family Studies: Melbourne.

de Visser, R.O., Smith, A.M.A., Rissel, C.E., Richters, J., & Grulich, A.E. (2003). Experience of condom failure among a representative sample of men. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27(2) 217-222.

DiCenso, A., Guyatt, G., Willan A. & Griffith L. (2002). Interventions to reduce unintended pregnancies among adolescents: systematic review of randomised controlled trials. *BMJ*, 324: 1426-30.

Dickinson, J. E. (2004). Late pregnancy termination within a legislated medical environment. *Australian and New Zealand Journal of Obstetrics and Gynaecology*, 44: 337-341.

DiClemente (Eds.). *Handbook of HIV Prevention*. New York: Plenum Publishers, pp. 103-124.

Ellertson, C., Ambardekar, S., Hedley, A., Coyaji, K., Trussell, J., & Blanchard, K. (2001). Emergency contraception: randomized comparison of advance provision and information only. *Obstetrics and Gynaecology*, 98(4): 570-575.

Ford J., Nassar N., Sullivan E., Chambers G., Lancaster P. Reproductive Health Indicators, Australia, 2002. AIHW National Perinatal Statistics Unit, Sydney 2002. AIHW cat. No. PER 20.

Franklin, C., Grant, D., Cocoran, J., O'Dell-Miller, P. & Bultman, L. (1997). Effectiveness of prevention programs for adolescent pregnancy: a meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 59: 551-567.

General Practitioners: Attitudes to Abortion. (2004). Marie Stopes International: Melbourne.

Glazier, A. & Baird, D. (1998). The effects of self-administering emergency contraception. *The New England Journal of Medicine*, 339(1): 1-4.

Grattan, Michelle. (2005-02-16). "Poll backs abortion laws." *The Age*. Retrieved 2006-01-11.

Health Insurance Commission website: (<http://www.hic.gov.au/>)

Henshaw, S.K., Singh, S., & Haas, T. (1999). The Incidence of Abortion Worldwide. *International Family Planning Perspectives*, 25(Supplement): S30-S38.

Henshaw, S.K. (1997). Abortion laws and practice world-wide. *Choices: Sexual Health and Family Planning in Europe (IPPF)* 26(1): 1-6.

Jackson, R.A., Schwarz, E.B., Freedman, L. & Darney, P. (2003). Advance supply of emergency contraception: effect on use and usual contraception – a randomized trial. *Obstetrics and Gynaecology*, 102(1): 8-16.

Jamieson M.A., Hertweck S.P., Sanfillipo J.S. (1999). Emergency contraception: lack of awareness among patients presenting for pregnancy termination. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 12: 11-15.

Jemmot, J.B. & Jemmot, L.S. (2000). HIV behavioural interventions for adolescents in community settings. In John L. Peterson & Ralph J.

Kelley, J., & Evans, M.D.R. (2003). Trends in Australian attitudes to abortion, 1984-2002. *Australian Social Monitor*, 6(3): 45-53.

Ketting, E., & Visser, A.P. (1994). Contraception in The Netherlands: the low abortion rate explained. *Patient Education and Counseling*, 23(3): 161-171.

Killick, S.R., & Irving, G. (2004). A national study examining the effect of making emergency contraception available without prescription. *Human Reproduction*, 19(3): 553-557.

Kim, N., Stanton, B., Li, X., Dickerson, K., & Galbraith, J. (1997). Effectiveness of the 40 adolescent AIDS-risk reduction interventions: A quantitative review. *Journal of Adolescent Health*, 20:204-215.

Kirby, D. (2001). *Emerging Answers: Research Findings on Programs to Reduce Teen Pregnancy*. Washington, DC: National Campaign to Prevent Teen Pregnancy.

Market Facts (Queensland) (February 2006). "What Australians Really Think About Abortion" (PDF). Australian Federation of Right to Life Associations. Retrieved on 2006-07-26.

Mc Donald G, Amir L. (1999) Women's knowledge and attitudes about emergency contraception. *Australia and New Zealand Journal of Obstetrics and Gynaecology*.

Minnesota Department of Health (2004). Minnesota Education Now and Babies Later Evaluation Report 1998-2002. Prepared for the Minnesota Department of Health by Professional Data Analysts, Inc. and Professional Evaluation Services.

National Health and Medical Research Council Maternal Mortality Working Party (1988). Report on Maternal Deaths in Australia 1991-93. Canberra: Commonwealth of Australia. Adopted at the 1989 Annual General Meeting of the Public Health Association of Australia, amended at the 1996 Annual General Meeting and reaffirmed by the PHAA Board in 2005.

Nickson, C., Smith, A.M.A., Shelley, J. (2004). Intention to claim a Medicare rebate among women receiving private Victorian pregnancy termination services. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 28 (2): 120-123.

Pratt, A., Biggs, A., & Buckmaster, L. (2005). How many abortions are there in Australia? Parliamentary Library, Research Brief no. 9. 2004 -05 <http://www.aph.gov.au/library/pubs/rb/2004-05/05rb09.htm>

Queenslanders' Attitudes Towards Abortion. (1999) *Children by Choice*: Brisbane.

Rahman, A., Katzive, L., & Henshaw, S.K. (1998). A Global Review of Laws on Induced Abortion, 1985-1997. *International Family Planning Perspectives*, 24 (2): 56-64.

Richters, J. Grulich, A.E., de Visser, R.O., Smith, A.M.A., & Rissel, C.E. (2003). Sex in Australia: Contraceptive practices among a representative sample of women. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27(2): 210-216.

Roy Morgan International. (1998-03-03). Almost Two-Thirds Of Australians Approve Of Abortion. Retrieved 2006-01-11.

Skinner, S. R. & Hickey M. (2004). Current priorities for adolescent sexual and reproductive health in Australia. *MJA*, 179: 158-161.

Smith, A.M.A., Rissel, C.E., Richters, J., Grulich, A.E., & de Visser, R.O. (2003). Sex in Australia: Reproductive experiences and reproductive health among a representative sample of women. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27(2). 204-209.

Soon J.A., Levine M. Osmond B.L., Ensom M.H.H. & Fielding D.W. (2005). Effects of making emergency contraception available without a physician's prescription: a population based study. *Canadian Medical Association Journal*, 172(17): 878-83

Stephenson, J.M., Strange V., Forrest S., Oakley, A., Copas, A., Allen, E., Babiker, A., Black, S., Ali, M., Johnson, A.M., & the RIPPLE study team. (2004). Pupil-led sex education in England (RIPPLE study): cluster-randomised intervention trial. *Lancet*, 364:338-46.

Taft, A.J., Watson, L.F. & Lee, C. (2004). Violence against young Australian women and association with reproductive events: a cross-sectional analysis of a national population sample. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 28(4): 324-329.

Tennant, S., Hetzel, D., & Glover, J. (2003). *A Social Health Atlas of Young South Australians*, 2nd edition. Public Health Information Development Unit: Adelaide.

The Alan Guttmacher Institute (1999). *Sharing Responsibility: Women, Society and Abortion Worldwide*. New York: AGI.

The Consultative Council on Obstetric and Paediatric Mortality and Morbidity (CCOPMM). Annual Report for the year 2003, incorporating the 42nd survey of Perinatal Deaths in Victoria. Melbourne, 2004.

Trussell J, Koenig J, Ellertson C, Stewart F. 1997 Preventing unintended pregnancy: the cost-effectiveness of three methods of emergency contraception. *American Journal of Public Health*, 87: 932-937.

UNICEF. (2001). A league table of teenage births in rich nations. Innocenti Report Card No. 3, July 2001. Florence Italy: UNICEF Innocenti Research Centre.

United Nations (1996). Report of the Fourth World Conference on Women. Ch I: Declaration and Platform for Action, C, para. 106(k). New York: United Nations Department of Public Information.

United Nations (1999). Proposals for Key Actions for the further implementation of the Programme of Action of the International Conference on Population and Development. E/CN.9/1999/PC/CRP/Rev.3, para. 45(e). Revised working paper submitted by the Chairman: United Nations. 11 May 1999.

van der Klis K.A.M., Westenberg L., Dekker G. Keane R (2002). Teenage pregnancy: trends, characteristics and outcomes in South Australia and Australia. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 26(2) 225-131

Wight, D., Raab, G.M., Henderson M., Abraham C., Buston K., Hart G. & Scott S. (2002) Limits of teacher delivered sex education: interim behavioural outcomes from randomised trial. *BMJ*, 324:1430-5.

Williams, H. & Davidson S. (2004). Improving adolescent sexual and reproductive health. A view from Australia: learning from world's best practice. *Sexual Health*, 1: 95-105

World Bank (1993). *World Development Report 1993: Investing in Health*. Oxford: Oxford University Press for the World Bank.

World Health Organization (2004). *Unsafe Abortion: Global and regional estimates of the incidence of unsafe abortion and associated mortality in 2000*, 4th ed. Geneva: World Health Organization.

Uma certa madrugada, quando a Lomba da Maia (fevereiro 2007) e mais de 99,9% da população do arquipélago dormia, deliciava-me com um espetacular concerto de André Rieu no Radio City Music Hall em Nova Iorque e sonhei que com o dinheiro necessário para trazer os mais de cem elementos do grupo Johann Strauss, que acompanha André, se obtinham melhores resultados para a educação musical das massas do que todos os orçamentos dos Ministérios da Cultura desde 1975.

Era bonito ver as crianças e os adultos impelidos por aquela explosão musical saltarem a dançar para as coxias daquele espaço, com capacidade para mais de 10 mil pessoas. Era belo ver as lágrimas comovidas dos espetadores ao ouvirem óperas célebres ou a mais mundana *Amazing Grace* naquela partilha completa entre a orquestra, cantores, músicos e população.

Sonhei que era possível colocar as crianças açorianas a gostarem de música, dita clássica, e a ouvirem peças de Strauss a Mozart e outros sem as associarem a jogos de PlayStation.

Então, acordei e vi que a RTP só dava programas com interesse a partir das 3 da manhã, porque o que o povo gosta é de telenovelas...

I had a deram

37. 2. O DESAFIO DO SÉCULO XXI. 18 fevereiro 2007

O governo central em Lisboa esvazia de serviços o interior profundo e as pessoas são forçadas a buscar novas oportunidades na costa, em especial junto das metrópoles Lisboa e Porto.

À medida que esvaziarem as escolas, os politécnicos e universidades do interior atrás de si ficarão, apenas, os velhos abandonados.

Dantes, havia o prestígio dos filhos a estudarem cursos superiores, mas o desemprego dos licenciados, vai aumentar; quando os cursos superiores deixarem de equivaler a empregos e respeitabilidade, irá acentuar-se o fosso entre a cidade e as vilas e aldeias.

Os jovens raramente regressarão aos seus locais de origem, que sem importância ficarão - cada vez mais - desertos. Mesmo que houvesse emprego, não haveria escolas ou hospitais ou outros serviços nos locais de origem. Será o continuar da agonia dos mais velhos e das pessoas do interior, que se recusam a abandonar as suas terras e a sua herança patrimonial.

Assim, enquanto caem pontes em Entre-os-Rios e comboios no Tua, as faraónicas obras e elefantes brancos do TGV e OTA só servem para mascarar o país que somos.

Entretanto, com a subida das águas do mar o resto da costa irá desaparecer como se vê na gravura:



37. 3. O SILÊNCIO DOS BONS. 18 fevereiro 2007

"O que mais preocupa não é nem o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons" Martin Luther King

"... O que podes fazer pelo teu país" perguntou J. F. Kennedy.

Deputados, administradores de bancos e empresas públicas com reformas chorudas e corrupção.

Lucros exorbitantes nos bancos e empresas com administradores ex-ministros, ex-deputados, ex-qualquer coisa recebendo dividendos desmedidos. Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem sequer estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas.

Quero políticos a pensarem no país, a congelarem 150 deputados inúteis, a desburocratizarem, a pensarem no progresso da Nação sem betão nem alcatrão. Quero-os num hospital, repartição, tribunal, transportes públicos coletivos, a tirarem o seu número na fila sem privilégios nem mordomias, sem um médico de família como milhões de portugueses. Sonhei que o país tinha deixado de ser Lisboa.

Sonhei com aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados, e os mais idosos a usufruírem boas reformas. Não posso continuar silente e tenho de erguer o meu grito de revolta porque aquilo que todos ouvimos é apenas o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética.

Ando há meses a matutar neste tema. Aqui pelos Açores neste princípio do ano nada há a assinalar, a não ser a repetição de tradições como o dia dos amigos, seguido uma semana depois pelo dia das amigas agora deturpadas das origens e uma mera desculpa para umas jantaradas e umas sessões de strip masculino ou feminino conforme a audiência.

Entretanto começaram também nesta quarta-feira de cinzas (nesta Ilha de São Miguel Arcanjo) as habituais romagens dos romeiros que durante as próximas semanas irão encher as nossas estreitas estradas regionais com o seu colorido e cânticos nesta manifestação de fé ancestral mesclada de paganismo religioso.

O que se passa é a perda irreparável dos laços tradicionais entre pais e filhos, muitas vezes apenas mantida através da "compra" da sua presença por viagens e estadias. Tenho observado o fenómeno não só no seio da minha família alargada, mas em famílias que me rodeiam e em todas se verifica o mesmo fenómeno.

Lembro-me de durante as mais de duas décadas e meia em que estive expatriado sempre ter tido o cuidado de vir a Portugal ver pais e filhos. Ainda hoje quase lamento (deploro, lastimo) que em vez dessas viagens tivesse aproveitado para viajar mais pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas. Mas não fui, não é que tivesse saudades de vir cá, que isso foi coisa que perdi pelos 23 ou 24 anos, mas entendia ter a obrigação de vir cá já que os de cá jamais iriam lá... por mais bilhetes de avião que lhes mandasse ou por mais súplicas que fizesse.

Assim fiz e apesar de lamentar não ter ido a outras terras, acabei por vir para estar com a família, alargada a primos e seus descendentes, e mantive sempre esta ligação a um passado mítico que só muito mais tarde viria a desmistificar.

Os meus filhos gémeos mais velhos foram crescendo a milhas e o contacto era mais assíduo enquanto estávamos longe.

A partir do momento em que passei a residir aqui esse contacto foi-se esvanecendo e, por mais tentativas que fizesse, nunca consegui repor esse contacto ao nível da distância.

Acabei por me acomodar e aceitar a opção deles que nunca a minha.

Tudo mudou em 1996 ao radicar-me em Portugal: foi como se uma barreira até aí inexistente, o pai desejado porque longínquo e bem abonado de presentes, passou a ser o indesejado porque aqui ao pé pode querer meter-se na nossa vida.

Nunca o fiz nem tinha tenção de o fazer.

Enquanto o benjamim João (Nigel) cresce com o pai (tem agora dez anos) e a mãe, a filha estava na Austrália há seis anos sem vir cá, depois duma série de visitas entre os 8 e os 13 anos. Qual não foi o meu espanto quando em fevereiro de 2006 decidiu juntar dinheiro para vir cá ver o pai e demais família... assim o fez e muita alegria me deu. Dos outros filhos (os dela), tivemos cá a mais nova quando chegámos em agosto de 2005 porque pagamos a viagem e estadia aos três (ela, marido e a pequena neta agora com 4 anos) e o irmão veio cá em julho 2006 também porque a viagem nada lhe custou.

Em dezembro 2005 fomos voando pelo Atlântico mar para passar o Natal com a minha mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação, pois julgava que os filhos tinham esse dever. Esperava que os meus, (o nosso e os dela) fizessem o mesmo, mas não tivemos essa sorte.

Há um primo nosso em Ponta Delgada que tem uma filha em Lisboa e outra em Angola e regularmente vêm visitá-lo (quando não são eles a irem lá).

Também ele apostou nos incentivos económicos à vinda delas.

Temos outro casal amigo cujos filhos únicos estão aqui noutras ilhas e são os pais que cá vêm se não querem passar a vida a enviar bilhetes para os filhos os visitarem.

Discordo veementemente deste método e a partir de agora quem vier cá virá à sua custa sem subsídios.

Estive [e estou] sempre disposto a fazer tudo o que fosse preciso pelos meus pais (desde que isso não envolvesse a minha vida pessoal, amorosa, etc.) e sonhei durante anos que isso se repetiria comigo, mas já tirei o cavalinho da chuva.

Que se passou, entretanto?

Erramos na educação dada aos filhos, não lhes inculcámos valores pelos quais nos guiámos durante as nossas vidas?

Não soubemos transmitir esses laços?

Algo fizemos, mas a sociedade em que eles vivem nada tem a ver com a nossa ou então, foi a sociedade que mudou os paradigmas em que nós assentávamos.

O casamento deixou de ser uma meta na vida, as pessoas jovens agora amancebam-se para ver se dá e para pagarem menos impostos, assim se não der ou quando não der, é muito mais fácil e económico, cada um vai à sua vida.

Os filhos não programados vêm quando vêm e depois logo se vê, porque, entretanto, vão-se aproveitando de os pais serem à moda antiga e sempre vão entrando com o que for preciso para terem a alegria de verem o/a/s neto/as. Uma palavra que se usava na minha infância define-nos como pais: somos uns palonços....

Eles irão aprender à custa própria, como nós o fizemos, e antes de nós tantos outros. Esta apenas é uma reação ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal que ocorre em volta e para a qual não estávamos preparados e que, como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para enfrentarem as diferenças e prosseguir.

Quando eles aprenderem é bem provável que nos telefonem a solicitar a nossa comiseração e talvez até mais um pequeno subsídio para enfrentarem as dificuldades. Estou céptico e negativista pois sei que a velhice (com ou sem subsídios) vai encontrar um grande silêncio por parte deles incapazes de nos verem envelhecer como eu vi envelhecer e soube aceitar graciosamente as mudanças que isso implicou nos meus pais. Sei que desiludi durante décadas os meus pais que queriam fazer de mim uma imagem outra dum espelho em que eu não estava, mas nada disso peço aos meus filhos.

Vou tentar concentrar-me no mais novo e dar-lhe o mais que puder da minha geração em termos de experiência e de conselhos ÚTEIS, pois ele para já beneficiou de ter vivido mais tempo com o pai do que qualquer um dos outros e isso para mim foi ótimo embora não saiba bem se para ele também o foi.

Quanto ao resto forçosamente irei fazer os mesmos telefonemas que faço para a minha mãe, sem me lembrar de que raramente recebemos um telefonema dos filhos e se queremos saber deles somos nós a tomar a iniciativa. Assim correm as modas neste fim de fevereiro de 2007

CRÓNICA 38. DO ENVELHECIMENTO EUROPEU À ISLAMIZAÇÃO, 24 MARÇO 2007

38.1. DO ENVELHECIMENTO EUROPEU

Vem tudo isto a propósito de a minha mãe ter completado 84 anos saudáveis e rijos anos em 2009, esta semana, mantendo a tradição octogenária e nonagenária daquele ramo familiar. O envelhecimento da população significa um aumento da dependência e um eventual decréscimo do potencial crescimento.

Segundo as Nações Unidas, do total de países da esfera europeia, apenas um apresenta uma taxa de fecundidade acima da média - a pobre e pequena Albânia. Os restantes, da Rússia à Irlanda, evidenciam taxas de fecundidade que variam entre uma taxa bastante baixa ou quase inexistente. A Europa está na iminência de se tornar num lar da terceira idade. A Europa foi, em tempos, pioneira da modernidade. O Departamento para População das Nações Unidas estima

que a população europeia decresça 13% entre 2000 e 2050 e que a média etária aumente dez anos, passando então para os 48 anos.

A baixa fecundidade e o aumento da esperança de vida são os pilares destas mudanças. Ambos os fatores resultam de situações benignas: o controlo da fertilidade por parte das mulheres e o crescente bem-estar das sociedades. Estas alterações demográficas implicam um decréscimo do potencial crescimento económico. Segundo a Comissão Europeia, a Europa - encarada como um todo -, poderá muito bem assistir a uma acentuada quebra da taxa de crescimento, a qual pode descer dos 2-2,25 % ao ano para cerca de 1,25%. O envelhecimento da população impede o crescimento da produtividade.

Como fazer frente a estes desafios? Os desafios não são, contudo, meramente económicos. Uma sociedade onde mais de 40% da população se situe acima dos 60 anos e apenas 13% esteja abaixo dos 14 anos – cenário previsto para Espanha e Itália, é, no fundo, uma situação sem precedentes, além de preocupante. Com taxas de fecundidade próximas dos 1%, a população nativa fica reduzida a metade a cada nova geração. (...)

A ONU estima que em 2050, mais de 10% da população de países como a Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Itália, Noruega, Eslovénia, Espanha, Suécia e Suíça terá mais de 80 anos – ou seja, serão eles a chamada terceira idade. A maioria dos cidadãos, entre os 60 e os 80 anos, constituindo 20% a 30% da população em 2050, deverá sustentar-se a si mesma.

É aqui que entra a imigração. As pressões relativas à imigração vão acentuar-se devido às baixas taxas de crescimento populacional e à elevada taxa de natalidade registada nos países vizinhos. Este tipo de imigração deve, porém, ser planeado de forma a minimizar atritos, capitalizando antes os benefícios. Trata-se de uma vasta agenda. Será, sem dúvida, uma árdua tarefa para os países ricos da Europa Ocidental e, ainda mais árdua, para a Europa Central e de Leste que têm de fazer face aos mesmos desafios, mas com salários inferiores. Estes devem, antes de mais, aproveitar os próximos dez a vinte anos para crescer, para que as suas economias possam alcançar os padrões de vida dos seus vizinhos ricos.

No sul da Europa o declínio da taxa de natalidade é o mais acentuado: 1,45 em Portugal, 1,27 na Grécia, 1,23 em Itália e 1,15 em Espanha. Em 2050, prevê-se que a média etária destas populações oscile entre os 49 anos, em Portugal, e os 52 anos, em Itália. Estima-se que a população decresça entre os 8% em Espanha e os 22% em Itália. Os três países mais ricos do centro da Europa, Alemanha, Áustria e Suíça, registam igualmente baixas taxas de natalidade: Áustria (1,28), Alemanha (1,35) e Suíça (1,41). Prevê-se, também, que a população suíça diminua 19% em 2050, a austríaca, 9% e a alemã, 4%. A modesta descida prevista para a Alemanha justifica-se com base no aumento da imigração.

Nos países do norte e leste da Europa, regista-se uma taxa de natalidade relativamente alta que oscila entre uma taxa mais elevada na Irlanda - 1,9 nascimentos - e uma mais baixa, no Reino Unido - 1,6 nascimentos por cada mulher. Os restantes países encontram-se no meio desta tabela: França (1,89), Noruega (1,8), Dinamarca (1,77), Finlândia (1,73), Luxemburgo (1,73), Holanda (1,72), Bélgica (1,66) e, por fim, a Suécia (1,64). A população do Reino Unido deverá crescer 13% devido, em grande parte, à imigração.

Os mais recentes países na União Europeia - incluindo a Bulgária e a Roménia -, registam baixas taxas de natalidade que podem variar entre os 1,1 na Letónia e os 1,32 na Roménia, enquanto a Polónia, regista 1,26. Estes países sofrerão, igualmente, grandes quebras populacionais nos próximos cinquenta anos, podendo oscilar entre uma pequena descida de 8% na Eslováquia e uma descida acentuada de 52% na Estónia. O maior abrandamento de crescimento de população, porém, deverá verificar-se mais a Leste. Estima-se que a população russa decresça em 30%, acompanhada de perto pela Ucrânia, com uma descida de 36% entre 2000 e 2050.

38.2. A TAXA DE NATALIDADE EM PORTUGAL BAIXOU PARA METADE EM 40 ANOS, SEGUNDO RECENTES ESTUDOS DA UE, QUE RECOMENDA UM AUMENTO DA IMIGRAÇÃO PARA ASSEGURAR O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

De acordo com o estudo «Confrontando a alteração demográfica: uma nova solidariedade entre as gerações», um casal português tinha em média três filhos em 1960, mas em 2003 essa média baixou para 1.5. O relatório, que alerta para o facto de os europeus terem uma taxa de «fertilidade insuficiente para a substituição da população», indica que em todos os países europeus a taxa de natalidade está abaixo do valor mínimo para a renovação da população (cerca de 2.1 por casal), tendo caído para 1.5 filhos por casal em muitos Estados-membros, incluindo Portugal.

Desta forma, o relatório da Comissão Europeia sugere que «serão necessários maiores fluxos de migrações para satisfazer as necessidades de trabalho e salvaguardar prosperidade europeia». Segundo o estudo, a imigração nalguns países da UE tornou-se «vital» para assegurar o crescimento populacional.

O Público tratava deste assunto recentemente:

Ricardo Garcia 23 de janeiro de 2006, Público

A imigração diminuiu na Europa, em 2005, mas ainda assim foi responsável por 84 por cento do aumento da população. Um balanço demográfico divulgado pelo Eurostat – a agência de estatísticas da União Europeia (UE) – indica que os 25 Estados-membros, somados, aumentaram a sua população em cerca de dois milhões de pessoas no ano passado. A maior parte (mais de um milhão e meio) ³⁹são novos imigrantes - cerca de 1.690.000.

Neste número estão incluídos os imigrantes que chegaram à UE em 2005 e também os que, estando já cá, regularizaram a sua situação. Houve um decréscimo em relação a 2004, quando se registaram 1.852.000 novos imigrantes - um pico absoluto desde 1960.

Não fosse a imigração, a população europeia teria aumentado apenas 327.000 pessoas – uma taxa de crescimento de apenas 0,07 por cento. O número de nascimentos cresceu ligeiramente em 2005, mas o número de mortes subiu ainda mais. Na prática, o crescimento natural da população foi mais lento.

Em média, em cada semana de 2005 nasceram 92 mil europeus, morreram 86 mil e entraram 32 mil imigrantes. A Espanha responde por 38 por cento de toda a imigração europeia, com 652 mil novos estrangeiros registados como residentes no ano passado

A seguir está a Itália (338 mil novos imigrantes). Sem a imigração, a população italiana teria decrescido: houve 28 mil mortes a mais do que nascimentos.

Os dados do Eurostat confirmam a tendência europeia para uma redução progressiva da natalidade. Nas últimas quatro décadas, o número de filhos por mulher tem caído ano a ano. Na década de 1960 – quando a população mundial registou as mais altas taxas de crescimento de sempre – nasciam por ano mais de sete milhões de crianças na Europa. O número foi diminuindo e atingiu o ponto mais baixo em 2002 – ano com a menor taxa de natalidade desde o fim da II Guerra Mundial. Hoje, há menos de cinco milhões de nascimentos por ano.

Com poucas crianças e cada vez mais idosos, a Europa enfrentará sérias dificuldades no campo da segurança social. Há cerca de duas semanas, o ministro das Finanças português, disse que, com a atual tendência de envelhecimento da população, dentro de apenas dez anos o Estado português não terá dinheiro para pagar reformas.

De acordo com um estudo realizado pela ONU em 2000, os 15 Estados-membros mais antigos da UE precisariam de receber 674 milhões de imigrantes, até 2050, para poder equilibrar a conta entre os contribuintes e os beneficiários da segurança social.

Portugal aparece nas estatísticas do Eurostat com uma população de 10,5 milhões de habitantes. A estimativa oficial, do Instituto Nacional de Estatística, aponta para 10.529.255 em 31 de dezembro de 2005. Segundo o INE, no ano passado houve uma quebra de 2,9 por cento no número de nascimentos, em relação a 2004. Mas os óbitos também caíram (6,2 por cento).

O crescimento natural da população portuguesa em 2005 foi o mesmo da média europeia: apenas 0,07 por cento. Em números absolutos, entre nascidos e mortos o país ganhou cerca de sete mil habitantes. Assim como no resto da Europa, a maior parte do aumento da população esteve por conta dos imigrantes – 41 mil novos estrangeiros, segundo o Eurostat.

A Alemanha regista já a menor taxa de natalidade da União Europeia (UE) e, se a situação se mantiver, em 2050 haverá menos 32 milhões de alemães. Assim como no Reino Unido já se fazem contas à crescente islamização da população e às suas projeções num futuro que é já daqui a cem anos, também seria importante saber em Portugal qual a taxa de crescimento das populações não-europeias.

Estes números não são divulgados, ou por não existirem, ou por se temer reação da sua divulgação. Admitamos que a taxa de crescimento populacional dos não-europeus é a mesma que nos seus países de origem. A taxa de mortalidade infantil nos PALOP é de 93 crianças por cada mil nascimentos.

Em Portugal essa taxa é de apenas 7/1000 nascimentos. Outro fator é a taxa de fertilidade. Nos PALOP cada mulher tem 5,74 filhos enquanto em Portugal esse número é de 1.35. Os imigrantes africanos trazem consigo uma mentalidade típica como por exemplo o de que o "valor" de um homem se mede pelo número de filhos que tem.

Quantos não-europeus, legais, ilegais e nascidos cá, são residentes no nosso país ninguém sabe mas vamos admitir um valor entre 100 000 (1% da população) e 1 milhão (10%).

Considerem-se as hipóteses de imigração:

Portas fechadas: nesta hipótese não entram mais imigrantes

Portas abertas: continuam a entrar à razão de 10-20 000 por ano.

% Pop. Total	2,8	4,6	6,4	8,2	10
N.º desc. Imig.	280 000	460 000	640 000	820 000	1 milhão

In A. Stonefield – "30 de fevereiro" – 05.mai.06 <http://www.libreopinion.com/members/imigport/Proieccoes.htm>

Se admitirmos que o total de residentes não-europeus neste momento é de 460 000 pessoas, isso equivale a 4,6% da população total. Neste caso e na situação de portas fechadas a maioria negra é atingida no ano 2200. Com as portas abertas essa data passa a ser atingida até 2100-2130. Não se confundam estes dados com desejos arianos, mas apenas com uma provável evolução demográfica com base nos dados atuais.

38.3. MAIS DE 65 MIL EMPRESAS FECHARAM EM PORTUGAL NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.

A legião dos desempregados continua a crescer na União Europeia e não há política, recomendação ou iniciativa que lhe ponha um travão. Em novembro de 1997 na União Europeia, então apenas 15 países, 18.212.500 dos 385 milhões de cidadãos, 10,8 por cento da população ativa europeia estava desempregada. Agora há já 36 a 39 milhões de desempregados, dispersos por 25 países, sequiosos de alguns dias de trabalho para alimentar a esperança. Ninguém acredita que saiam à rua, porque seguem religiões onde os extremismos não têm lugar.

Contudo, pode haver um dia; pode sempre haver um dia, em que as manifestações de desagrado num Estado encontrem eco noutra. A estabilidade de que todos gozamos poderia então ficar ameaçada pelos terroristas desempregados. Mas para isso temos aí a polícia, uma polícia cada vez mais eficiente, mais forte e bem equipada. Mesmo que as Escolas fechem e o Ensino se degrade. Que os Hospitais e Centros de Saúde sejam sacrificados no altar do défice. Há sempre a medicina convencional. Pensar livremente a Europa devia ser uma tarefa prioritária. O Velho Continente está a ficar moribundo. Estamos na Era da Ásia, é um facto, mas isso não implica a demissão europeia.

Vejamos agora a situação concreta Portuguesa quanto a pensões e reformas.

Existem em Portugal quase 2,2 milhões de pessoas que recebem pensões pagas pelo regime geral da DSS, dos quais 85 por cento (mais de 1,8 milhões) são inferiores a 380 euros (salário mínimo nacional). As pessoas que vão saindo do sistema (um eufemismo para designar os que morrem) têm, em média, pensões muito mais baixas do que aquelas que para lá entram diariamente. Basta pensar nos que se reformaram "à pressa" nos últimos meses e anos: o número de reformados com pensões acima dos 4.000,00 euros duplicou em 2006; só as 1500 pessoas que, no primeiro trimestre de 2006, se aposentaram com pensões médias de 5.000,00 euros vão-nos custar 105 milhões de euros por ano!

E neste aspeto a situação só tende a piorar. A única maneira de os jovens atuais terem uma pensão justa, é acabar desde já com todas as pensões injustas, mordomias e regimes de exceção que se implementaram ao longo do tempo, para políticos, gestores públicos e mesmo funcionários públicos, a começar pelas reformas mais altas. Refazer o cálculo das pensões destes aposentados tendo em conta toda a sua carreira contributiva - com as mesmas regras que vão ser aplicadas nos atuais jovens - para que recebam a partir de agora a quantia a que têm verdadeiramente direito, e quiçá impor um teto máximo por cada pensão paga pela DSS. Atualmente há 2,6 trabalhadores ativos por cada reformado quando, há 20 anos, havia 3,8 trabalhadores ativos por cada pensionista.

Segundo o governo, para responder a isto, das duas três: ou os portugueses trabalham mais anos, ou descontam mais, ou recebem reformas menores. Trabalhar mais anos é, na verdade, impensável. Além disso, o patronato também não gosta muito da ideia, porque a partir dos 65 anos os trabalhadores são menos produtivos e é por isso que nos seus anúncios não querem contratar ninguém com mais de 35 anos. Descontar mais? Ainda se ao menos esse dinheiro fosse para alguma coisa útil, mas não...boa parte dele vai parar aos bolsos dos ditos cujos. Receber reformas menores ainda é capaz de ser o que seja mais aceitável.

Chega-se facilmente à conclusão de que existem 5,7 milhões de trabalhadores ativos e, para termos uma proporção entre ativos e aposentados semelhante à que existia nos anos 80, deviam existir 8,4 milhões de trabalhadores ativos. Ou seja, faltam-nos 2,7 milhões de trabalhadores! Daqui a 40 anos, quando todos eles estivessem reformados, precisávamos de 32 milhões de trabalhadores para garantir as respetivas pensões. Passados 40 anos seriam precisos 120 milhões de trabalhadores para garantir as pensões dos anteriores...e assim sucessivamente.

Se de facto precisamos de 2,7 milhões de trabalhadores para agora, há uma solução imediata: abrir as portas à imigração. Certamente que iam sobrar candidatos brasileiros, ucranianos, asiáticos ou africanos, atraídos pela miragem europeia, e o problema resolvia-se de imediato. Creio que essa será a única solução viável a curto prazo para a perpetuação da Europa, mas implicará a longo prazo a sua aniquilação, pelo menos no formato e contexto em que a conhecemos. Quando isso acontecer a civilização ocidental como a conhecemos nestes últimos cinco séculos terá seguido o destino das velhas civilizações da Grécia Antiga, ao Império Romano, aos faraós, ou mesmo ao Império Otomano.

Assim como a grande civilização grega nada tem a ver com a Grécia atual, assim a Europa seguirá os seus passos. Assim como a Itália atual nada tem a ver com o Império Romano, ou o Egito com a Terra dos Faraós. Enquanto a Europa se islamiza, a China e a Índia continuarão a progredir economicamente sem interesse nestas regiões periféricas dos seus futuros impérios a não ser como entrepostos comerciais. Os EUA irão rapidamente cair em declínio e aproximar-se da situação dos seus vizinhos da América do Sul. A África continuará como até agora irrelevante. Tudo isto será entremeadado de mais umas quantas guerras em vários pontos de leste a oeste, umas com conotações religiosas, outras nem por isso, mas o grande reinado da Europa que da Idade Média até aos nossos dias foi o poder dominante do mundo está prestes a acabar.

Leonardo Boff, Teólogo escrevia em setembro de 2009 matéria para refletirmos:

A tradição do Tao vê a história como um jogo dialético e complementar de dois princípios: yin e yang, forças subjacentes a todos os fenómenos humanos e cósmicos. Procurando luzes para sair da crise global talvez este olhar holístico dos sábios orientais possa inspirar. A figura de referência para representar estes dois princípios é a montanha.

O lado norte, coberto pela sombra, é o yin, que em chinês quer dizer sombreamento e corresponde à dimensão Terra. Expressa-se pelas qualidades da alma, do feminino nos homens e nas mulheres: o cuidado, a ternura, a acolhida, a cooperação, a intuição e a sensibilidade pelos mistérios da vida.

O yang significa a luminosidade do lado sul e corresponde à dimensão Céu. Ganha corpo no animus, as qualidades masculinas no homem e na mulher como o trabalho, a competição, o uso da força, a objetivação do mundo, a análise e a racionalidade discursiva e técnica.

A sabedoria milenar do Taoísmo ensina que as duas forças devem ser balanceadas para que o caminhar das coisas se faça dinâmica e harmonicamente. Se uma predomina sobre a outra, importa buscar o equilíbrio difícil entre elas.

O yin e o yang remetem a uma energia mais originária, um círculo que contem a ambos: o Shi. Os cristãos falam do Spiritus Creator, ou do Sopro cósmico, que enche e dinamiza toda a criação. Os modernos cosmólogos se referem à constante cosmológica que é a Energia que produziu aquele minúsculo ponto que se inflacionou e depois explodiu – big bang – dando origem ao nosso universo. Após esta incomensurável explosão, a Energia de fundo desdobrou-se nas quatro forças fundamentais que atuam sempre juntas e que subjazem a todos os eventos – a energia gravitacional, eletromagnética, nuclear fraca e forte – para as quais não existe, na verdade, nenhuma teoria explicativa.

A nossa cultura ocidental, hoje globalizada, rompeu com esta visão integradora e dinâmica. Enfatizou tanto o yang que tornou anêmico o yin. Permitiu que o racional recalcesse o emocional, que a ciência se inimizasse com a espiritualidade, que o poder negasse o carisma, que a concorrência prevalecesse sobre a cooperação e a exploração da natureza descurasse o cuidado e o respeito devidos.

Este desequilíbrio originou o antropocentrismo, o patriarcalismo, a pobreza espiritual, a cultura materialista e predadora e a atual crise ecológica global.

Só com a integração da força do yin, da alma, da logique du coeur (Pascal), do mundo dos valores, corrigindo a exacerbação do yang, do animus, do espírito de dominação, podemos proceder às correções necessárias e dar novo rumo ao nosso projeto planetário. Se não encontrarmos um ponto de equilíbrio tudo pode acontecer, até um flagelo antropológico.

Precisamos de uma loucura sábia que faculte uma nova síntese entre os dois polos para reinventar um caminho que nos garanta o futuro.

38.4. DOS FARAÓS

Num estudo sobre 21 civilizações extintas, um grande historiador inglês do século XX, Arnold Toynbee, descobriu dois fatores em comum a todas elas: "a concentração de riqueza e propriedade nas mãos de poucos e a incapacidade de fazer mudanças necessárias em tempo antes de sua extinção. O mesmo acontece conosco hoje. O mundo está doente e precisa de líderes corajosos e sábios".

Consultemos a Wikipédia para lembrar a história e o fim das civilizações, que inexoravelmente se repete, sem se registarem melhorias do comportamento dos Homens que a habitam.

Calcula-se que pelo menos desde 5000 a.C. as margens do Nilo sirvam de suporte a comunidades agrícolas, mas foi só em 3100 a.C. que o Egito deu o grande salto civilizacional. Um rei de nome lendário Menes unificou os reinos do Baixo Egito, localizado no Delta, e do Alto Egito, ao sul, e, sem querer, deu início a 31 dinastias de faraós e fundou o Império mais longo da Antiguidade. Tempo de sobra para construir mais de 700 templos, erguer cerca de 80 pirâmides, criar o primeiro calendário da História - o primeiro a detetar que o ano tem 365 dias - e inventar a escrita hieroglífica, base do alfabeto que usamos hoje. Tudo graças ao Nilo. Sem o rio servindo de artéria única e permitindo o cultivo das suas margens, o Egito jamais teria acontecido. A tecnologia e o modo egípcio de organizar o mundo certamente teriam surgido em algum outro lugar, mas possivelmente bem mais tarde e o mundo de hoje seria um bocado diferente. Os egípcios fizeram do grande rio a sua despensa, a sua estrada e uma eficaz via de comunicação. Quem tinha o Nilo nunca precisou inventar a roda. Até as múmias se valiam do Nilo. Depois da vazante, uma das substâncias que ficam no solo é o natrão (carbonato de sódio hidratado), cuja característica é a formidável capacidade de absorver a humidade do ar - e, assim, retardar a decomposição orgânica. Durante o processo de mumificação, o cadáver era conservado numa solução de natrão por vários dias, até que fosse desidratado. Dessa forma, o corpo era mantido praticamente como era em vida, o que assegurava uma viagem tranquila ao mundo dos mortos. Sem o Nilo, os faraós talvez nem se tivessem tornado múmias. O Egito deixou de ser faraônico em 332 a.C. ano da invasão de Alexandre, o Grande. Depois vieram os romanos e por fim os árabes, que mudaram a configuração do país a tal ponto que a única coisa que os faraós reconheceriam do seu Egito de há 4 mil seria o Nilo e o que restou de seus templos. Originalmente um golfo do Mediterrâneo, o Delta do Nilo foi preenchido durante milénios pela aluvião do rio. Ganhou um solo rico em nutrientes, bom para as plantações de cítricos, trigo, algodão e hortaliças. E ganhou também aquela que já foi uma das cidades mais importantes do planeta. Alexandria nasceu grega, decretando o fim dos faraós, e dela os patrícios de Platão fizeram a depositária de séculos de conhecimento, bem guardados dentro da célebre Biblioteca. No Vale do Nilo, ao sul do Cairo, o rio é uma via de tráfego intenso.

38.5. GRÉCIA

A antiga Grécia Continental estava confinada com a Ilíria a norte, a leste com o mar Egeu, a oeste com o Jónico, e a sul com o Mediterrâneo. Tinha mais de 100.000 km². As suas montanhas, céu quase sempre azul e clima suave faziam da Grécia um dos mais maravilhosos e melhores países do mundo. Foi naquele pequeno país que a civilização ocidental começou há mais de dois mil e oitocentos anos. Naquele tempo a civilização grega estava dividida em cidades-estado que dominavam grandes áreas das margens do Mediterrâneo e do mar Negro. Atualmente, a Grécia é um único país de poder reduzido, e menos desenvolvidos da Europa. Há milhares de anos, os gregos estabeleceram tradições de justiça e liberdade individual que são as bases da democracia e da economia de mercado. A sua arte, filosofia e ciência tornaram-se fundamentos do pensamento e da cultura ocidentais. Os gregos da Antiguidade chamavam a si próprios de Helenos (todos que falavam o grego, mesmo que não vivessem na Grécia Continental), e davam o nome de Hélade a sua terra. Os que não falavam o grego eram chamados de bárbaros. Nunca formaram um governo central, porém estavam unidos pela mesma cultura, religião e língua.

38.6. IMPÉRIO ROMANO

O Império Romano nasce da expansão crescente de Roma nos séculos III e II a.C.

Segundo alguns historiadores, a população sob o domínio de Roma aumentou de 4 milhões em 250 a.C. para 60 milhões em 30 a.C., de 1.5% da população mundial, para 25%.

Nos últimos anos do século II a.C., Gaius Marius transforma o Exército Romano num exército profissional, no qual a lealdade dos soldados de uma legião é declarada ao general que a lidera e não à pátria. Este facto, combinado com as numerosas guerras que Roma travou nos finais da República⁴⁰ favoreceu o surgimento de líderes militares (Sulla, Pompeu, Júlio César), que, apercebendo-se da força à sua disposição, começam a utilizá-la como meio de obter ou reforçar o seu poder político.

As instituições republicanas encontravam-se em crise desde o princípio do século I a.C., quando Lucius Cornelius Sulla quebrou todas as regras constitucionais ao tomar a Cidade de Roma com o seu exército, em 82 a.C., para se tornar ditador vitalício. Sulla acabaria por resignar e devolver o poder ao senado romano, mas, no entanto, o precedente estava lançado. Uma vez que o primeiro Imperador, César Augusto, sempre recusou admitir-se como tal, é difícil determinar o momento em que o Império Romano começou. Por conveniência, coloca-se o fim da República em 27 a.C., data em que César Augusto adquire este cognome e em que começa, oficialmente, a governar sem parceiros. Outra corrente de historiadores coloca o princípio do Império em 14 a.C., ano da morte de Augusto e da sua sucessão por Tibério.

Nos meios académicos, discutiu-se bastante a razão pela qual a sociedade romana, habituada a cerca de cinco séculos de República, aceitou a passagem a um regime monárquico sucessório. A resposta centra-se no estado endémico de guerra civil que se vivia nos anos prévios a Augusto e no longo reinado de quarenta e cinco anos que se seguiu, notável pela paz interna. Com a esperança de vida média em cerca de quarenta e cinco anos, à data da morte de Augusto, o cidadão romano médio não conhecia outra forma de governação e estava preparado para aceitar um sucessor. Augusto era também comandante-chefe do exército e decidia a guerra ou a paz e autoneomeou-se tribuno por toda a vida. Embora não sendo especialmente dotado para a estratégia, tinha bons generais e de confiança, como Agripa, que anexou oficialmente o Egito, que já estava sob domínio romano havia 40 anos, toda a península Ibérica, a Panónia, a Judeia, a Germânia Inferior e Superior e colocou as fronteiras do Império nos rios Danúbio e Reno, onde permaneceram por 400 anos.

O Império que Augusto recebeu era vasto e heterogéneo, com várias línguas e vários povos. O grego era a língua mais falada nos territórios orientais, e o latim progredia pouco nestes territórios, mas nos territórios ocidentais era a língua mais falada. Augusto passou a tratar todos os habitantes do Império como iguais e visitou várias zonas para verificar quais os problemas de cada província, o que levou a que estas florescessem e atingissem o máximo do seu desenvolvimento.

Do ponto de vista organizativo, pouco mudou. Cláudio introduziu reformas e procurou a prosperidade do Império, pois à data da sua ascensão ao trono era já um homem maduro. Cláudio foi o responsável pela invasão romana das ilhas britânicas em 43, que se saldou pela adição de mais uma província ao Império. Em 64, durante o reinado de Nero, Roma foi consumida por um violento incêndio⁴¹ e começaram as perseguições aos cristãos. Os Julio-Claudianos foram eficazes em espalhar o culto imperial.

Alguns deles, como Cláudio, foram deificados em vida e elevaram à dignidade divina muitos dos seus familiares (alguns subsequentemente assassinados). Uma das mais notáveis obras de engenharia clássica, o Coliseu de Roma, mandado erigir por Vespasiano, serviu para inúmeros espetáculos, incluindo dramatizações de batalhas navais. Vespasiano⁴² mostrou ser um Imperador responsável e razoável em comparação aos excessos perpetrados pelos Julio-Claudianos. Apesar de ser um autocrata, procurou reorganizar o exército, as finanças do Estado e a sociedade romana. Aumentou os impostos, mas erigiu

40 (Invasão dos Cimbrs e Teutões, Guerras contra Mitridates, rei do Ponto, entre outras, a culminar nas guerras civis do tempo de César e Augusto)

41 (do qual o próprio imperador é muitas vezes erroneamente considerado culpado)

42 (Titus Flavius Vespasianus)

grandes obras. Como antigo governador e general, Vespasiano sabia qual o melhor para as províncias e como manter o exército satisfeito, tudo condições indispensáveis para a estabilidade de um reinado.

O seu filho, Tito Flávio, sucedeu-lhe em 79. Em agosto desse ano, o vulcão Vesúvio destruiu as cidades de Pompeia e Herculano e, em 80, Roma foi de novo consumida por um incêndio. Em 81, Tito é sucedido pelo irmão Domiciano, pouco à altura das capacidades dos seus familiares. Assim, tal como na dinastia Julio-Claudiana, o que começou por ser um período de prosperidade, depressa caiu em instabilidade política. Domiciano revelou-se tão paranoico como Calígula ou Nero e as atrocidades do seu reinado valeram-lhe o epíteto de pior Imperador de sempre. Quando em 96 Domiciano é assassinado, Roma encontra-se bastante cética quanto à validade do modelo dinástico e a sucessão imperial evoluiu para o conceito do mais apto. Esta mudança deu origem ao período dos cinco bons imperadores. Depois do assassinato de Domiciano, o senado nomeou Nerva como Imperador romano. Apesar de ser já de meia-idade e de não ter descendentes, Nerva era um homem considerado capaz, quer do ponto de vista militar quer do ponto de vista administrativo, mas sobretudo racional e confiável. A falta de filhos revelou ser uma vantagem, pois a sua sucessão foi determinada pelo valor do candidato e não por critérios familiares - embora Trajano tenha sido formalmente adotado por Nerva. Trajano, Adriano e Antonino Pio seguiram a mesma política de nomear o sucessor mais apto, o que resultou num período de estabilidade conhecido como os cinco bons imperadores. Durante o reinado destes cinco homens, Roma prosperou e atingiu o seu pico civilizacional, ao ponto de alguns analistas defenderem que o nível civilizacional alcançado durante este período só foi novamente alcançado na Inglaterra do séc. XVIII.

Trajano teve a extensão máxima do Império em 117, com a fronteira oriental a incluir a Mesopotâmia. O sucessor, Adriano, manteve o Império e reconheceu que não valia a pena estendê-lo mais, dando as conquistas por terminadas e construiu a muralha de Adriano no norte de Inglaterra como símbolo do fim do Império. Este período de manutenção, por oposição à conquista, ficou conhecido como a Pax Romana.

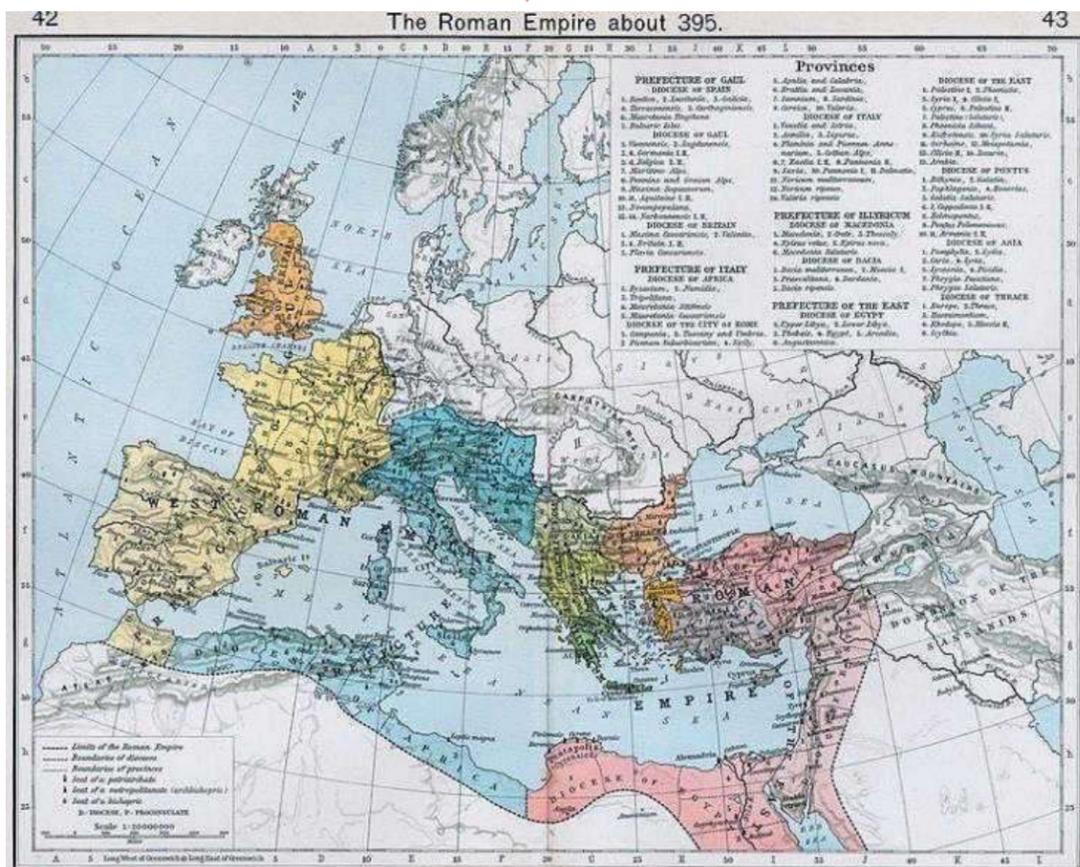
O ciclo de prosperidade terminou quando Marco Aurélio designou para sucessor o seu filho Cómodo, pouco à altura do pai e antecessores. Como na dinastia Julio-Claudiana (Nero) e Flaviana (Domiciano), à prosperidade seguiu-se uma governação errática de um paranoico, Cómodo, que incentivaria a revolta dos seus súbditos até ser assassinado em 193, e o Império caiu numa grave crise dinástica e social. O fim do século II foi marcado por mais uma guerra civil de sucessão. Septímio Severo acabou por assegurar a coroa imperial e levar o Império para um breve período de estabilidade. Os seus sucessores, no entanto, não tiveram a mesma sorte. Entre a morte de Severo em 211 e o início da Tetrarquia em 285, o Império teve 28 imperadores, dos quais apenas 2 faleceram por causas naturais (de peste).

Contemporaneamente, estão registados 38 usurpadores romanos, dos quais bastantes se tornaram imperadores de pleno direito. Para além da crise política endêmica, o século III foi marcado pelo início das invasões dos povos bárbaros que habitavam as zonas fronteiriças do Império. A Cómodo sucedeu o seu prefeito do pretório, Pertinax, um homem de origem humilde e que, ao fim de escassos três meses como Imperador, acabou por sua vez por morrer às mãos dos pretorianos. Seguiu-se uma situação caricata, em que a Guarda Pretoriana pôs o Império em leilão, tendo este sido ganho por Dídio Juliano, ao oferecer um donatium maior (193).

A situação não durou muito, e nas províncias vários generais se declararam imperadores⁴³ tendo sido Severo quem se tornou Imperador, após alguns anos de guerra civil (197), convertendo o Império numa monarquia militar, na direção do Dominato. Teve dois filhos, Caracala e Geta que, após a sua morte (211), se digladiaram, tendo Caracala assassinado Geta (dezembro de 211). Caracala tornou-se desconfiado, tendo favorecido os soldados, mas foi morto por um membro da guarda, presumivelmente a mando do seu prefeito do pretório, Macrino, o qual se declarou Imperador (217).

Uma irmã da mulher de Septímio Severo, Júlia Maesa, conseguiu subornar uma legião e fazer com que declarassem o seu neto Heliogábalo, primo de Caracala, como sucessor, tendo a revolta sido bem-sucedida e Macrino morto (218). O reinado de Heliogábalo foi marcado por excessos que levaram a que a avó mudasse o seu apoio para um primo, Alexandre Severo e que Heliogábalo e sua mãe fossem mortos (março de 222). Sob Alexandre Severo o Império prosperou, mas começaram os primeiros problemas: invasão dos Persas Sassânidas (233), invasões de povos germânicos e o Imperador, que preferia negociar a paz em troca de tributo do que travar a guerra, foi morto em Mogúncia (235), junto com a sua mãe, por tropas revoltadas ao verem tanto ouro ser dado aos bárbaros. Durante 50 anos, o Império iria sofrer usurpações, derrotas e fragmentação; imperadores seriam assassinados, mortos em batalha ou pelos seus rivais, num desespero para encontrar uma solução e por fim, surgiria o Dominato, a monarquia absoluta, que removeria os poucos traços republicanos que Roma ainda conservava, por forma a dar ao Império um último fôlego. Após a morte de Alexandre Severo, o Império caía uma vez mais nas mãos dos generais. Maximino, o Trácio, é proclamado Imperador pelas tropas e durante três anos prossegue com a guerra, devastando os povos germânicos. Como este esforço militar exigia muito dinheiro, começaram a aumentar os abusos por parte dos funcionários imperiais em relação aos impostos. Em África esses abusos foram notórios e provocaram uma revolta (238). Proclamaram Imperador o senador Gordiano, o qual associou o seu filho, Gordiano II, tendo o senado de Roma reconhecido a nomeação; Gordiano II foi morto numa batalha, e Gordiano I suicidou-se ao saber da notícia.

Maximino Trácio, ao tentar dirigir-se a Roma para suprimir a revolta, deparou-se com resistência inesperada por parte da Cidade de Aquileia, e os seus soldados, furiosos, mataram-no. O neto de Gordiano, Gordiano III, foi proclamado Imperador e aceite por todos. Entretanto a situação do Império complicava-se. No Oriente, começa uma guerra contra os Sassânidas; Gordiano III enfrenta-a, mas morre ou é morto durante a retirada (244). O seu prefeito do pretório, Filipe, proclama-se Imperador e celebra o milénio de Roma (247) com pompa e fausto. Mas a situação volta a piorar. Generais nas províncias revoltam-se e proclamam-se imperadores. Ao tentar lidar com um deles, Décio, o comandante que Filipe despachara para lidar com a revolta, é por sua vez proclamado Imperador; defronta Filipe em batalha e este é morto pelas tropas (249). O novo Imperador adotou uma política dura e conservadora como forma de lidar com os problemas do Império; perseguiu os cristãos e na guerra contra os Godos, seria derrotado e morto (251). Outros usurpadores ocuparam brevemente o trono durante este tempo. Em 253, Valeriano I ascenderia por sua vez ao trono e, com ele, o Império iria descer ao seu ponto mais baixo. Valeriano I associa ao trono o seu filho Galiano, atribuindo-lhe a parte ocidental do Império e reservando para ele a parte oriental. Durante este tempo, o Império estava a ser invadido por vários povos, nomeadamente Godos e Alamanos, e ao mesmo tempo surgiam usurpadores. Em 258, Póstumo declara-se Imperador na Gália, dando origem assim ao Império das Gálias, ao qual Galiano, demasiado fraco, não pode opor-se com eficácia. No Oriente, os Persas avançaram, com alguma resistência inicial de Valeriano, mas com o Exército Romano dizimado pela peste, tenta negociar a paz com rei sassânida Shapur I, apenas para ser aprisionado, humilhado e mais tarde morto (260). O seu filho Galiano tenta manter a notícia da captura e morte do seu pai em segredo, mas apenas o consegue durante um ano. Por esta altura, desencadeia-se uma sequência de usurpações, em parte como resposta local às situações de necessidade perante as invasões, em parte como tentativa de dar solução aos problemas. Galiano, demasiado ocupado a derrotar usurpadores e invasores diversos, deixa que, no Ocidente, o Império das Gálias se desenvolva, e no Oriente, que o reino de Palmira se apodere de território romano, mas que Roma já não está em condições de defender. Aos poucos, a situação vai melhorando: Galiano consegue ir derrotando ou ver assassinados sucessivamente os seus rivais, reforma o Exército e consegue uma grande vitória contra os bárbaros (268) antes de ser assassinado. No Oriente, o reino de Palmira, inicialmente sob o comando de Odenato, e mais tarde, da sua viúva, Zenóbia, consegue deter os Persas que se apoderaram de mais território romano. Caberá aos sucessores de Galiano recuperarem e reunificarem o Império pela primeira vez em 15 anos.



As divisões administrativas do Império Romano em 395, sob Teodósio I.

43 (Clódio Albino na Gália, Pescênio Niger na Síria e Septímio Severo na Panónia),

A recuperação do Império veio por fases: Cláudio II, o sucessor de Galiano, começa por infligir uma grande derrota aos Godos (270) mas, atingido pela peste, morre antes de poder restaurar o Império. Aureliano, o seu sucessor, será mais bem-sucedido. Em 4 anos, reincorpora as Gálias e derrota Zenóbia, recuperando assim o Oriente. Sinal dos tempos dota Roma da sua primeira muralha desde as invasões Gaulesas que haviam ocorrido já fazia mais de 650 anos. Administrador duro e competente, estaria prestes a iniciar uma guerra contra os Persas, quando é assassinado (275); com ele, pela primeira vez, os imperadores romanos são adorados como deuses em vida.

Após alguns anos, em que o Império mergulha uma vez mais na anarquia e na invasão, surge um novo e eficaz Imperador, Probo (276-282), que consegue estabilizar a situação. Após o seu assassinio e os breves reinados de Caro e dos seus filhos, eis que surge o homem que irá enfim pôr ordem no Império, Diocleciano (285) que cria a Tetrarquia como forma de resolver sérios problemas militares e económicos do Império romano. Dividiu o poder sobre o Império entre os setores orientais (*pars Orientis*) e ocidentais (*pars Occidentis*). Manteve o controlo pessoal do setor leste e o seu colega Maximiano controlou o ocidente. Diocleciano não dividiu propriamente o poder com o seu companheiro de armas Maximiliano, pois, na realidade, Diocleciano estava colocado em posição superior à de Maximiliano.

A partir daí, o Império passou a ter dois Augustos (*augusti*), cada qual com exército, administração e capital próprios, embora Diocleciano continuasse a ser o chefe do Estado, representando a unidade do mundo romano que, entretanto, passou a tolerar o cristianismo a partir de 313 d.C., com o Édito de Milão, assinado durante o Império de Constantino I (do Ocidente) e Licínio (do Oriente), no mesmo dia em que ocorreu o casamento de Licínio com Constantia, irmã de Constantino.

Com este édito, o cristianismo deixou de ser proibido e passou a ser uma das religiões oficiais do Império. O Cristianismo tornou-se a única religião oficial do Império sob Teodósio I (379-395 d.C.). Inicialmente, o Imperador detinha o controlo da Igreja. A decisão não foi aceite uniformemente por todo o Império; o paganismo ainda tinha um número muito significativo de adeptos. Uma das medidas de Teodósio I para que sua decisão fosse ratificada foi tratar com rigidez aqueles que se opuseram a ela. O massacre de Tessalónica devido a uma rebelião pagã deixa clara esta posição do Imperador. Um dos conflitos entre a nova religião do Império e a tradição pagã consistiu na condenação da homossexualidade, uma prática comum na Grécia antes e durante o domínio romano. O Imperador chegou a ser proibido pelo bispo Ambrósio de entrar numa igreja sem que antes fizesse uma confissão pública. Teodósio I assim o fez, e a partir de então o poder da Igreja iniciou seu crescimento, ganhando tamanho poder que acabaria tornando-se num dos fatores que deram sobrevida ao Império do Oriente. Depois da morte de Teodósio, o Império dividiu-se em dois (o Império Ocidental e Oriental). O Império Ocidental foi a parte invadida pelos bárbaros e tinha como capital Roma. O Império Oriental tinha como capital Constantinopla.

O Império Romano do Ocidente sofreu invasão dos povos bárbaros⁴⁴ e, já enfraquecido internamente, sem conseguir guerrear, acabando na ruína. A capital do Império foi transferida para Constantinopla, no Império Oriental. Com a conversão do Imperador bizantino Constantino, Jerusalém recuperou o nome. Tornou-se o maior centro de peregrinação do Império romano e em 335, com 300 bispos, a basílica do Santo Sepulcro foi inaugurada.

Em 514, os Persas invadem a cidade, roubam a Cruz Santa e levam-na para Ctésiphon, a capital. Tudo volta ao que era, mais uma vez, com Heráclio, o Bizantino, em 630. Só por oito anos, quando surgem os cavaleiros de Maomé. Yerushalaïm, a "Cidade da Paz", agora é Al Khuds, "A Santa".

Os islamitas já se voltavam para Jerusalém, depois de Meca e Medina, desde que Maomé a visitara com seu cavalo alado Burak, com cabeça de mulher e rabo de pavão. Na mesma rocha em que Abraão estava para sacrificar o filho, alçou-se ao céu para receber a revelação. Mas o marco sagrado muçulmano tinha-se tornado um depósito de lixo durante os tempos cristãos. Ao descobri-lo, o califa Omar apeou-se do camelo, rezou e prometeu que ali haveria uma mesquita. O califa Abdel Malek atendeu-o, duplamente, em 685. Ergueu o Domo da Rocha, a mesquita de Omar sobre a rocha sagrada, e ainda "a remota", Al Aksa. Por 400 anos, Al Khuds passou da dinastia omíada de Damasco para a dos abássidas, de Bagdade. Foi governada pelo "califa doido" al-Hakim. Os cruzados surgiram em 1099. Por dez dias, massacraram árabes e judeus. Lavavam-se do sangue nas fontes da esplanada do antigo templo e das mesquitas. Depois, iam rezar no Santo Sepulcro. O próximo conquistador de Jerusalém, Saladino, o Curdo, restabeleceria o islamismo para os próximos nove séculos. Vieram os mamelucos, a aristocracia feudal militar do Egito e os turcos otomanos, a partir de 1517. Um deles, Suleimão, o Magnífico, devolveu um certo fulgor à cidade, reconstruindo as muralhas e seus portões, conservados até hoje.

38.7. IMPÉRIO OTOMANO

A Turquia entrou na primeira guerra mundial com a Alemanha, em 1914. Foi o fim do Império Otomano. Tropas inglesas, comandadas pelo general Allenby, ocuparam a Palestina em 1917. Ao terminar o Mandato Britânico, a 14 de maio de 1948, Israel proclamou a independência, decidida pelas Nações Unidas em 29 de novembro de 1947. Os países árabes atacaram. O armistício de 1949 criou duas Jerusalém, a cidade velha, ao norte e ao sul, sob o domínio da Jordânia, e a nova, a sudoeste e ocidental, com os israelitas. Tornaram-se uma, outra vez, com a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Al Khuds Yerushalaïm, "A Santa Cidade da Paz". Seriam nome e sobrenome se árabes e judeus se unissem para compartilhá-la. A Bíblia (Zacarias, 8:3) batizou-a de "Cidade da Verdade" minada por contradições étnicas e religiosas. Cidade do "Verbo" - não do diálogo. "Cidade dos Espelhos" do escritor israelita Amos Elon - "espelhos que são metáforas que a verdade de cada religião atribui à cidade que reflete seu passado e seu presente". Tão celestial e tão terrena ao mesmo tempo! A cidade saturada de fé e religião também se tornou uma metrópole moderna. Antenas de TV e sinos de igreja, cúpulas de mesquitas e parabólicas disputam o horizonte. A Bíblia já ganhou uma versão em CD-ROM na Terra Santa. Onde pastavam rebanhos de cabras e camelos, brota o Vale do silício israelita, em franca expansão. As oliveiras estão dando chips. Mas o passado está presente e palestinos e israelitas reclamam o direito a Al Khuds e a Yerushalaïm. O Vaticano propõe a internacionalização de Jerusalém. Existem outras 50 diferentes propostas sobre como governá-la. Israel unificou-a por lei constitucional, em 30 de julho de 1980. Mas, então, ganhou um novo destino com o aperto de mãos entre o primeiro-ministro Yitzhak Rabin e o líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, em 1993. De nada serviu como se tem visto pela autofágica governação palestiniiana pós-Arafat.

38.8. CONCLUINDO

Podia falar do fim da grande civilização chinesa (e até hoje não recuperou relevância em mais de 4 mil anos), podia falar dos Hunos, de Alexandre o Grande, do Grande Império Persa, de Incas a Astecas, ou de tantas outras civilizações aniquiladas por outras mais fortes, ou conquistadas, ou autodestruídas no nadir pela sua inépcia depois de atingirem o seu zénite.

Mas não vou enumerar essas tantas civilizações de que já ninguém se lembra e mal se fala nos livros de História pois esse é também o inexorável destino dos EUA e da Europa que nos deu a Renascença e a Inquisição... a menos que algum líder iluminado resolva fazer como Nero e carregar no botão atômico para ver a Terra a desfazer-se...

CRÓNICA 39. PORQUE SOU TRANSMONTANO, 25 MAIO 2007

39.1. SOU TRANSMONTANO

Ao longo dos anos que vivi em Bragança todos se habituaram a este australiano que falava português, sem saberem mais sobre os meus antecedentes genéticos. Nem eu os tinha descoberto (ou por outra, nem eu os reconhecia como tal), quanto mais os outros. Foi preciso aprender a ler nas entrelinhas enquanto se coligiam os dados para o Cancioneiro Transmontano editado em junho de 2005 pela Santa Casa da Misericórdia de Bragança. Foi nessa época, enquanto lia testemunhos, lendas e contarelos de pessoas de idade avançada que redescobri essa origem transmontana que me andava arredada. Sempre soubera que a parte materna da minha família era dessa enorme ilha chamada Trás-os-Montes encravada no oceano dos sargaços e algas enleantes e viscosas chamada Portugal. Depois foi visitar o baú das memórias e recriar os passos dados quarenta anos antes por aldeias, vilas, lugares e lugarejos perdidos na memória de tempos idos. Visitei-os a todos e raras vezes encontrei os coevos desses percursos da minha infância: a desertificação humana maciça e a longevidade haviam aniquilado as hipóteses de poder reconstruir essas memórias para além de um determinado ponto. Poucos, dentre os mais velhos, existiam ainda para me falarem desses tempos e foi nalguns mais novos que reencontrei menções aos meus avós maternos. As aldeias pujantes e vibrantes de vida escrava, nesse semifeudalismo que era a Trás-os-Montes dos anos 60 do século passado, haviam progredido: havia mais casas e maiores, mas as velhas casas estavam abandonadas, desertas e em ruínas. Das gentes sumira-se-lhes o rasto, perdidas na voragem consumista das grandes urbes no litoral. Desapareceram as <vendas> e os velhos cafés tipo taberna que existiram, nalguns casos substituídas por lojas mais modernas e cafés mais higiénicos, mas noutros casos nem cafés havia já. Os poucos habitantes, todos setuagenários ou mais idosos, reuniam-se no adro das igrejas agora desertas e sem serviços dominicais, as escolas

44 (qualquer povo não-romano ou não-dominado pelos romanos)

foram ocupadas por outros espaços e valências ou definhavam por entre a vegetação que se reapoderava dos seus terrenos.

Quis explicar à minha família como era a vida naqueles tempos perdidos na memória e no tempo e não havia como. A própria casa dos meus avós estava abandonada e arruinada, e como ela tantas outras. Tive sonhos de a recuperar, de lhe fazer obras modernizando o interior e os confortos sem perder a traça original e a sua fachada oitocentista, mas apercebi-me que custava menos construir uma casa nova de raiz do que recuperar aquela. Além disso havia sempre o velho problema das partilhas familiares que se arrastam por décadas, pois todos querem sempre sacar mais uns míseros tostões aos vinténs que já têm. Assisti, com pesar, ao dismantelar dos velhos e senhoriais móveis da sala de jantar, cobiçados por primos e primas das grandes cidades. Um verdadeiro ataque da <marabunta> sobre tudo o que pudesse ser velho ou ter algum valor. Tive vontade de fugir ou chorar.

Entretanto a vida tem de ser trabalhada onde existe trabalho e não onde as memórias e o respeito pelos antigos no-lo mandam. Dum dia para o outro deixei os sonhos de parte e embarquei para fora dessa ilha transmontana e fui desembarcar no meio do Oceano Atlântico. Mas guardei um discurso muito sentido que escrevi aquando do lançamento desse livro (de que tanto me orgulho) que é o Cancioneiro Transmontano 2005, lançado na Feira do Livro de 2005, faz agora dois anos. (ler [crónica 13.5](#)). Creio que as palavras então proferidas foram sentidas até ao âmago e foi nessa altura que me senti transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo contabilizado a viver na região, mas como alguém me ensinou, a pátria não é o lugar onde nascemos, mas onde o nosso coração habita.

39.2. 2º ENCONTRO AÇORIANO DA LUSOFONIA

De 4 a 6 de maio, a Ribeira Grande recebeu o 2º Encontro Açoriano da Lusofonia, organizado pelos Colóquios da Lusofonia, em parceria com a Direção Regional das Comunidades e o apoio logístico da Câmara Municipal da Ribeira Grande. Ao longo de três dias, quase uma centena de pessoas conviveu durante nove horas diárias naquele que pode ser considerado um grande encontro de culturas em S. Miguel.

Mais uma vez, e à semelhança do que se passa em todo o país, dado não haver telenovela nem música pimba, a população ignorou o evento, mas o mais grave é que a população docente também se fez notar pela sua ausência. A cultura é, cada vez mais, elitista, não de privilegiados, mas de preocupados pela sobrevivência da fala, e da cultura de todos nós. À exceção da cerimónia oficial de abertura em que mais duma centena de pessoas se fez notar perante as câmaras de TV, todos os presentes nas nossas sessões estavam lá porque queriam e não para aparecerem nos noticiários da televisão e rádio. Tratava-se de pessoas preocupadas e interessadas e é para elas que estes Encontros existem. Ao fazermos o balanço - depois daquilo que os presentes consideraram um sucesso - resta-nos acertar agulhas em relação a apoios e parcerias e manter a aposta no desenvolvimento de atividades paralelas que este ano enriqueceram de forma inestimável o evento, para além de proporcionarem o lançamento de novos valores e talentos, esquecidos que estavam no seio duma comunidade onde a máxima "santos da casa não fazem milagres" parece ser a lei.

Falamos da panóplia de atividades paralelas que incluíram do lançamento dum livro "A Fábula em Portugal" do professor Luciano Pereira, da apresentação da peça musical "Hino ao Cosmos" de Horácio Medeiros, da peça teatral "Eus e Nós" do Grupo GIRA-SEDE vindo propositadamente do Estado de Santa Catarina no Brasil, duma adaptação de poesia portuguesa a teatro pela companhia Amphitheatrum da Ribeira Grande, duma curta-metragem brasileira e do lançamento dos CD de música de Horácio Medeiros e de Marc Montandon.

Na Mostra de Livros havia exemplares antigos de S. Miguel (Ribeira Grande), o novo livro "A Fábula em Portugal", o "Cancioneiro Transmontano 2005", e várias outras obras de oradores presentes no evento, os quais foram um êxito de vendas. Pela primeira vez, desde que organizamos os Colóquios da Lusofonia, pudemos oferecer os almoços aos participantes graças ao mecenato da Direção Regional das Comunidades. Lamenta-se apenas que a Câmara Municipal da Ribeira Grande não nos tenha proporcionado as Atas (em livro) destes dois Encontros Açorianos da Lusofonia como havia sido prometido.

De qualquer modo, o salto quantitativo foi tão grande quanto o qualitativo pois este ano tivemos cerca de três dezenas de oradores/as representando politécnicos e universidades de Lisboa, Nova de Lisboa, Minho, Porto, Coimbra, Setúbal, Madeira, Açores, Presbiteriana Mackenzie e Federal de Santa Catarina (Brasil), Texas-Arlington e Massachusetts (EUA), British Colúmbia (Canadá), Salamanca (Espanha), para além da Direção Regional das Comunidades e escolas secundárias da Maia, da Ribeira Grande e Antero de Quental (S. Miguel, Açores)

O ponto de partida destes Encontros era o debate da identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA, tal como a entendemos, com todas as suas diversidades culturais que com a nossa podem coabitar. Queremos manter anualmente este fluxo de autores e escritores para debater a permanência lusófona nos quatro cantos do mundo. Deste intercâmbio de experiências entre os açorianos residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística e à história dos Açores, podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana. O desconhecimento, a nível do Continente e do resto do mundo, da realidade insular combate-se levando a cabo iniciativas - como estes Encontros - que visam igualmente divulgar o nome dos Açores e a sua presença no seio de uma Lusofonia alargada com mais de duzentos e trinta milhões. Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pelo facto de falarmos uma mesma língua. Todos os anos mantemos uma sessão dedicada à tradução e na qual continuamos a apostar em tradutores de autores açorianos ou de temas dos Açores. A tradução é uma forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatro cantos do mundo. A língua vive através da tradução, pois esta permite a divulgação das obras escritas.

Saliente-se, uma vez mais, o carácter peculiarmente independente destes Encontros, interessados em alargar parcerias e protocolos, mas sem serem subsídio-dependentes, de forma a descentralizar a realização destes eventos e assegurando essa sua "independência" através do simbólico pagamento das inscrições dos participantes. Ao contrário de outros eventos de formato tradicional que no final têm uma ata cheia de boas intenções com as conclusões, estes Colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Do passado constata-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do colóquio em que intervieram. A componente lúdica, como se viu nestas duas edições, permite induzir uma confraternização cordial, aberta, franca e informal entre oradores e participantes presenciais, em que do convívio saem reforçados os elos entre as pessoas, que se poderão manter a nível pessoal e profissional. Os participantes podem trocar impressões, falar de projetos, partilhar ideias e metodologias, fazer conhecer as suas vivências e pontos de vista, mesmo fora do ambiente mais formal dos Encontros.

Na sessão de abertura tivemos o lançamento do livro, "A Fábula em Portugal" da autoria de Luciano Pereira que foi uma mais-valia de última hora só possível devido à Livraria Solmar Artes e Letras de Ponta Delgada que conseguiu trazer os livros de Lisboa a tempo. A seguir tivemos a oportunidade de escutar o lançamento musical (com o apoio da RDP Antena 2 e filmado pela RTP Açores), duma obra dum compositor micaelense, Horácio Medeiros e o seu "Hino ao Cosmos" descrito como

"Uma nova e intensa experiência, cujos limites são os da imaginação, da criatividade e do espírito da música que nos leva numa viagem. É uma viagem interior, dos sentidos, da imaginação e da criatividade guiada por um músico - Horácio Medeiros - que nos convida, não saindo do lugar, à descoberta da música sem palavras dentro de cada um. Na abertura do Hino ao Cosmos somos enleados pela sequência de acordes que, pela sua natureza harmónica, nos seguram interiormente a uma melodia que jamais nos abandonará durante a peça. Eis que surge então a descolagem: a partida, acompanhada pela nossa memória musical, daqueles primeiros acordes de lançamento. Percorremos universos musicais distintos e variados por cada nota que é percutida. Reconhecemos géneros, estilos e cadências musicais, numa viagem que começa na ponta dos dedos do autor. A partir daí somos levados a intuir que o Universo da música não se confina ao nosso próprio planeta musical e, de tom em tom, de nota em harpejo, de acorde em frase, cada momento é único e irrepetível. Percebemos o brilho dos clássicos, a intimidade da música de câmara, a vivacidade da música contemporânea, a energia da música moderna e, mesmo assim, não conseguimos consignar a obra a um espaço e tempo. Enquanto as notas e os sons nos envolvem, mergulhamos numa variedade tremenda de melopeias que nos transportam para longe do nosso pequeno microcosmo musical e, eis que nesse instante, o músico retoma os acordes de partida, para nos dizer de onde vimos enquanto continuamos sem saber para onde vamos. É o maestro que, investindo toda a sua intimidade na execução da obra, não se esquece do ouvinte. Esta é música que só existe quando executada e, por isso, este concerto é o seu aspeto exposto, o desvelamento da obra a partir do artista que exprime uma linguagem universal. Enquanto não executada a peça é apenas potencial. É na execução que ela se torna um existente e, vivendo, torna-se relacional: o Hino ao Cosmos é uma obra que transcendemos, permanecendo alheios e alternos ao mundo real, no nosso próprio heterocosmos."

As pessoas aplaudiram de pé e interrogavam-se quem era este músico que - com elas vivendo paredes-meias - acabava por ser "descoberto" para o mundo pelos Encontros da Lusofonia. Seguiu-se depois um momento solene de homenagem da Academia de S. José das Letras, do Estado de Santa Catarina no Brasil a algumas personalidades locais. Deixamos o salão nobre do Teatro Ribeiragrandense e fomos mergulhar na apresentação dos trabalhos, num anfiteatro menos imponente, mas mais acolhedor. Na sessão de abertura deste ano tivemos a presença da Dra. Alzira Serpa Silva, Diretora Regional das Comunidades, do Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, a presença da Assessora do Presidente do Governo Regional, os Presidentes das Câmaras de Vila Franca do Campo e da Ribeira Grande, entre várias outras individualidades da vida literária.

A primeira oradora foi Helena Anacleto-Matias, ISCAP Instituto Superior de Contabilidade e Administração, Instituto Politécnico do Porto que expôs "Os desafios do Português Europeu e Mundial na Tradução e Interpretação", seguida da apresentação de Ana Aguilar Franco Universidade de Lisboa falando sobre José Rodrigues Miguéis "Letras Americanas em Língua Portuguesa".

Após o almoço os oradores e cerca de vinte e cinco participantes presenciais deleitaram-se com um passeio de quase cinco horas, em que puderam observar e visitar as belezas naturais da Ilha de S. Miguel: Caldeira Velha, Lagoa do Fogo, Fábricas de Chá de Porto Formoso e da Gorreana, a aldeia da Lomba da Maia onde o "cérebro" destes encontros pulsa, e ainda Porto Formoso, antes de regressarem à Ribeira Grande.

Nessa noite havia teatro, a peça "Eus e Nós" representada por uma companhia (GIRA-SEEDE) vinda do Estado de Santa Catarina no Brasil, numa delegação oficial daquele Estado com 24 pessoas. Apesar de os adereços e cenário terem ficado perdidos entre o Brasil e os Açores, com um excelente espírito de equipa, de improvisação e de camaradagem, foi possível ver uma representação interessante, desafiando o público a agir.

No segundo dia de trabalhos havia 13 oradores sendo o primeiro, a escritora Anabela Mimoso Confraria Queirosiana, que falou da primeira obra feminista escrita em português: Rui Gonçalves, dos privilégios & prerogativas que ho genero feminino tem: o primeiro livro feminista português.

Seguiu-se António V. Bento Universidade da Madeira que nos falou do "Ensino étnico nos EUA: as escolas oficiais portuguesas e a identidade cultural dos seus alunos".

Lola Galdes Xavier Escola Superior de Educação de Coimbra debateu o escritor açoriano João de Melo, numa temática sobre a guerra colonial e Rebeca Hernández Universidade de Salamanca veio de Espanha para nos falar das suas traduções da obra de João de Melo.

Célia Cordeiro EBI 2,3 da Maia, S. Miguel abordou uma obra sobre os Açores "Terra de Lídia de Maria Orrico", e João Martins e Rita Dias Direção Regional das Comunidades debateram as "Comunidades açorianas no mundo". Vilca Merizio falou sobre as "Jóias na Ferida".

Após o almoço Nelson Reis FASDUP, Universidade do Porto, Esc. Secundária Ribeira Grande S. Miguel mostrou como a educação física está ligada à Lusofonia ao apresentar o tema "Jogos e brincadeiras – a importância do lúdico na preservação e valorização da língua portuguesa" e Maria d'Ajuda Alomba Ribeiro Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC debateu as "Questões culturais e da identidade no ensino de Português L2/LE".

Augusto de Abreu Academia S. José das Letras falou da sua experiência de escritor numa escola "O escritor na escola como meio de intercomunicação docente e discente" e David J. Silva, University of Texas-Arlington EUA um norte-americano de ascendência portuguesa fez a sua primeira apresentação em português para nos falar sobre um estudo deveras interessante de fonética "Traços fonéticos sobreviventes no falar micaelense de emigrantes açorianos em Boston".

Daniela Soares Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, veio trazer à colação "Os doentes de Machado-Joseph no contexto das comunidades açorianas".

Na segunda noite atuou uma jovem canadiana de origem açoriana (Suzana da Câmara) com música de jazz e "blues".

O terceiro dia começou com Ana Cláudia de Souza Universidade Federal de Santa Catarina "A leitura e seu processo de ensino-aprendizagem: considerações sobre o ensino de Português no Brasil", Elisa Guimarães Universidade Presbiteriana Mackenzie debateu "Língua Portuguesa e realidade social".

Ronaldo Lima Universidade Federal de Santa Catarina falou das "representações da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina".

Luciano Pereira Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Setúbal fez uma notável apresentação com utilização de vários instrumentos multimédia para falar de "Paiva Boléo e a cultura açoriano-catarinense".

Graça Castanho Universidade dos Açores expôs "O estado da arte do ensino da leitura em Portugal, Brasil e Moçambique" seguida duma exposição de Regina H de Brito e Maria Zélia Borges, Universidade Presbiteriana Mackenzie, lida por esta última, sobre "Cada terra com seu uso: variações lexicais no português do Brasil, relativamente ao de Portugal e das ilhas dos Açores".

Sónia Duque Direção Regional das Comunidades fez uma apresentação da DRC.

Seguiu-se o almoço, que coincidindo com o Dia da Mãe teve direito à leitura de um poema alusivo à data pela Ana Cláudia de Souza e a que se seguiu a entrega de flores às mães presentes.

A última sessão do dia iniciou-se com os poetas Artemio Zanon Academia S. José das Letras / Academia Catarinense de Letras / Sociedade dos Poetas Advogados que apresentou um interessante "Estudo de dois estilos na literatura atual portuguesa sob a visão crítica de um brasileiro" no qual fez a apresentação dum livro de Maria José Fraqueza e da obra de Morais Lopes, com a curiosidade apresentar sonetos escritos por mais duma dezena de autores. Paulo Berri Academia São José de Letras, Florianópolis expôs a "Produção das entidades literárias da região de Florianópolis" na qual houve tempo de mostrar uma poética curta-metragem. João Carlos Teixeira Canadá, University of British Colúmbia - Okanagan veio da ponta oeste do Canadá para expor a "Suburbanização das comunidades portuguesas em Toronto e Montreal: do isolamento à integração residencial" mostrando a evolução socioeconómica dos açorianos emigrados, e por fim, Ana Paula Borges, Direção Regional das Comunidades apresentou as conclusões parciais dum levantamento sobre "Emigrantes regressados à Região".

As sessões terminaram com a exibição duma peça de teatro utilizando poemas de escritores portugueses, a cargo do Grupo Amphitheatrum da Ribeira Grande. Depois dos discursos de encerramento, ainda ficou no ar o desafio da publicação dum "Dicionário de Açorianismos" a cargo de Onésimo Teotónio de Almeida, Daniel Sá, Manuel Sá Couto, José Soares e coordenado por mim, e a promessa de que todos presentes e anteriores participantes nos Colóquios da Lusofonia, se iriam juntar num projeto para atualizarem um Dicionário Contrastivo de Português (do Brasil aos Açores).

Isto e os vários projetos apresentados que vão ser continuados nos próximos meses com trocas e partilhas entre os vários pontos do globo permite que se afirme que foi um inestimável sucesso este 2º Encontro Açoriano da Lusofonia que continuará a merecer o apoio da parceria com a Direção Regional das Comunidades nos próximos anos. Para 2008 (maio 1-4) iremos introduzir algumas alterações nos formatos dos Encontros: teremos quatro dias, com um dia inteiramente dedicado a atividade lúdico-turísticas, outro meio-dia ídem, e os restantes 2 e meio dedicados às nossas sessões. Será em regime de "internato" sem necessidade de transportes, dado que toda a gente ficará alojada no mesmo sítio, incluindo a organização, o que nos permitirá incluir mais atividades paralelas e incrementar o intercâmbio e partilha entre os presentes.

Vamos convidar dois grandes nomes da literatura lusófona (por ex.º, Mia Couto e José Saramago), e tentaremos expandir as atividades paralelas: de livros, música, teatro, cinema, fotografia, artesanato, etc. e continuaremos a tentar divulgar novos valores açorianos para que o mundo lusófono fique a conhecer a riqueza e criatividade deste segmento insular.

CRÓNICA 40 DA EDUCAÇÃO, DA SAÚDE PÚBLICA, DA RELIGIÃO AO 10 DE JUNHO. 9 JUNHO 2007

40.1. INDUCANDO

Tenho andado preocupado com o que se passa neste país à beira-mar prantado, e com a educação dos portugueses. Há um número crescente de docentes impreparados. Por aquilo que observara nos alunos da minha mulher enquanto ela habilitara professores, no triénio que lecionara na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se.

O erro começou com o fim da vetusta Escola do Magistério e com a criação das Escolas Superiores de Educação. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos, sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. Mais uma boa ideia no papel que não funcionou na prática, apenas serviu para aumentar os rendimentos das instituições que os ministravam. O ensino primário e secundário é demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...A tabuada era fascista?

A obsessão hodierna é com as más notas da OCDE, da EU e do sistema PISA. Isto implica a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los. Neste caso, deparam-se com uma escalada aos Himalaias ou o equivalente a uma tese de mestrado para preenchimento de relatórios.... Isto vai permitir que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos. Assim se formara um primeiro-ministro no jardim à beira-mar plantado. E a ministra da educação também? Tantos do governo e da oposição obtiveram assim os seus "canudos". Ninguém lhes dissera que poderiam ter valor, ou mais valor, mesmo sem "canudo"?

Quase ninguém sabe escrever uma composição daquelas que eu ortografava na velhinha terceira classe. Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos...afinal não estamos nós na era SMS, as célebres mensagens de texto, incompreensíveis para a maioria dos mortais nascidos antes de 1980? Na Nova Zelândia até já aceitavam respostas a testes em linguagem textual (SMS)...em Portugal não porque há demasiado professores avessos às novas tecnologias. Grassa uma verdadeira e caótica falta de respeito por professores, a que muito ajudou a ministra e a sua campanha de denegrir esse bode expiatório que são os professores.

Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar todas as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas. Mesmo depois de baterem nos professores, ou ameaçarem-nos com armas, verdadeiras ou de imitação, continuam a ir às aulas.

No jornal Público⁴⁵ a 5 de junho 2007 surgiu há dias uma carta ao editor do escritor micaelense Daniel de Sá, da vizinha Maia:

⁴⁵ de que me não canso de dizer fui um dos fundadores e se bem que me não reveja nele atualmente, continuo a rotina diária de o ler

Assinar de cruz
 Como se prepara um aluno de Língua Portuguesa para exames em que terá de fazer apenas umas cruzinhas?
 Com testes do mesmo modelo?
 Poderá assinar de cruz, caso não saiba escrever o seu nome?
 Nunca vi nenhuma dessas famosas provas, mas gostava de saber como são.
 Arrisco uma hipótese, a propósito daquele soneto de Camões que acaba assim:
 "e eu, gritando: Dina.../ antes que diga Mene, acordo e vejo/ que nem um breve engano posso ter." (Nem nós. Mas o ministério parece que sim.)
 Será talvez da seguinte maneira, por exemplo. Pergunta: "Como se chamava a amada de Camões?" Resposta múltipla: "1) Dina; 2) Mene; 3) Dinamene".
 Ou então, como interpretação do que acabara de fazer D. João V no lançamento da primeira pedra do convento de Mafra, segundo José Saramago.
 Lembram-se? ("pode vossa majestade subir, cuidado não caia, que o resto do convento nós o construiremos, e agora podem ser postas as outras pedras").
 Do possível teste: "Que pôs D. João V para início do convento?"
 Resposta múltipla: "1) uma luva; 2) A mão da rainha; 3) uma pedra."
 O atual sistema de ensino deixa cada vez mais convento para construir.
 Há um ror de anos, um rapaz da minha ilha, praticante de halterofilia, estava muito próximo de conseguir os mínimos olímpicos.
 O peso que ele levantava correspondia à categoria imediatamente inferior àquela a que pertencia.
 Por isso não treinou para se tornar mais forte, mas fez dieta para emagrecer.
 O caso é real e o atleta acabou por não ir ao Oriente.
 Portugal irá a algum lado com tanto faz-de-conta?
 Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Logo, [num fórum privado do qual não posso transcrever nada sob pena de ser expulso, que aquilo é quase uma sociedade secreta, uma professora jovem e com poucos anos de tarimba], declarou em tom magistral:

Caro Daniel,
 Portugal pode, algum dia, chegar a algum lado, mas não me parece ser através do sistema de ensino atual...Este tipo de provas de que fala só tem servido para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa. Em meu nome pessoal e das centenas de professores desiludidos com o sistema, agradeço ter dado voz à nossa voz através da carta que escreveu.
 Assinado CCC

A seguir, outra escrevia:

Caro Daniel,
 Está uma delícia essa carta! Eu ainda cheguei a escrever bastantes testes destes no Canadá. Aprendia-se depressa a reconhecer a resposta certa: era geralmente a opção mais comprida ou a última, portanto me atrevo a dizer as respostas me parecem ser: Dinamene e pedra. Estarei certa?
 -)Um abraço, JJ

Foi então que não resisti e dei voz à minha indignação pela prática recorrente em Portugal de todos criticarem, sempre ex-cathedra sem, no entanto, se aperceberem de que a culpa muitas vezes assenta mesmo que nem uma luva nas pessoas que criticam.

Aqui vai a minha resposta:

Portugal pode, algum dia, chegar a algum lado, e isto nada tem a ver com o sistema de ensino atual...o ensino bom ou mau, com umas ou outras regras será sempre aquilo que os professores forem ou quiserem ser.
 Há professores desiludidos com o sistema, é certo, mas a maioria tem dezenas de anos de trabalho e de dedicação pelos quais se podem lamentar.
 Há outros, porém, que agem contra as novas normativas ministeriais portuguesas porque lhes retira "privilégios" ou "mordomias" e os obriga a fazerem "formação" coisa horrenda que todos dizem detestar, esquecendo-se de que em todos os países ditos civilizados as pessoas fazem formação até morrer, mesmo bem depois de reformados (não estou só a falar da minha pátria australiana, mas de outros países ditos desenvolvidos)
 Claro que nem toda a formação será a que mais interessa ao ensino, mas há sempre a formação que cada professor ou pessoa pode escolher independentemente de ser mandatada pelo ministério.
 Vê-se aliás como os professores em Portugal são avessos a qualquer tipo de formação, ou de investigação científica (a menos que se repercuta em saltos de carreira ou outros interesses pecuniários).
 Tive a oportunidade de o constatar ao longo dos últimos anos com a repetida ausência de docentes (do ensino primário, secundário ou terciário, fossem eles da área de Português ou não) nos Colóquios da Lusofonia e nos Encontros Açorianos.
 Cada pessoa, professor ou não tem a obrigação de ir para além do que o ministério manda ou não, pois a sua principal obrigação não é para com o ministério que lhe paga, mas com os alunos que tem de educar, é daí que surge o étimo magistério...caso contrário deve dedicar-se a outra atividade profissional menos exigente ou para a qual tenha mais vocação. Assim como nem todos podem/devem ser pais/mães, nem todos deviam/podiam ser professores/as...
 Este tipo de provas de que falam [aqui neste café] para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa, pode mostrar muitas coisas, mas a falta de literacia de muitos professores (hoje em dia, no passado seria diferente) anda de mãos dadas com a de muitos alunos... Estamos todos desiludidos com o "sistema", (aliás essa palavra veio de um dirigente desportivo) mas poucos fazem mais do que queixarem-se.
 Nos meus tempos ainda se lutava contra a guerra colonial e outras coisas importantes, mas atualmente já ninguém luta por nada, embora todos lutem contra tudo e todos...
 Esquecem-se os queixosos de que muitas vezes a revolução deve começar por nossas casas antes de chegar à sociedade, e se não investimos na tal formação (só por mero gozo pessoal ou vontade de nos melhorarmos) não iremos longe, seguiremos a pisada dos nossos iletrados e incultos políticos que tão bem nos dirigem, como os pastores conduzem os seus rebanhos de cordeiros.
 (Portugal é uma carneirada, que me desculpem os carneiros).
 Falemos agora das provas de escolha-múltipla:
 Uma decisão necessária, em qualquer tipo de teste, refere-se aos tipos de pergunta (ou item) a utilizar. A escolha não é arbitrária, dado que cada tipo apresenta vantagens e desvantagens.
 Deve o professor na elaboração de testes de conhecimento selecionar criteriosamente o tipo ou tipos de pergunta a utilizar, consciente das implicações da escolha feita, em termos de adequação aos fins em vista, vantagens comparadas com outros tipos de pergunta. Quanto ao tipo de item: escolha-múltipla - permite avaliar comportamentos situados em todos os níveis das taxonomias de objetivos educacionais.
 Sendo, entre os itens de tipo objetivo, o único que permite avaliar aprendizagens complexas, é o tipo de pergunta objetiva mais conhecido e utilizado em toda a parte.
 E cito: "Pela mão de especialistas é possível elaborar perguntas de escolha-múltipla que requerem processos mentais sofisticados de vária ordem" (Gage e Berliner, 1975: 800) e volto a citar: "Muitos críticos do tipo de item "escolha-múltipla" sublinharam que apenas requer do aluno o reconhecimento e não o conhecimento ou a construção da resposta correta.
 Sugerem que o reconhecimento é uma forma elementar de comportamento e que muitos alunos capazes de reconhecer as respostas curtas num teste não saberiam aplicar, na prática, o que aprenderam.
 De um modo geral, os resultados da investigação não confirmam esta afirmação.
 Vários estudos em que foram comparados testes objetivos e testes de composição mostraram que os testes objetivos conseguiam prever o desempenho geral do aluno na composição, aproximadamente tão bem quanto a pouco fiável classificação de um teste de composição o permitiria" (Choppin, 1988: 357).
 Ora vamos lá ver se será assim tão fácil:
 1. A determinação dos contextos em que se desenvolve o ato educativo resulta (indique a resposta FALSA)
 A. da influência da instituição escolar na definição dos papéis sociais dos alunos e professores.
 B. da imposição de normas decorrentes da organização do sistema educativo.
 C. do controle das representações sociais exercido pelos órgãos de gestão.
 D. dos modelos de gestão assumidos pelos responsáveis escolares.
 Entretenham-se neste fim de semana que eu prometo dar a solução para a semana...
 Chrys,

A ministra pode de facto ser a besta-quadrada que muitos dizem que é, mas conheço muitos professores que precisavam mesmo deste tratamento, ou seja, o mal é que muita gente entrou na profissão porque não sabia fazer mais nada e não tinham emprego em sítio algum, ergo, foram para professores. Coitados dos alunos e dos pais de tais alunos.

Muitas almas continuam a questionar por que razão anda pelas ruas da amargura o ensino em Portugal (Também anda assim nos EUA, na Austrália, no Reino Unido, e em tantos outros países).

Os problemas já vêm dos meus tempos de escola:

Programas extensos, maus, e impreparados pedagogicamente para a sociedade em que se inserem.

Manuais desprezíveis, alterados ciclicamente para manterem o lóbi dos seus autores.

Disciplinas a mais e a menos, com cargas horárias erradas.

O crime de retirar a Filosofia, a despromoção da História, a falta de ênfase no Português e na Matemática como cadeiras nucleares de todo e qualquer ramo de ensino.

Um número crescente de professores mal-preparados e por aquilo que observei nos alunos da minha mulher enquanto ela preparava professores no triénio em que esteve na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se.

Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência.

O ensino primário e secundário demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos.

Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...

A tabuada era fascista? A obsessão com as más notas da OCDE e da UE e a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los e se deparam com um mestrado em preenchimento de relatórios.... Isto permite que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à Universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos ou escrever uma composição daquelas que eu escrevia na minha velhinha terceira classe.

Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos....

A verdadeira e caótica falta de respeito por professores (a muito ajudou a atual ministra e a sua campanha de denegrir esse bode expiatório que são os professores).

Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar todas as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas, mesmo depois de baterem nos professores continuam a ir às aulas

A predominância no Ministério da Educação de "mentes brilhantes" formadas nessa linguagem a que se chama "eduquês" e é politicamente correto para impressionar o parolo, ou como dantes se dizia num francesismo típico "pour épater le bourgeois," que é aquilo porque todos aspiram "serem bourgeois", mais prosaicamente "para inglês ver" que nisto de impressionar os estrangeiros é conosco...

Esses brilhantes funcionários, eternos românticos de pedagogias gastas e inadequadas, botam faladura que ninguém entende, criam novas terminologias para que todos se impressionem com a sua inteligência opaca e baça e dão palmadas nas costas (uns dos outros) pelo seu arrojo e coragem em mudar... por isso é que a educação mudou mais vezes desde que nasci do que muita gente muda de camisa numa vida inteira (mas isso de ensinar a higiene não deve ser feito nas escolas...para não maltratar o amor-próprio das criancinhas)

Pelo que atrás resumi e por muitas tantas coisas que poderia ter acrescentado posso afirmar que no tempo da velha senhora qualquer pessoa que completasse uma 4ª classe, um 5º ano ou 7º do Liceu evidenciava competências e saberes, sabendo ler e escrever, e os profissionais (juizes, médicos e outros) eram competentes (mesmo que amordaçados pela censura), estando habilitados a desempenhar as suas funções sem alguém ousar duvidar do seu percursos e preparação científica, técnica e intelectual. Bem sei que nesse tempo um exame de Inglês (técnico ou não-técnico) não se fazia por fax, nem com aulas privativas de reitores nominais, nem ao domingo em universidades de "faz-de-conta". Estas, depois de graduarem os seus alunos, encerram-se por decreto. Não se cancelam os títulos de "faz de conta" que já emitiram, a primeiros-ministros, outros membros do governo e da oposição. Será que alguém já sugeriu ao primeiro-ministro que se fosse bom e competente não precisava daquele "canudo"? Naqueles tempos antigos, os que não sabiam, ou não estudavam eram rapidamente excluídos do sistema escolar e iam mais cedo para a tropa e para a guerra colonial. Hoje podem arrastar-se pelas salas de aula para maltratarem professores, para não estudarem nem deixarem estudar, pois há de haver sempre um programa profissionalizante ou similar para lhe dar umas luzes e que pomposamente o habilitam a virem estragar a nossa canalização, a não saberem servirem num café, ou em qualquer outra das atividades a que se dedicarão mais tarde. Mas não me digam que um bom professor não consegue - mesmo contra estas adversidades - fazer alguma coisa dos alunos, porque casei com uma professora que o consegue. Não quero acreditar que seja a única, nem que seja a exceção (sei que não será a regra) e assim como ela consegue outros poderiam se se dessem ao trabalho de tentar.

A 8 de agosto de 2008, na cerimónia de inauguração das Olimpíadas, todos tinham os olhos grudados na TV. Foi um momento inesquecível para a humanidade. Os chineses capricharam na solenidade e mostraram toda a pujança do seu povo.

Esqueçamos, por instantes, os direitos humanos.

Eles mostraram os grandes inventos que legaram à humanidade.

Não mostraram a repressão violenta, a brutalidade e o "esquecimento" dos direitos humanos em tantos locais que não só o Tibete.

A contribuição, como povo, ao desenvolvimento da raça humana, e, o que está sendo feito agora.

A busca incessante para sair do atraso e mostrar-se como a nova potência do mundo.

Mas o recado foi dado com grande precisão e beleza.

Chamou a atenção e despertou uma enorme emoção, a passagem em que os chineses mostraram uma professora e seus alunos....

Poderiam ter destacado o peso de sua arquitetura, antiga e moderna. Poderiam ter feito apelo aos profetas e filósofos de todos os tempos.

Poderiam ter insistido mais no ballet, na dança, na cultura oriental, riquíssima e milenar. Não.

Esses chineses são malucos!

Foram mostrar uma professora e seus alunos! Estava aí a chave para compreensão da "coisa".

Ninguém consegue desenvolver um país sem investir maciçamente em educação.

Não é apenas uma questão de mais recursos.

Não são precisos discursos, decretos e leis, insistindo que acreditamos no futuro de nossa juventude.

Em tempos, ao passear pelas ruas, nessa terra estrangeira, sem ver uma criança, perguntei: "onde estão as crianças desta cidade?" Responderam-me "na escola, senhor! Entram às 8.30 e saem às 16.30 horas. Escola a tempo inteiro."

Estará explicada a diferença?

Escola a sério?

Não sei se será a solução?

Se calhar ainda aprendiam a tabuada em voz alta e memorizam as coisas para nunca as mais esquecerem.

Nada do "faz de conta" português, com muitos programas, muitos nomes e abreviaturas sonantes, cheios de regulamentos e normas que ninguém lerá.

Na China aprendem pintura. Levam cinco anos na alfabetização. Tocam piano. Jogam xadrez. Fazem da escola um lugar de amizade e vida...

Os chineses têm razão.

Há lugar para a professora e seus alunos nesta festa das Olimpíadas.

Como pensar o futuro da humanidade, sem escola, sem professora?

Elementary... e simples, my dear Watson.

40.2. CONVERSÃO RELIGIOSA

O casamento é o triunfo da imaginação sobre a inteligência."Oscar Wilde [1854-1890]

Li há semanas na Newsweek e, posteriormente, vi um debate no canal da Al Jazeera que me preocupou: na Malásia, uma mulher, de seu nome Lina Joy (a propósito não poderia ela mudar o nome para "Bonjour tristesse"?) anda há oito (8) anos em guerra com os tribunais para mudar de religião e não consegue.



Em 1990, começou a ir à Igreja sendo batizada em 1998, mas o Supremo Tribunal da Malásia (fazendo tábua rasa da Constituição que dá a liberdade de todos os cidadãos malaios terem a religião que entenderem sem poderem ser discriminados) bloqueou a autorização para que a sua conversão do islamismo ao cristianismo fosse final. A lei geral (civil) na Malásia proíbe (em deferência para com a maioria muçulmana) o casamento interfés (entre Muçulmanos, Cristãos, Budistas, Hindus e outros) pelo que Lina Joy não poderá desposar o seu noivo cristão no seu país. Sendo uma nação, alegadamente, moderada no seu islamismo esta decisão prova o seu oposto. A maioria muçulmana aplaudiu nas ruas esta decisão, mas os que propugnam uma separação entre Estado e Igreja mostram-se preocupados, pelos efeitos que isto pode ter na deconstrução do tecido multiétnico, multicultural, multireligioso do país.

Na Malásia todos os que professam a fé muçulmana estão, primeiramente, sujeitos à "sharia" nas áreas de matrimónio, divórcio e bens. Segundo esta lei religiosa, é um crime abandonar a fé muçulmana, pelo que a requerente ainda é considerada muçulmana, e assim sendo não pode recorrer aos tribunais civis para que lhe confirmem a sua conversão ao catolicismo. Nada mais lhe resta se não voltar ao seio do islamismo ou mudar de país. Isto passa-se num país em que para o divórcio basta o marido enviar uma mensagem de texto, SMS, três vezes, à mulher dizendo "divorcio-te..."

Pena não podermos enviar um SMS ao governo com idêntica mensagem. Por mais tolerante e multicultural que eu possa ser, o mundo que me rodeia não o é. Existem tabus, mitos e tradições que urgem cumprir.

O Cardeal Patriarca Dom José Policarpo advertiu as jovens portuguesas que "casar com muçulmanos pode causar uma carga de sarilhos".

O líder da União Budista considera que o casamento entre religiões é positivo.

Já o líder da comunidade Judaica sublinha que as declarações do Patriarca, não se referem aos muçulmanos em Portugal, mas em todo o mundo.

E ainda há quem se queixe da falta de liberdade em Portugal...

40.3. A SAÚDE QUE SE TEM DE TER

Há dias o meu filho apareceu com uma ferida infetada no pé que se agravava e mal podia andar. Eram 16.45 quando chegamos ao Centro de Saúde da Maia, mas demos com a porta fechada. Sendo sexta-feira e para não esperarmos pelo início duma nova semana, deslocámo-nos até à cidade mais próxima, a Ribeira Grande onde existe um Centro Hospitalar com um SAP - Centro de Atendimento Permanente.

Chegados ali, deparámos com uma sala cheia (ao total seriam umas 12 pessoas incluindo crianças), o rececionista preencheu a ficha com os sintomas e esperamos. Devia dizer, desesperámos, pois entre as 17.15 e as 22.15 decorreram cinco longas horas. Foi – finalmente - visto por uma médica e tratado por uma enfermeira que lhe fez um penso, saindo com a recomendação de voltar no dia seguinte antes das 08.30 pois a médica queria observá-lo, de novo, antes de sair de serviço pelas 09.00 horas da manhã de sábado. Viemos jantar pelas 23.00 horas e pelas 08.00 de sábado já estávamos na estrada rumo à Ribeira Grande. A médica havia recomendado que, mal chegássemos, avisássemos a receção de que devíamos ser atendidos de imediato (antes dela sair). Passaram-se os minutos e nada acontecia, tal como na véspera, muitas pessoas saíam e poucas eram chamadas a entrar para os aposentos médicos... Ao fim de trinta minutos foi-se falar

com o rececionista que se desculpou por não ter entendido a urgência de tratamento...a minha mulher já dissera que se estavam ali a tratar de gado, nós não éramos gado e não nos iríamos comportar como tal, dado que os presentes pareciam acatar estoicamente as cinco ou seis horas de espera que os aguardavam....

Poucos minutos decorreram até ser chamado o nome do meu filhote. Depois dum hora já eu me preocupava sobre tão grande demora em fazer um penso novo. O que acontecera fora que a médica (da véspera) antes de sair de serviço e depois de observar o pé do miúdo decidira que aquilo estava demasiado negro e podia haver uma fratura. Assim, depois do penso feito, foi-lhe tirada uma radiografia, e enquanto esperavam pela mesma, a médica saiu de serviço. Ouviu-se a recomendação de que domingo (dia seguinte) lá teria de estar, outra vez, pelas 08.30 da manhã. Trata-se das únicas manhãs que temos para por o sono em dia, mas, enfim, a saúde está primeiro....

Quando o Rx veio, foi observado por outra médica, esta proveniente dum país de leste, pela sua aparência e sotaque. Ao ver a radiografia disse que havia uma fratura e prontificou-se a chamar uma ambulância para ser transportado aos serviços de ortopedia de Ponta Delgada. A minha mulher teve de assinar um Termo de Responsabilidade (que nome tão gravosamente importante) para o podermos levar na viatura particular.

No Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada, a demora na triagem foi ínfima e ao fim de 15 minutos estava a ser observado por um ortopedista, que mandou desfazer aquele penso elaboradíssimo, pois apenas precisava de dois pensos rápidos na ferida, dado não haver fratura nem nada que se parecesse. Viemos depois a saber que a médica eslava da Ribeira Grande havia sido condenada recentemente pela morte dum criança, estando a aguardar decisão sobre o recurso da sua condenação. Daí a ver uma fratura num Rx, onde ela não existia, vai o passo dum mosca que talvez tenha pousado na radiografia...

Assim, na manhã seguinte não teríamos de ir fazer o penso nem teríamos de nos levantar cedo. O jovem já corria domingo à tarde e já se esquecera da "fratura" que esteve quase a ter na semana passada. Assim vai a saúde em Portugal, viva o ministro da saúde, e só lhe desejo que um dia já não seja ministro e se tenha de sujeitar a uma espera destas numa sala dum qualquer SAP ou similar.

Aliás creio que todos os ministros se deveriam sujeitar a tudo aquilo por que fazem passar os seus concidadãos para - na prática - pensarem, duas vezes, antes de legislar mal. E por aqui me fico que já hoje é dia 10 de junho e não quero falar desta data, tão maltratada, tão mal designada e tão contrária ao que o seu nome indica. Mas para isso regresso adiante, a 1984, e a uma das minhas crónicas na revista Macau - Nam Van em Macau.

40.4. O 10 DE JUNHO - CRÓNICA AUSTRAL IIIª - A VIDA CULTURAL NA AUSTRÁLIA PARTE 2ª - O 10 de junho

Durante mais de uma década⁴⁶ assisti a inúmeras manifestações, a que os políticos gostam de apodar de 'portuguesismo'. Recordarei, aqui, uma delas, passada no já longínquo ano de 1984, em Marrickville, um subúrbio de Sydney com vasta população de imigrantes (16 mil Gregos, 10 mil Indochineses e 5 mil Portugueses).

Domingo à noite, 19:30, temperatura a convidar abafado neste inverno (sim, aqui junho é como dezembro em Portugal). Local: Salão da Câmara Municipal (Town Hall) de Marrickville. Audiência estimada em mil pessoas. O palco engalanado com a bandeira das cinco quas lusitanas e com os castelos de Afonso IV a provar a sua ligação real ao reino de Castela, ladeada pela bandeira britânica! Ah! Não! é o estandarte australiano que incorpora no seu quarto superior esquerdo a britânica Cruz de S. Jaime (St. James) em branco e encarnado, em fundo azul com as estrelas brancas representando as seis colónias da Austrália. Uma bandeira, britanizada, monárquica de 1901 ao lado da representante da nação que em 1143 se chamou de Portugal.

Atmosfera de festa com as crianças a brincar no chão encerado. As mesas apejadas de gente com caras bem típicas da mescla lusitana oriunda das sete partidas do mundo. Bebidas circulam: um rápido inquérito visual, às preferências públicas, revela como vencedora a cerveja enlatada, seguida de perto pelo vinho português, com predominância para o verde sobre o tinto.

A mesa de honra situada no canto da sala, em forma de U, ainda vazia, decorada com os tradicionais adornos. As restantes mesas cobertas por toalhas de papel, sem pratos, talheres ou copos. As luzes e os focos experimentais sobre o palco ainda deserto, orlado de taças e medalhas. Nas paredes vários cartazes alusivos a Luís Vaz de Camões, o poeta e o português que anualmente é louvaminhado nesta data, para, depois, recolher aos sótãos da memória e às mansardas do esquecimento durante os restantes 364 dias do ano.

Por sobre o burburinho do falatório tão tipicamente português, ornado de diferentes tonalidades e dialetos, algumas pessoas entram na sala e dirigem-se para a mesa de honra.

A CERIMÓNIA VAI COMEÇAR.

As luzes apagam-se e recobram vida os focos. As câmaras de vídeo aprontadas. Os fotógrafos em posição. Duas jovens aos microfones esforçam-se por sobressair ao zumbido que ecoa nos altos tetos trabalhados deste município onde tantos portugueses vivem e labutam (5 mil dos cerca de 35 mil portugueses do Estado de Nova Gales do Sul). Marrickville é um subúrbio interior de Sydney, zona industrial, povoada por inúmeras nacionalidades, a 12 km do centro da cidade ('A Baixa', CBD ou 'The City'), sendo os portugueses a sua 3ª nacionalidade predominante. Finalmente, abafado o ruído, as vozes femininas anunciam o início da confraternização mais esperada do ano para a comunidade: o 10 de junho.

Anunciado, ou antes, lido, o programa das celebrações, é chamado ao palco o Embaixador de Portugal⁴⁷ em Camberra, que, numa breve alocução explica o significado da data e da reunião, lamentando o facto de, nem sempre poder estar em Sydney nesta data, face à diversidade geográfica pela qual a comunidade se dispersa. Uma gravação sonora transmite a alocução de S.Ex.^ª, o Presidente da República⁴⁸.

As crianças continuam a brincar e a pular alheias ao significado e desenrolar dos discursos, que mal entendem. Antes da alocução, todos se ergueram para os hinos dos dois países⁴⁹.

O espetáculo começa com um grupo timorense em boa toada reminescente das mornas cabo-verdianas.

Depois, em traje de gala, guerreiros Mauberes (Timor Leste) do grupo 'Loro Sae' numa excepcional demonstração das danças de Timor, encantando e aquecendo o público presente, ainda pouco habituado ao exotismo oriental, mas ocorrendo em doses maciças ao setor dedicado às bebidas. Vieram, a seguir, as danças regionais folclóricas portuguesas pelo grupo 'Aldeias de Portugal' (o mais antigo da Austrália), de fama bem reconhecida na comunidade, constituído por jovens dos 5 aos 20 anos, desempenhando vários números do seu repertório continental e insular (convém não esquecer que uma grande parte da comunidade aqui residente é originária da Madeira). Mais algumas baladas e canções timorenses lançam definitivamente a favor da comunidade maubere o ónus de manter a festa animada e a audiência entretida. Seguiu-se um momento alusivo a Camões, com uma pequena aluna de um dos 'Cursos de Língua e História Portuguesas' recitando passagens célebres de "Os Lusíadas", infelizmente em fracas condições sonoras e com alterações ao texto vernacular. Outras participações idênticas estavam previstas por parte de escolas portuguesas deste Estado, mas foram boicotadas pelos seus docentes, numa manifestação clara de que nem o 10 de junho acaba com as quezílias e guerrilhas do quotidiano da comunidade. A primeira parte das celebrações do dia de Camões e das Comunidades teria ainda mais danças guerreiras de Timor.

Entretanto, a mesa de honra estava a ser servida dos aperitivos típicos: rojões, pastéis de carne, rissóis, carne assada, pão, vinho verde e maduro.

O remanescente dos convidados e o Zé Pagante satisfazia-se com a possibilidade de comprar bebidas no bar.

Chegados ao intervalo foi-nos servida (haviam-nos convidado para a mesa de honra) uma feijoada ou dobrada à portuguesa.

A segunda parte do espetáculo trouxe mais danças timorenses e folclore, tendo culminado com a atribuição de medalhas e troféus a membros da comunidade presente.

Para além do embaixador estavam presentes em representação de Portugal, um Vice-cônsul, um Chanceler e dois Secretários Consulares.

A festa teria o seu encerramento depois de um baile típico à antiga portuguesa.

Esta foi uma das melhores festas de 10 de junho que recordamos pelo portuguesismo dos Timorenses. Dir-se-ia que Camões naquele, já longínquo ano de 1984, era Timorense na Austrália de contrastes e nacionalidades distintas. A comunidade aliou-se às comemorações, mas não cooperou.

⁴⁶ Trabalho originalmente publicado na revista Nam Van, Macau, #3 de 1 de agosto de 1984.

⁴⁷ à data era o Dr. Rebello de Andrade.

⁴⁸ à data o General Ramalho Eanes.

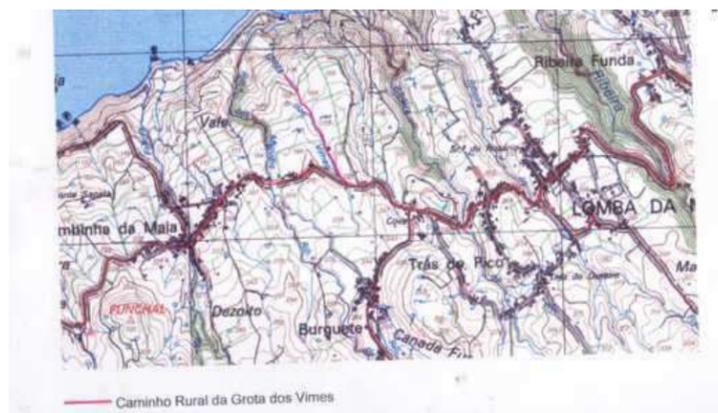
⁴⁹ A Austrália não tem um hino oficial como Portugal, mas sim duas canções nacionais de significados diferentes: uma delas datando do fim dos anos 70 "Advance Australia Fair", de feição mais republicana e que é aceite como uma espécie de hino nacional, e a outra o consagrado hino britânico "God Save the Queen".

Houve festa na vizinha Maia neste fim de semana. Aliás, desde as Festas do Divino que as festas ainda não pararam, todas as noites há foguetes e barulho aqui na aldeia até altas horas, num dia destes já eram duas da manhã e os foguetes ainda estrelavam, contrariamente às normas europeia e portuguesas relativamente à poluição sonora.

Adiante, quando fomos à Maia (íamos à farmácia buscar pensos de nicotina pois a minha mulher vai tentar, mais uma vez, deixar de fumar) vimos em animada conversa com alguns populares, o Presidente da Câmara da Ribeira Grande. Nada havia de controverso nisto não fora o facto de a TV não estar presente e dele ter fama de só sair para se postar em frente às câmaras de televisão. Ainda falta muito para a próxima eleição, mas este passeio para contactar com as massas deve ser por se ouvirem já algumas críticas a este homem de gabinete com uma acentuada necessidade de marcar a sua atuação pelo desmedido culto da personalidade e da imagem. Na última revista camarária havia mais de 42 fotos dele em cerca de trinta páginas... um caso sério.

Recentemente, o nosso Presidente da junta de freguesia (da mesma cor política, socialista) queixou-se dele por estar no poder há quase dois anos e ainda não ter vindo visitar a freguesia nem sequer ser visto pelos seus habitantes. Qual não foi a surpresa, nesse sábado à tarde, quando estávamos a tomar um café e vimos o senhor Presidente da Câmara (sem TV por perto) a dar uma volta pela obra de construção da escadaria nova da igreja e pela obra de construção da nova sede da junta..., mas a visita foi curta e depois dessa breve observação do andamento dos trabalhos lá se foi.

Afinal, tinha vindo nessa manhã com o Governo Regional inaugurar um caminho rural (da Grota dos Vimes) com 600 metros de comprimento que não vai dar a lado nenhum, permite acesso a propriedades de nove agricultores locais numa zona sobranceira ao mar (veja-se a imagem). Sabemos quão importante é para a agricultura local (a maioria dos votantes na costa norte) a existência destes caminhos rurais, mas não exorbitemos.



Além de obrigarem o legislativo a deslocar-se à Lomba da Maia onde se situa a nova artéria asfaltada, mais de um ano depois de ter sido aberta ao trânsito, vi in loco que lá plantaram uma lápide num pedestal a assinalar esta inauguração.

Daqui para a frente, as gerações vindouras decerto não vão ali parar, tipo romagem, e homenagear o grande homem que ali descerrou tão inútil placa.

Esta mania dos governantes portugueses porem lápides em tudo o que é sítio para assinalarem a sua passagem tem origens históricas antiquíssimas: os padrões das Descobertas.

Em versão majestosa como este em baixo tendo por pano de fundo a Torre de Belém.

Existem também em versão mais comum para exportação como este em Cannon Hill, Warrnambool, Estado de Vitória (na Austrália, claro) a marcar o local onde as naus de Cristóvam de Mendonça terão chegado entre 1521 e 1525 e a cuja inauguração assisti, mas sem que lá tenha ficado escrito na lápide quem foi o ministro que a inaugurou...

CRÓNICA 42 DOS AÇORES A BRAGANÇA VAI O VOO DUMA SATA, JULHO 3-9 2007

Há dias assim, uma pessoa levanta-se e ainda é noite cerrada. Lembro-me num passado (ainda não muito distante) de quando isto era a regra. Trabalhar das 8 e meia às cinco, mudar de emprego e de chapéu até à hora de jantar e depois trabalhar até às duas ou três da manhã para, logo a seguir, lá pelas sete estar, de novo, a pé... Nessa época era um mero escravo do trabalho, ou como sói dizer-se em português politicamente correto, um trabalhólico. Mas este acordar de noite deve-se a uma circunstância única na minha vida, a de acompanhar os alunos da minha mulher numa visita de estudo ao continente, mais propriamente à minha benquista Bragança. Nunca crianças, que não as minhas, me haviam obrigado a este toque de alvorada tão a despropósito para mim que não sou cuidador de vacas como os meus vizinhos.

Itinerário dia 20 junho

- 06.30 h - Lomba de S. Pedro - Ponta Delgada (aeroporto)
- 07.30 h - Chegada ao aeroporto (Ponta Delgada)
- 09.05 h - Ponta Delgada - Porto
- 12.15 h - (locais) - Chegada ao Porto
- 12.30 h - Partida para Bragança em autocarro
- 13.10 h - Paragem - almoço em Penafiel (a cargo dos alunos ou levam o almoço)
- 16.00 h - Chegada a Bragança, paragem na Residencial
- 17.00 h - Visita ao Mercado Municipal e ao Cibercentro
- 19.00 h - Regresso à Residencial
- 20.00 h - Jantar
- 21.30 h - Recolher

Cheguei ao aeroporto João Paulo II, ou da Nordela, em Ponta Delgada, já a minha mulher estava à frente duma fila de crianças impacientes, inquietas e palradoras, aguardando a sua vez de embarcar. Coloquei-me, com o meu filho mais novo, noutra fila, pois sabia que a demora ia ser grande a processar bilhetes de identidade e cartões de contribuinte de 21 criança e três adultos. Já dentro do avião, eram 09:10, a algazarra era enorme, a confusão maior perante o sorriso condescendente dos comissários de bordo. Fez-se silêncio ao levantar voo, logo acompanhado de ais e uis quando o aparelho se inclinou após ter deixado o contacto com o solo.

Para muitos esta não só era a primeira viagem de avião, como a primeira saída da ilha que os viu nascer. Para a maioria, esta viagem (quicá única) será um marco nas suas memórias que tempo algum jamais obnubilará, pois estão condenados a ficar na ilha, a casar, ter filhos e a tratar de vacas para o resto das suas vidas, logo que acabem os estudos a que os forcem. Ao aterrar, pelas 12:10, verificou-se a usual salva de palmas para o piloto, este é um costume açoriano muito peculiar, mas que, no caso vertente, nem teve razão de ser pois foi uma das piores aterragens que já fiz em centenas de voos....

Seguiu-se a corrida e o espanto ao longo dos futuristas e metálicos corredores do aeroporto Sá Carneiro no Porto. Não pude deixar de esboçar um sorriso quando passei por eles, parados e embasbacados junto à primeira área de bagagens que não lhes dizia respeito pois ostentava no ecrã a indicação de Bordéus... Alguém os redirecionou para a área correta, a tempo de correrem para o carrossel de bagagens.

Saíram, pelas 13:00 horas, para uma camioneta da autarquia de Bragança que os esperava e, nesta altura, o vozear era ensurdecador, seguido de milhentos toques de telemóvel a avisar as famílias que tinham aterrado em segurança, como decerto Vasco da Gama gostaria de ter feito ao desembarcar em Cochim nos idos de 1498. À autoestrada não prestaram grande atenção, mas admiraram-se dos inúmeros prédios altos que circundavam a rodovia na saída do Porto. Passados quarenta minutos, que lhes pareceram uma eternidade, pararam para um almoço volante na área de serviço de Penafiel, onde não pararam de comprar coisas na loja de conveniência e de gastar dinheiro nas inúmeras maquinetas de jogos que ali existem...o tormento da viagem feita ora sob calor ora sob céu encoberto e chuviscos ia durar até Vila Real onde se aperceberam de que a distância de Bragança ao Porto é quatro vezes o comprimento da maior ilha açoriana, S. Miguel. Seguiam-se as incessantes perguntas sobre quanto tempo falta, a uma cadência de dez em dez minutos.

Eram 16:20 ao chegar a Bragança num dia semiencoberto, mas sem frio.

Lá se descarregaram as bagagens para os seus quartos e começou o tormento do velho elevador da residencial, acabado de descobrir por crianças que raríssimas vezes terão visto um aparelho semelhante.

Depois de acomodados, os professores (eram três) que os acompanhavam levaram-nos ao Mercado Municipal e ao Cibercentro.

Após o obrigatório banho (a que muitos decerto jamais se habituaram a ser uma rotina diária) iam os jovens bem cheirosos (como se fosse dia de festa) a caminho do restaurante onde se iriam deparar com comida que nunca tinham visto e sabores desconhecidos sem a habitual pasta de pimentão e outros temperos típicos da Ilha de S. Miguel.

A algazarra durou todo o jantar e - duma forma ou doutra - acabaram todos por fingir comer a sopa de legumes, o prato e a sobremesa que lhes caíra na rifa. Eu aproveitei para ser visitado por alguns poucos amigos que decidiram aproveitar a pausa do jantar para trocarem umas curtas palavras.

Acabado o jantar, os professores decidiram levá-los ao Centro Comercial o que para muitos foi uma experiência rara, dado que raramente se deslocam dos seus locais de residência a Ponta Delgada onde existe o maior Centro Comercial da Ilha de S. Miguel.

Embora o Centro Comercial do Nordeste seja mais pequeno que o seu congénere micaelense fez as delícias de todos até à hora do fecho. Recolhidos aos seus quartos, a agitação parecia não ter fim, com portas a abrirem e a fecharem, os conluios noturnos da primeira noite fora da alçada paterna, a motivarem uma intervenção mais enérgica dos professores a fim de não incomodarem os restantes habitantes da residencial que também tinham direito a descanso.

dia 21 junho

09.00 h - Pequeno-almoço

09.00 h - Comboio turístico

10.00 h - Visita à Santa Casa da Misericórdia, Escola Dr. Diogo Albino de Sá Vargas, Lar 3ª Idade

11.00 h - Visita à Feira Municipal

12.30 h - Receção pelo Sr. Presidente da Câmara

13.00 h - Almoço (Santa Casa da Misericórdia)

14.30 h - Partida Parque Natural de Montesinho. Visita a Rio de Onor e à aldeia preservada de Montesinho

18.30 h - Regresso à Residencial

20.00 h - Jantar

21.30 h - Recolher

Na manhã seguinte, ainda a sala dos pequenos-almoços não tinha aberto e já estava a maioria dos 22 jovens ávidos de saírem. Primeiro foi um passeio no comboio turístico pela cidade, com a duração de cerca duma hora a curta deslocação (cerca de dez minutos a pé) até ao complexo da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, onde após uma visita às instalações, lhes foi proporcionado um pequeno concerto coral pelos alunos da escola de música da Misericórdia, gravado pela RTP local. A excitação de fazerem parte dum programa televisivo aumentou nalguns decibéis a agitação geral, a que se seguiu depois duma passagem pelas cinco salas de aula do 1º ao 4º ano uma vista ao Museu Etnográfico Dr Belarmino Afonso, onde se depararam com utensílios agrícolas distintos dos das ilhas dos Açores.

Na sala da esquerda podia ver-se como se fazia o pão, bem como fotografias que mostravam o ciclo do pão e algumas peças que se usavam para fazer este alimento. Uma funcionária explicava as máquinas antigas que moíam a farinha e que era o processo de fabrico mais demorado do "Ciclo do Pão". De seguida fomos ver como se fazia a massa do pão. Vimos também os fornos e desenhos das crianças sobre o ciclo do pão.

Na sala do centro via-se um carro de bois ao lado da estátua do fundador. Viram-se lindas antiguidades, como o tear onde se faziam tapeçarias de linho e algodão. Apreciou-se igualmente a mosqueira, onde se guardava a comida, protegendo-a dos insetos. Viu-se também uma casa velha, com um baú com vestidos antigos e outras roupas, carteiras de pele antigas, bancos e escanos. Também se observou a planta do linho e o que se podia fazer com este material: toalhas, camisas de dormir e lençóis já colocados numa cama. Ali perto estavam umas cântaras de barro que serviam para ir buscar água ao poço.

Para muitos esta foi a primeira visita a um Museu, a que se seguiu a visita à feira municipal que se desloca a Bragança três vezes por mês, a 3, 11 e 22. Durante cerca de hora e meia os sacos acumulavam-se nas suas compras desenfreadas.

Arrumadas as compras no hotel, foi uma correria para os Paços do Concelho onde o Presidente da Câmara local aguardava a oportunidade de dar as boas-vindas aos jovens estudantes, naquilo que foi a primeira visita oficial duma delegação açoriana ao município bragançano. Foi passado um vídeo sobre o distrito, oferecidos livros de banda desenhada sobre a história de Bragança e os mais novos puderam fazer perguntas ao edil.

Após este ato solene, seguiu-se o almoço juntamente com os alunos do ensino primário da escola da Misericórdia. A maioria estranhou imenso a comida e comeu mal, mas alegremente. Seguiram os alunos para um autocarro dos STUB (transportes públicos urbanos da Câmara) que os iria levar pela extremidade oriental do Parque de Montesinho. A área das serras de Montesinho e Coroa foi escolhida para Parque Natural por reunir condições em que é visível a integração harmoniosa do homem com o meio ambiente.

O Parque Natural de Montesinho foi criado em 1979, sendo uma das maiores áreas protegidas de Portugal.

Com uma superfície de 75 000 ha, inclui cerca de 9 000 habitantes distribuídos por 92 aldeias. É constituído por uma sucessão de elevações arredondadas e vales profundamente encaixados, com altitudes variando entre os 438 m e os 1481 m onde as aldeias, aninhadas em pontos abrigados e discretos, passam facilmente despercebidas aos olhos do visitante ocasional. Região povoada desde há milénios, conserva vestígios arqueológicos em muitas das suas aldeias. Algumas possuem ainda nas toponímias antigos nomes de fortificações castrejas; outras, antigas propriedades rurais, exibem nomes pessoais de origem germânica, atribuídos pelos colonizadores visigodos, que conservavam o costume romano de dar às "villas" o nome de "dominus", ou proprietário. Após a queda do Império visigodo e a formação da nacionalidade, uma das primeiras preocupações dos soberanos foi povoar o reino, através da distribuição de terras a fidalgos e à Igreja., e da criação de um sistema de "forais" coletivos, já que as rudes condições geográficas e sociais desses tempos exigiam que toda a organização do espaço dependesse da vida em grupo.

Passado Guadramil chegaram a Rio de Onor, onde se divertiram longamente com o falar dialetal local, com a diferença das pessoas, casas, seus usos e costumes e a excitação de passarem a fronteira para o Reino de Espanha. Mais compras, e umas centenas de fotos depois, foi a altura de regressarem à estrada com paragem na aldeia preservada de Montesinho, terra de ótimo mel e belezas naturais com inúmeras casas de turismo rural e já de regresso a Bragança a paragem em França.

Um dos alunos, já farto de tanto andar de autocarro, que as distâncias aqui não se assemelham às da ilha micalense, quando lhe disseram que ia a França perguntou depois de tantas horas a andar de autocarro ainda vamos a França? E a que horas vamos regressar? Esta paragem motivou inúmeras fotografias e várias cenas cómicas, como a da mãe duma aluna ao telefone a perorar que não tinha autorizado a filha a deslocar-se a tantos países...quando recebeu MMS da filha fotografada na placa da pequena aldeia transmontana.



E QUEM TE AUTORIZOU A IR A FRANÇA?



Divertiram-se imenso e aprenderam que não é apenas na Sibéria que há estepes pois na zona de Montesinho ela existe também, pois este Parque Natural reúne três tipos distintos de vegetação e de geografia que vão do extremo do planalto mirandense aos montes e vales mais profundos das serras de Montesinho e Coroa. Foram vários os rios atravessados e vistos, e lembremo-nos da não-existência de rios nos Açores...tudo era novidade e tudo era ávida e sofregamente digerido por estes jovens. Após o regresso, o banho e o jantar seguido de nova incursão ao "shopping". As cenas habituais da demora em adormecerem e acalmarem, as trocas de quarto e as habituais provocações intersexos próprias da idade.

dia 22 junho

08.15 h - Pequeno-almoço

08.45 h - Visita à Cidadela, ao Castelo e Museu Militar

11.30 h - Museu da Máscara

13.00 h - Almoço (Santa Casa da Misericórdia)

15.00 h - Chegada à Residencial

16.00 h - Partida rumo a Macedo de Cavaleiros - Lago e Barragem do Azibo e Porto

20.00 h - Chegada aeroporto Porto (jantar bar aeroporto ou avião)

22.10 h - Partida do aeroporto rumo a Ponta Delgada

23.30 h - Chegada a Ponta Delgada

00.30 h - Chegada à Maia

O último dia amanheceu mais quente e lá estava o autocarro da Câmara após o pequeno-almoço à espera dos jovens para os transportar até ao Castelo, onde se deliciaram com os restos de tanta guerra e doutras eras, no magnífico Museu Militar.

E provável que, em povoado tão próximo da fronteira, se tenha construído uma linha defensiva, neste local, ainda no reinado de D. Sancho I (dador do 1º foral em 1187). Em 1377, reinava D. Fernando, a "Vila" já estava totalmente cercada.

A fonte d' El-Rei - "poço do rei" - e os painéis de muralha devem datar do séc. XV, reinado de D. Afonso V. D. Dinis, nos fins do séc. XIII, teria mandado construir o primeiro castelo (mais um "castelo novo" dos muitos que foram edificadas no seu tempo), afirmando-se, assim, a importância do aglomerado. É sobre este castelo, ou a partir dele, que se constrói o que hoje podemos ver (As obras, iniciadas em 1409, com D. João I, só terminam 40 anos depois). http://www.cm-braganca.pt/pagegen.asp?SYS_PAGE_ID=493799

Não há certeza concreta, quanto à data da criação do Museu. Contudo julga-se que ela terá ocorrido a partir de 1928 e antes de 30 de maio de 1933. A 30 de maio do mesmo ano, foi publicado em Ordem de Serviço do Comando da 1ª Região Militar do Porto um louvor ao então Comandante do Regimento de Infantaria n.º 10, Coronel António José Teixeira, onde lhe era atribuída a "criação e organização do Museu Militar de Bragança como repositório das relíquias gloriosas que dizem respeito ao Exército". Ainda com o posto de Major e com a colaboração de outros militares, teria organizado e implantado em três salas do último piso da Torre de Menagem um pequeno Museu, crê-se que por volta de 1928. Com a extinção em 1958 do Batalhão de Caçadores n.º 3, aquartelado junto do Castelo, o espólio do Museu foi transferido para o Museu Militar de Lisboa, para aí ser devidamente guardado.

Em 1979, deu-se a extinção da última Unidade militar sediada em Bragança e toda a área do Distrito de Bragança acabaria por ficar sem qualquer Órgão ou Estabelecimento Militar. Talvez por este facto, e como uma certa compensação para as populações desta área, foi decidido superiormente, voltar a reativar o antigo Museu Militar. Em 1981, o CEMGFA, General Ramalho Eanes, encarregou o Diretor do Museu Militar de Lisboa de proceder à implementação da reinstalação do antigo Museu Militar de Bragança. Colaboraram nesta obra várias entidades, nomeadamente a então Direção do Serviço Regional dos Monumentos Antigos do Norte, a Câmara Municipal de Bragança, o Museu Militar de Lisboa e ainda a colaboração da então Diretora do Museu Abade de Baçal desta cidade. O antigo acervo existente foi significativamente ampliado, ficando o mesmo a ser constituído por um total de 14 salas de exposição. O novo Museu foi então reativado e inaugurado em 22 de agosto de 1983, tendo sido nesta data assinado um protocolo entre o EME e a Câmara Municipal de Bragança, onde ficam registados os deveres de cada interveniente. Atualmente o Museu ocupa 16 salas, distribuídas pela cripta e quatro pisos. Do terraço pode desfrutar-se de uma vista deslumbrante, podendo observar-se em pormenor todo o património cidade de Bragança, grande parte do Parque Natural de Montesinho e algumas serranias espanholas, muitas das vezes cobertas de neve, durante um número apreciável de meses ao longo do ano.

Os expositores colocados nas 16 salas apresentam a evolução do armamento, desde peças de armaria dos séculos XIV, XV, XVI, até ao armamento ligeiro dos séculos XVI ao XX. A evolução das armas é apresentada de uma forma cronológica, encontrando-se devidamente etiquetados e legendados, para uma fácil identificação e algumas delas estão interligadas com ações militares relevantes dos Bragançanos, nomeadamente por ocasião da Invasões Francesa, as Campanhas de 1895/96 em Moçambique e da 1ª Grande Guerra Mundial em 1917-1918. Todo o acervo existente no Museu é considerado como de elevado valor histórico-cultural, não só em termos de antiguidade, mas também em termos de riqueza patrimonial.

http://www.exercito.pt/portal/exercito/specific/public/allbrowsers/asp/acesibilidade/historial.asp?ueo_id=152

As ameias, os torreões e as altas escadarias tudo lhes despertava o interesse, inicialmente centrado nas lendas da Torre da Princesa a que não podiam aceder. Seguiu-se uma curta passagem pela Igreja de Santa Maria, pela Domus Municipalis um reforço ao pequeno-almoço e a visita ao recém-inaugurado Museu Ibérico da Máscara e do Traje. O Museu Ibérico da Máscara e do Traje está instalado numa antiga casa na cidadela de Bragança. No seu acervo estão objetos de 29 localidades, 18 de Trás-os-Montes e 11 da província de Zamora. Em exposição permanente estão 60 máscaras, 45 trajes e um percurso da máscara em Portugal e Espanha, com 46 artesãos. A sua inauguração foi em 24 de fevereiro de 2007.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Ib%C3%A9rico_da_M%C3%A1scara_e_do_Traje

Este era já o terceiro Museu em dois dias e provavelmente mais do que irão ver no resto das suas vidas, condenados que estão a seguirem as pisadas ancestrais de cuidadores de vacas e de domésticas mães de filhos destinados à lavoura.

Esta foi decerto uma viagem que lhes irá ocupar as mentes por tempos infintos abrindo novos horizontes e quiçá levando-os a almejar por voos mais altos.

Depois do almoço, foi o regresso ao Porto com a paragem obrigatória na catedral do Dragão para os amantes do F. C. do Porto e a descoberta do trânsito em hora de ponta na VCI rumo ao aeroporto. O regresso ao torrão natal fez-se sem sobressaltos com um grande número de pais esperando os filhos à chegada já pela meia-noite para as horas de narrativas sem pausa que se iriam seguir.

Curiosamente eram 22 os jovens à partida e 23 à chegada, porque o meu filho resolveu trazer de lá o seu amigo dos tempos de Bragança, Stefan para aqui passar uns dias. Ele lá veio, temeroso com esta sua primeira saída do seio materno e paterno, restritivo. Educado e nascido na Suíça, viveu esta metade da sua vida de 12 anos em Bragança. Foi a sua primeira viagem de avião e portou-se bem sem grandes medos. Deveria ter ficado até dia 6 de julho, mas acabou por permanecer até dia 17, tendo ido a todos os principais locais dos percursos turísticos da ilha, e várias vezes à praia. Aliás era sempre aí que queria ir, dada a ausência de praia no nordeste transmontano...aguentou-se bem e satisfeito, embora nos últimos dias já estivesse com saudades dos pais e irmã. Foi o feliz contemplado com umas férias de Bragança aos Açores, que jamais esquecerá, assim como em sentido contrário, os restantes 22 jovens jamais esquecerão a ida dos Açores a Bragança. Ficamos satisfeitos por termos proporcionado estas alegrias aos jovens. Esperemos que as preservem e cuidem delas.

CRÓNICA 43 - OS 500 ANOS DA RIBEIRA GRANDE, 3 AGOSTO 07



A Ribeira Grande recebeu hoje milhares de pessoas na celebração dos seus 500 anos, cujas festividades incluíam uma bem elaborada recriação medieval, com torneios a cavalo, e outras atividades. A animação prolongou-se até altas horas da madrugada, numa cidade onde à noite o movimento é, normalmente, escasso e a participação popular não costuma ser tão abrangente. Pena é que as lições medievais representadas nunca tivessem provavelmente ocorrido naqueles modos aqui nos Açores, mas sim no Continente e provavelmente um ou dois séculos antes....

Melhor fora recriar, de novo, o foral da cidade, ou a vida difícil naqueles tempos antes dos terríveis acontecimentos que se haviam de suceder à formação do burgo. A verdade histórica foi adulterada e as pessoas vão pensar que havia cavaleiros em torneios medievais disputados entre as casas da Ribeira Grande e de Vila Franca...

O período da Idade Média foi tradicionalmente delimitado com ênfase em eventos políticos. Nesses termos, ele ter-se-ia iniciado com a desintegração do Império Romano do Ocidente, no século V (476 d. C.), e terminado com o fim do Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, no século XV (1453 d. C.). A Era Medieval pode também ser subdividida em períodos menores, num dos modos de classificação mais populares ela é separada em dois períodos:

Alta Idade Média, que decorre do século V ao X;

Baixa Idade Média, que se estende do século XI ao XV.

Uma outra classificação muito comum divide a era em três períodos:

Idade Média Antiga (ou Alta Idade Média ou Antiguidade Tardia) que decorre do século V ao X;

Idade Média Plena (ou Idade Média Clássica) que se estende do século XI ao XIII;

Idade Média Tardia (ou Baixa Idade Média), correspondente aos séculos XIV e XV.

Esse período inicial da história medieval como "Primeira Idade Média", pois é uma fase de transição e de adaptações da Europa períodos históricos "de transição" que chegam a ser denominados também como Idade Média, porém o período medieval é um evento estritamente europeu.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia

Adiante, o que sei, e bem pouco é, sobre os primeiros anos da cidade:

Há um nevoeiro histórico que assombra a data do descobrimento dos Açores: muitas são as dúvidas e poucas as certezas. O Doutor Gaspar Frutuoso, cronista açoriano da Ribeira Grande em pleno séc. XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Sta. Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444. A carta do catalão Gabriel de Valsequa de 1439 apresenta dados mais precisos uma vez que tem, com algum rigor, a representação dos Açores, e na legenda lê-se que teriam sido descobertos por um Diego. De acordo com Damiano Peres, este seria Diogo de Silves, marinheiro do Infante D. Henrique, no ano de 1427. No mais antigo documento régio referente aos Açores, de 2 de julho de 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores⁵⁰, pressupondo que, apesar de as viagens entre o Continente e as ilhas terem ocorrido desde 1427 com Gonçalo Velho, o povoamento só se terá iniciado em 1439. Neste documento são referidas sete ilhas uma vez que as Flores (164 km²) e Corvo (16 km²), só terão sido descobertas por Diogo de Teive e seu filho João no ano de 1452.⁵¹

A carta régia de 5 de abril de 1443 atesta o desenvolvimento registado nos primeiros anos de povoamento, pois nela o regente D. Pedro isenta, por cinco anos, os seus habitantes do pagamento da dízima e portagem dos géneros vindos do arquipélago para o Reino. O Infante D. Henrique terá encarregue Gonçalo Velho de dirigir o povoamento de Sta. Maria, com seus sobrinhos, Nuno e Pedro. Sobre o povoamento da Terceira, está comprovado que o flamengo Jácome de Bruges foi nomeado capitão desta ilha, por doação do Infante D. Henrique, em 1450, tendo encetado uma ação pioneira incentivando o seu povoamento.

Relativamente à Graciosa, o seu povoamento esteve a cargo de Pedro Correia e Vasco Gil Sodré, antes de 1510. Quanto ao Faial e Pico, foram doadas, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Na sua companhia teriam vindo muitos Flamengos, dentre os quais se destacou Wilhelm Van der Haagem (Guilherme da Silveira), que, passou às Flores e desta para a Terceira e S. Jorge, promovendo, desse modo, o povoamento.

A pequena Ilha do Corvo foi ocupada por simples extensão do povoamento das Flores. Sabe-se, portanto, que o povoamento das ilhas açorianas se deveu a portugueses e também a elementos Flamengos, o que se explica pela intervenção de D. Isabel, condessa da Flandres e mulher de Filipe de Borgonha, junto de seu irmão o Infante D. Henrique, primeiro donatário dos Açores. Nos primeiros tempos houve ainda um certo número de mouros e judeus. Mais tarde haveria

50 [Santa Maria (127 km²), Terceira (406 km²), São Jorge (244 km²), Faial (172 km²), Pico (441 km²), São Miguel (760 km²) e Graciosa (62 km²)],

51 As várias teses a respeito do descobrimento dividem-se em três: primeiro as que sustentam que a revelação geográfica deste arquipélago se terá verificado no segundo quartel do século XIV, no reinado de D. Afonso IV (H. Major, Ferreira de Serpa, etc.); segundo as que afirmam que o descobrimento se terá observado na primeira metade do século XV por Fr. Gonçalo Velho (cardeal Saraiva, Aires de Sá, etc.); e terceiro as que conciliam aquelas duas correntes de opinião (Jordão de Freitas, Velho Arruda, etc.). As primeiras teses fundamentam-se na existência de vários mapas genoveses onde, a partir de 1351, aparecem esboçadas várias ilhas que muitos investigadores identificam com os Açores, quer pela sua situação, quer pelos seus nomes. A existência desses mapas teria resultado do regresso das expedições feitas às Canárias, no tempo de D. Afonso IV, por marinheiros genoveses ao serviço de Portugal. As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra do infante D. Henrique e, de um modo expresso, por Fr. Gonçalo Velho, baseiam-se essencialmente na tradição oral que o cronista micaelense Gaspar Frutuoso terá recolhido no arquipélago, na segunda metade do século XVI. Contudo, escritores portugueses, como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citam o nome de Gonçalo Velho. Frutuoso e os historiadores desta linha opinam que o início das explorações atlânticas para os Açores data de 1431. As teses ecléticas consideram que o descobrimento se terá verificado realmente no tempo de D. Afonso IV e que as viagens feitas por ordem do infante D. Henrique teriam dado lugar a um simples reconhecimento. O mapa de Beccario, por exemplo, datado de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como "insule de nuovo reperte". O Prof. Damiano Peres defende que "estas ilhas foram achadas por Diogo de Sunis (ou de Silves), piloto de el-rei de Portugal no ano de 1427" (Descobrimientos Portugueses). Por esse motivo é atribuído a Gonçalo Velho, depois primeiro capitão donatário das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, o papel, de não menor importância, de lançador de gados e de colonizador.

Proibido não citar

o influxo de italianos, castelhanos, franceses, ingleses, escoceses, norte-americanos, etc.⁵² O elemento flamengo, não obstante o seu grande número, depressa seria absorvido, pelo elemento nacional.

Os Açores foram uns Donatária Hereditária, constituídos em Capitánias. Ao donatário pertenciam todos os tributos, dízimos, impostos, rendas e foros das terras e um domínio incontestado sobre os seus habitantes. Pertencia-lhe, ainda, a jurisdição civil, criminal e administrativa, nomeando funcionários e confirmando eleições. A Vila de Angra na antiga ilha de Jesus Cristo, atual ilha Terceira, foi a primeira a ser elevada a cidade, por foral de 1534 e nesse ano passou a sede do bispado açoriano pelo Papa Paulo III. Ponta Delgada foi elevada a cidade, por carta régia de 1546. A donatária ficou na coroa real até 1580. A partir daí, foi nomeado um Governador-Geral, com poderes civis, políticos e militares e escolhida a cidade de Angra como sede do governo do arquipélago. Após a Restauração de 1640, esse sistema continuou até 1653, data em que se voltou ao sistema de Capitánias. Quando, em 1580, Portugal estava de luto com a morte de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, morria o cardeal-rei D. Henrique, legando o trono a Castela, o filho bastardo do Infante D. Luís, D. António, Prior do Crato, apresentou-se como sucessor do reino, disputando-o pelas armas, contra Filipe II de Espanha. Perdida a causa pelos desastrosos combates travados no Continente, apenas resistia, heroicamente, a pequenina ilha Terceira, capital do arquipélago açoriano, onde encontravam abrigo os partidários de D. António, o infeliz príncipe que encarnava a alma nacional. Durante três anos resistiu esta ilha ao domínio espanhol, sendo o único ponto do país onde se erguiam as cinco quinas da bandeira portuguesa, chegando a ter trono, Casa da Suplicação, Mesas de Desembargo do Paço e Casa da Moeda.

Após subjugarem a revolta local os Castelhanos organizaram um governo-geral, com sede em Angra do Heroísmo. Em 1589 e 1597 as armadas inglesas dos condes de Cumberland e de Essex e os piratas devastaram e pilharam as ilhas, especialmente o Faial. Após 60 anos de domínio filipino, e aclamado, em 1640, D. João IV, as ilhas imediatamente aderiram ao movimento restaurador, verificando-se grande resistência dos castelhanos sitiados na fortaleza principal de Angra do Heroísmo a qual durou até 4 de março de 1642.

Em 1766, os Açores passaram a ser governados por um capitão-general em Angra do Heroísmo. A Revolução liberal de 1820 teve repercussões sobretudo na Terceira. Na Vila da Praia, em 1829, travou-se uma grande batalha entre miguelistas e liberais, com a vitória destes. Em 1830 formou-se na Terceira um conselho de regência e em 1832 chegou aos Açores D. Pedro IV, aí formando um governo sob a presidência do marquês de Palmela e de que fazia parte Mouzinho da Silveira, coadjuvado por Almeida Garrett. As grandes e discutidas reformas deste último foram todas promulgadas nos Açores, que passaram a constituir uma província. Em 1832, a Capitania-Geral deu lugar à formação da Província Açoriana com sede em Angra. Em 1836, dividiram-se as ilhas em três grupos denominados Distritos Administrativos. Após a Revolução de 25 de abril de 1974, a nova Constituição da República Portuguesa instituiu o regime político-administrativo autónomo para os arquipélagos dos Açores e Madeira. Atualmente o arquipélago é uma Região Autónoma com assembleias e governos regionais. Em 1976 foram eleitos os primeiros deputados para a Assembleia Regional dos Açores e o seu primeiro Governo Regional. Durante as duas guerras mundiais o arquipélago desempenhou papel de relevo a favor dos países aliados. Alguns grandes vultos portugueses nasceram nos Açores, como Gaspar Frutuoso (1522-1591 historiador), António José de Ávila o conde de Ávila, marquês e duque de Bolama, Manuel de Arriaga (1840-1917), Roberto Ivens (1850-1898), Antero Tarquinio de Quental (1842 -1891 filósofo e poeta), Teófilo Braga (1843 -1924 escritor político e Presidente da República), Canto da Maya (1890 -1981 escultor), Vitorino Nemésio (1901-1978 escritor), António Dacosta (1914 -1990 pintor) etc.

Convém, antes de terminar, lembrar onde estamos, pois, a Ribeira Grande está prestes a celebrar os seus 500 anos. Foi fundada em meados do século XV na "margem direita da foz da ribeira que lhe deu o nome...sufragânea de Vila Franca, onde mais eram os casebres de "pau-a-pique", cobertos de colmo, onde se abrigavam os pobres, do que as casas de pedra e telha onde habitavam já à volta do largo de Santo André, alguns homens mais abastados ou mais nobres." É exatamente naquele local que se encontra a rua "dos Fundadores da Vila". Também ali foi edificada a mais antiga ermida da Ribeira Grande, evocativa a S.to André, reconstruída em 1648, segundo um manuscrito de João Cabral de Melo e Silva. "Durante os primeiros cinquenta anos da sua existência, este isolado aglomerado urbano nem uma simples ermida tinha onde, reunidos, os seus componentes pudessem orar... construíram a primeira, com a evocação de Nossa Senhora do Loreto, no sítio onde hoje se encontra a Igreja da Matriz, um pequeno templo coberto de palha e com ingénuo painel pintado por cima do altar."⁵³ Só mais tarde a Ribeira Grande se expande para a margem esquerda, tendo sido seu primeiro habitante João do Outeiro, cuja casa viria a ser comprada para a construção do Teatro Ribeiragrandense. O Recreatório, o Largo Gaspar Frutuoso e o Salão dos Bombeiros, transformados, adaptados, ou até mesmo preparados regularmente para locais de exibição de récitas, de concertos musicais e de filmes, iam dando conta da realidade cultural que aqui florescia. Edifício de arquitetura eclética, o monumental Teatro Ribeiragrandense foi inaugurado em 1933, e, depois, remodelado e reaberto em maio de 2000. Voltemos, pois, à nossa História. "Em 1507 muitas outras dificuldades e carências fundamentais tinham já sido, todavia, resolvidas. As terras que tanto haviam custado a desbravar, já se desentranhavam em fartas produções de vários géneros e as águas impetuosas da ribeira, já emprestavam boa parte da sua força às pedras dos moinhos. Estavam assim criadas as condições mínimas para uma efetiva e duradoura sobrevivência. E os heroicos Homens das Descobertas que aqui chegaram e que aqui se fixaram em obediência às ordens do Infante de Sagres aqui também cresceram e se multiplicaram em obediência à lei de Deus. Na alma forte destes homens havia uma excepcional capacidade de fé e de resignação, provinda da Idade Média. Mas havia também uma enorme ânsia de melhor vida gerada pela Renascença. E esta ânsia levou-os a solicitar ao rei um diploma que lhes abrisse, mais amplamente, as portas do seu destino." Assim, a Ribeira Grande foi elevada à categoria de Vila por Foral de El-rei D. Manuel I de 4 de agosto de 1507 com uma área de "uma légua em redor do pelourinho em frente aos Paços do Concelho". A Igreja Matriz foi construída de 1507 a 1526 por um mestre biscainho, João de la Peña, e em 1563 tinha já 794 fogos com 2 583 almas..." ... Em 1526-1527 foi a peste que assolou o povoado, com os homens a arrancarem, o teto das suas casas e delas se afastando durante um ano." No dia 25 de junho de 1563, houve a erupção vulcânica da Serra de Água de Pau que destruiu Vila Franca, todas as suas casas, igrejas e ermidas. Três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas, seguida de inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé, incluindo os seus moinhos. No lugar do Pico das Berlengas surgiu a enorme cratera hoje conhecida como a Lagoa do Fogo que iremos visitar esta tarde. Durante quatro décadas durou a reconstrução, que aqueles homens não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refizeram as suas casas e repararam os seus templos, erguendo a nova ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, depois incluída na Igreja de São Francisco onde hoje forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna. Nos alvares do século XVII uma nova Vila cresceu, de ruas mais largas e mais direitas, com casas mais amplas e mais belas e templos mais vastos e mais sólidos. Flagelada, ao longo dos tempos, por calamidades naturais sobreviveu a todas e tem vindo a crescer para as povoações vizinhas. Foi pioneira da indústria têxtil na região e sede da primeira central geotérmica e a 29 junho 1981 foi elevada a cidade.⁵⁴

Isto tudo a propósito da festa que ontem se iniciou.

CRÓNICA 44 ONDE SE FALA DA SENHORA DA ASSUNÇÃO E DE CUECAS. 14 AGOSTO 2007

Há situações em que a realidade ultrapassa a ficção, ou quando esta se confunde com personagens reais, interrogámo-nos sobre a nossa sanidade mental. Foi isto que aconteceu nesta sinistra noite de chuva e trovoadas, quando esperávamos que os grossos pingos trazidos pelo vento norte esmorecessem para podermos aventurar-nos a subir os escassos cem metros que nos separavam do nosso carro.

Estávamos, como em tantas outras noites, nesse oásis da costa norte "Moinhos" e a frequência da casa era já reduzida, a nós, a dois jovens e uma jovem estudantes que fazem parte do pessoal de verão, e a uma mesa onde pontificava um destacado dirigente da RTP Açores, acompanhado de três jovens. Estas, poderiam ser suas filhas dadas as tenras idades, mas desconheço se tem prole própria, e até esta data desconhecia a fama que ele tinha já na praça açoriana. Apenas lidara com ele - uma vez - ao longo de uma entrevista dedicada ao 1º Encontro Açoriano da Lusofonia de maio 2006.

Com alguma curiosidade observei as movimentações daquela personagem pública desta nossa praça, e quando o vi reentrar todo molhado inferi que teria ido ver se chegava ao carro sem se molhar muito, mas ao seu lado, descalça e sem as calças de ganga com que entrara estava uma das jovens totalmente encharcada. Pensei com os meus parcos botões que estava a chover mais do que se via através da janela vidrada que dava para o pátio escurecido.

As movimentações dos quatro personagens mantiveram-se e haviam já captado a minha indisputada atenção. De repente, vejo os dois personagens atrás descritos, saírem para a chuva, sem os ter visto na rampa de acesso à rua.... As outras duas jovens, preocupadas, acercavam-se das janelas para verem onde se tinham dirigido no negrume da noite. Assim ficaram preocupadas, durante uns bons minutos. Deixei de pensar no assunto, e já nos dirigíamos à porta, pois a chuva abrandara, quando eis que chega o Sr. TV Açores, em cuecas, totalmente encharcado, com a sua camisa desengravatada azul, e a jovem que o acompanhara em idênticos preparos.

Esperamos vê-la proximamente como apresentadora de um qualquer programa, pois já me haviam asseverado que é assim que se sobe na carreira da televisão pública... Ao contrário do dito senhor, que não se sentiu incomodado por estar em tão público lugar naqueles preparos, senti-me envergonhado pela cena tão Truffeau ou Antonioni, que até parecia

52 (cf. Frutuoso, Luís Ribeiro, etc.).

53 (Vasconcelos, J. G. op. cit.).

54 (Vasconcelos, J. G. op. cit. e Moreira da Silva, Armindo de Melo)

Pasolini. Agarrei num guarda-chuva que me emprestaram e saímos, indignados, pela falta de ética, de moral, de tudo que ali me fora dado observar. Agora entendo melhor o comentário que me fizeram sobre a nomeação do Pedro Bicudo para substituir este personagem, conhecido nos meios da noite. Desespero ou antes mal posso esperar pela próxima vez que me encontrar com ele sob os holofotes das câmaras televisivas, para lhe poder dizer que o aprecio mais vestido e engravatado na hipócrita vestimenta de apresentador do que em cuecas à entrada da porta do bar Moinhos em Porto Formoso na madrugada de 15 de agosto, dia sagrado de Nossa Senhora da Assunção.

CRÓNICA 45 FÉRIAS NO FAIAL, 6 SET. 07

Não é fácil dizer a quem trabalhou no duro durante um ano que não se podem tirar férias e assim começa esta história a 22 de agosto, data da partida para uns curtos nove dias de relaxamento e de conquista do desconhecido nas ilhas do meio ou do triângulo. Trata-se (para os menos versados em geografia) das ilhas do Faial, Pico, S. Jorge.



NÃO, NÃO, ESTE É O AVIÃO DA TAP NO FAIAL. A SATA USA UNS AVIÕES A HÉLICE BEM MENOS INSPIRADORES DE SEGURANÇA COMO IREMOS CONSTATAR A SEGUIR...

Não sei exatamente se era o CS-TKK, ou o CS-TGN, CS-TGY, CS-TGN, CS-TGX, CS-TGL, mas era um deles. A partida prevista para as 10 horas correu anormalmente bem, fizemos o check-in em menos de dois minutos, entramos e aguardamos a chamada. Como os lugares nestes voos internos não são marcados éramos os primeiros da fila após dois inválidos em cadeiras de rodas. Entramos, o avião fez-se à pista e vira para arrancar rumo a noroeste.

Espera aí, que ruído é este? Falta de potência no motor ao lado da minha janela esquerda? Bem me pareceu... o outro motor acelerou bem, mas este parecia um dos antigos corta-corrente que os carros tinham para cortar a gasolina, e fanava-se ao aumentar a rotação do motor.... Parámos, alguns olhares entrecruzados dos turistas e não só que estavam a bordo, num total de 53 pessoas mais tripulação. Mas que se passa? Os motores pararam e o piloto vai fazer nova tentativa de arranque, isto cheira-me a experiência de motor, 1, 2, 3 senhores passageiros, não se preocupem, vou só ver se estes motores se decidem a arrancar ara voarmos duas horas por cima do mar, mas não há perigo, as águas nem são frias e não há tubarões por perto... nova tentativa abortada e o avião vai lentamente para o hangar que fica na extremidade sul da pista.

Um autocarro leva-nos de novo à gare de embarque com o circunstancial aviso de que *“problemas técnicos impedem-nos de prosseguir a viagem, por favor aguardem até que lhes seja comunicado algo...”* Na gare junto ao guichet da SATA seis pessoas impacientes esperavam já a vez de serem atendidas e uma delas deixou escapar o desabafo de estar ali há mais de uma hora... não há crise, como só nos darão mais informações pelas 11 e meia ou meio-dia podemos esperar na fila da SATA. Assim fizemos, eram umas onze e meia (apenas desesperáramos uma hora) quando fomos atendidos.

Pretendia eu que a funcionária nos fizesse uma marcação para o voo das 15 horas, independentemente do que se passasse com o avião ora estabilizado o hangar. A senhora (já exasperada com os protestos e as bocas dos que me antecederam insatisfeitos com o serviço de monopólio proporcionado pela SATA) acabou por nada me poder fazer alegando que aquele voo já estava preenchido. Felizmente pelas 13 horas vejo os meus companheiros de voo dirigirem-se, de novo, para o controlo de passageiros e bagagens, (a instalação sonora do aeroporto João Paulo II deixa muito a desejar, pois ninguém ouve ou entende o que se anuncia). Segui-os, a melhor tática em aeroportos é a do carneiro.

Embarcamos e (não há lugares marcados nos voos internos) ficamos instalados mesmo ao lado do motor a fim de termos a certeza de que se avariasse saberíamos o motivo de a viagem terminar assim... desta vez, levantamos voo sem incidentes, com três horas e meia de atraso. Quase no final do voo, começou a sentir-se um cheiro a motor queimado e a haver uma trepidação esquisita nesse mesmo motor. Felizmente aterrámos sem problema, mas demos graças a quem cuida de nós por nos ter levado a bom porto. Recordarei esta viagem como uma das mais esquisitas das centenas que fiz. O mais trepidante dos motores quase fazia esquecer esta imagem do Pico mesmo ao lado do avião imponente nos seus 2351 metros.

Depois das curtas formalidades levantei o carro e rumei por Castelo Branco fora rumo aos Flamengos onde iríamos ficar na Quinta do Vale. Trata-se de um empreendimento rural que foi destruído antes de ser construído. Ou seja, quando ocorreu o grande tremor de 1998 as duas casas rurais estavam a ser arrançadas, mas só se lhes aproveitou a fachada que foi mantida.



Descarregadas as malas, e vistoriado o meio ambiente atrás fotografado, resolvemos começar por essa instituição mundial que é o Peter's. Acabamos por descobrir que, mesmo ao lado do Peter's existe a melhor loja de roupas da ilha (e é Peter's) a melhor preço...o resto vem nos livros e há um cheiro e um ambiente muito peculiar: cheira a Hemingway, disse eu..., mas que aquilo estava quase sempre cheio a qualquer hora do dia, disso ninguém tem dúvidas. Nessa tarde ainda

fomos dar umas voltas para ficar a conhecer a Horta e áreas adjacentes. A paisagem é bonita, as baías, quer a da Horta e a da Conceição quer a de Porto Pim são um espanto, de dia ou de noite com aquela vista deslumbrante sempre à sombra imponente do Pico que ora se esconde, ora revela num constante jogo do gato e do rato, que nos entusiasma e nos prende: há aqui sortilégio. Esta terra marca, estou a adorar isto. Nem demasiado grande, nem demasiado pequena, muito cosmopolita, pois só no primeiro dia já tinha ouvido espanhol, italiano, holandês, sueco, finlandês, inglês, francês e português de vários quadrantes.

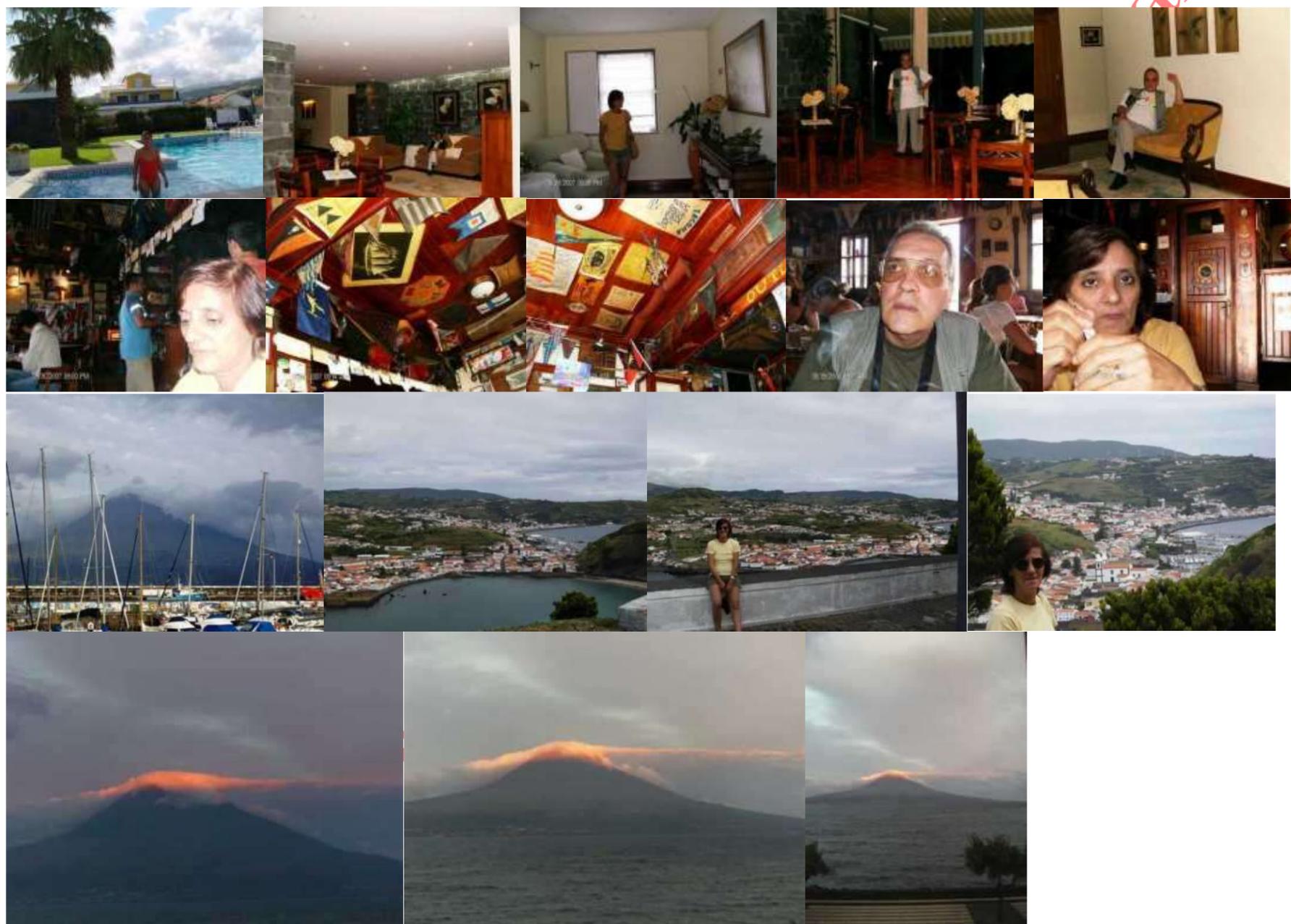
Achei a comida cara, e a ida ao supermercado Modelo assim o comprovou. Existem poucos minimercados, algumas lojas tradicionais, poucas lojas de roupa ou boutiques e demorou a encontrar um sítio onde um prato de comida rondasse os 5-7 euros, a média ia acima dos 10 e muitas vezes dos 15 euros por prato principal. Mas acabei por encontrar quase tudo o que precisava para viver ali. Já falarei disso, se me lembrar...

As pessoas simpáticas, sem serem subservientes. Ninguém perguntou (ao contrário de S. Miguel) se estava a gostar da ilha, e se gostava disto ou daquilo. As águas eram servidas com copo sem me perguntarem se queria copo para a beber... A falta de sotaque micalense era uma dádiva da qual os locais se orgulhavam, pois, vangloriavam-se de falarem o português mais parecido ao de Portugal dentre todas as ilhas.

Que diferença do sotaque ininteligível de Rabo de Peixe ou dos Fenais da Ajuda...

Ao fim do segundo dia já déramos a volta a toda a ilha, mas sem ser pelas estradas principais, tendo já ido ao incontornável, ao lunar, ao estranho e fantasmagórico ponto mais ocidental: o do vulcão dos Capelinhos.

Brrr... aquilo faz arrepiar, em especial depois de vermos os filmes, fotos e imagens da época (outubro 1957 a novembro 1958), a emigração para os EUA depois do J. F. Kennedy ter aprovado uma lei especial para os refugiados dos Capelinhos.



Cinza, só cinza e areia, a vegetação é escassa e a terra cheia de sulcos profundos onde nos enterramos com facilidade. Dos 2,5 km² que o vulcão acrescentou à ilha, a erosão, a ação do mar e outros elementos já desfizeram quase tudo, restando apenas 0,5 km².

Obras no local aprontam um novo centro de interpretação, com 20 novos formandos prestes a entrar em atividade na altura em que se irão celebrar 50 anos da erupção.

Estivemos no Salão, uma terra simpática na costa norte a pequena distância dos Capelinhos.

A história recente da freguesia fica marcada pelo sismo de 9 de julho de 1998. O Salão encontrava-se relativamente próximo do epicentro, e devido a esse facto, a destruição de grande parte das habitações e lugares da freguesia foi bastante notória.

Pouco passava das cinco horas de manhã, quando um violento sismo destruiu grande parte das casas e infraestruturas da freguesia:

- Destruição total da Igreja Paroquial do Salão;
- Destruição significativa do Império do Divino Espírito Santo;
- Destruição completa ou parcial da maior parte das moradias;
- Pontes parcialmente e totalmente destruídas;
- Acesso ao Porto do Salão destruído;
- Snack-Bar (o único "A Canoa" destruído totalmente).

Esta poderia ter sido a descrição que o senhor José (Freitas) do café local (Snack bar Xavier) nos deu do violento sismo que se abateu sobre toda a ilha desde o salão, à Ribeirinha onde o farol ficou destruído e bem assim a igreja.



O VERDE MONTE CAPELO E OS CAPELINHOS



O sismo abalou também os Flamengos, onde igualmente destruiu a igreja local (imagens acima) (ainda hoje as missas se realizam no pavilhão gimnodesportivo local pois o auxílio económico para a reconstrução não dá para repor a igreja) e chegou a Castelo Branco...

Antes de saber destes factos, interrogara-me por que é que as igrejas e faróis estavam todos destruídos nestas ilhas.

Seria possível que o poyo não gostasse de marinheiros e de clérigos?

Não, quem não gosta é a mãe natureza....

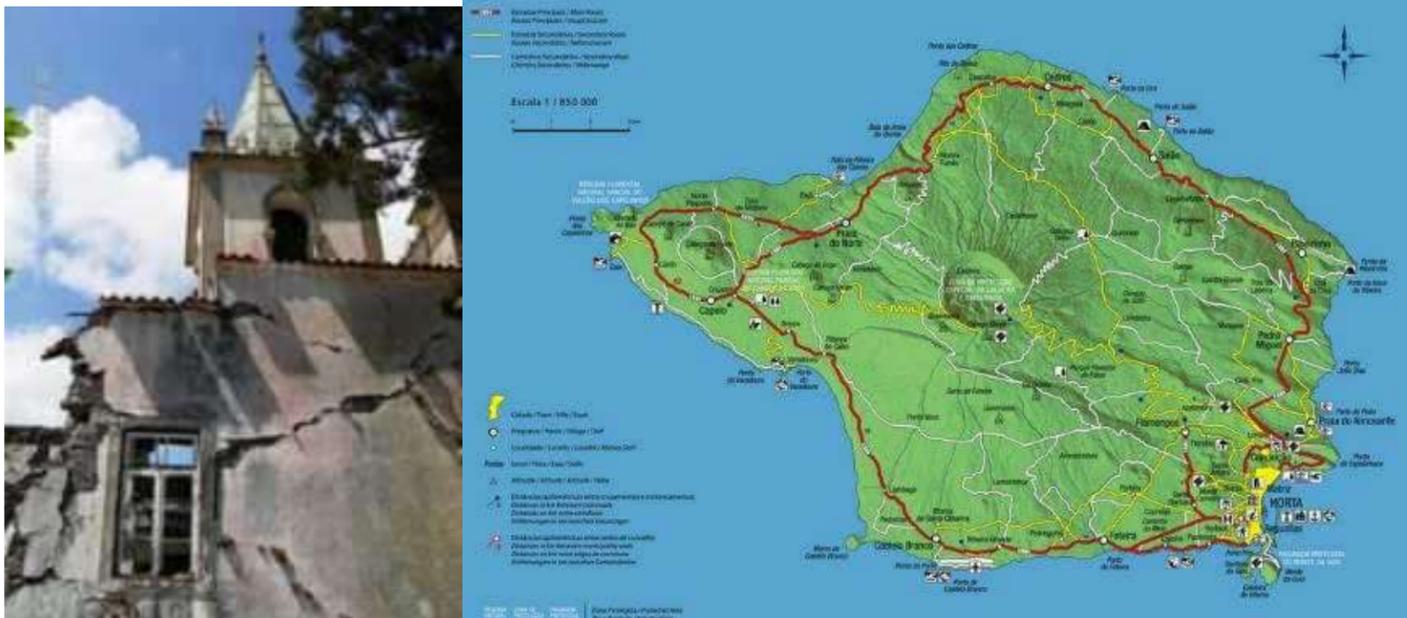
Mas o que o simpático setuagenário Sr. José, do Salão, nos disse foi que naquela manhã toda a gente se levantara ao primeiro tremor e saiu para a rua, os que ficaram em casa morreram. O picaresco da situação foi a igreja que caiu quase toda de uma só vez, menos o altar onde estava a padroeira da freguesia (a N^a Sr.^a do Socorro), e quando uns populares a foram buscar foi o altar que acabou por desabar salvando-se a "santa".

No cemitério, os caixões vieram todos à tona abertos e demorou meses a ser possível reenterrá-los, incluindo o próprio pai do nosso interlocutor que morrera uns meses antes. As ondas de choque provocadas pelo sismo haviam agitado o terreno do cemitério e desenterrado os mortos.

Esta igreja foi a única que ruiu completamente, as restantes, incluindo as de Pedro Miguel aguentaram-se e não caíram totalmente...

Este senhor tinha 21 anos quando ocorreu a erupção dos Capelinhos, estando então na tropa e tendo assistido durante treze meses a todo o horror de destruição que ocorreu, e ao "voyeurismo" das populações que não arredavam pé do local, nem queriam abandonar as suas casas que viriam a ser todas destruídas.





Recapitulemos:

No dia 9 de julho de 1998, ocorreu um sismo de magnitude 5,8 (Md) com epicentro a 17 km a NE da cidade da Horta, na ilha do Faial, com intensidade máxima de VIII (Escala de Mercalli Modificada). Este sismo provocou, oito mortos e estragos significativos no parque habitacional, na rede viária, nos sistemas de abastecimento de água, energia elétrica e de telecomunicações. Há também a registar avultados estragos no parque habitacional de S. Jorge e do Pico. Além destes danos há a registar a ocorrência de numerosos deslizamentos translacionais superficiais, especialmente nas arribas litorais mais próximas da zona epicentral (no Faial, Pico e S. Jorge) ao longo de várias escarpas de falha e na vertente norte do vulcão central (no Faial). Os recuos da linha de costa identificados na Ilha do Faial, causados pela grande densidade de movimentos de vertente, foram nalguns casos superiores a 10 m, tendo-se formado depósitos relativos a estes eventos na base do talude com uma volumetria considerável, levando ao desenvolvimento de extensas manchas de material fino em suspensão ao longo de todo o litoral. Embora na sua grande maioria, os movimentos de vertente, tenham correspondido a deslizamentos translacionais superficiais com evolução em alguns casos para escoadas detriticas, dois grandes deslizamentos do tipo rotacional ocorreram na escarpa de falha da Lomba Grande, originando duas espessas línguas de material detritico, que se estenderam junto à base do talude. Pontualmente, verificou-se o rolamento de diversos blocos lávicos, alguns dos quais com um volume considerável. O movimento de vertente com maior expressão, correspondeu a uma escoada de detritos que ocorreu na vertente norte da Caldeira, numa zona conhecida por Alto do Chão ou Risco. Fruto da topografia, o material solicitado foi canalizado para a Ribeira do Risco, aonde se encontravam as nascentes captadas pela Câmara Municipal da Horta para abastecimento das populações, ficando soterradas ou parcialmente destruídas. No interior da Caldeira registaram-se, igualmente, alguns deslizamentos superficiais embora de pequena magnitude.



Aliás no século XX foram inúmeras as manifestações sísmicas no arquipélago, a saber.

1907 Erupção submarina na Fratura Mónaco – A 1 de abril detetou-se uma pequena erupção a cerca de 400 m de profundidade no Banco Mónaco (SSW de S: Miguel). Emitiu cinzas e provocou o corte do cabo submarino S. Miguel - Faial.

1911 Erupção submarina na Fratura Mónaco – Em março detetou-se uma pequena erupção a cerca de 200-300 m de profundidade a SSW da de 1907. Terá durado apenas algumas horas.

1926 Grande sismo na cidade da Horta – A partir de abril, a ilha do Faial foi sacudida por uma série de sismos de intensidade variável, um dos quais, a 5 de abril, provocou danos em edifícios nas freguesias de Flamengos, Ribeirinha e Conceição, particularmente nos lugares de Farrobo, Lomba e Espalhafatos. A 31 de agosto, pelas 8:42, a ilha foi sacudida por um violento sismo que provocou 8 mortos, mais de 200 feridos e destruição generalizada na cidade da Horta, especialmente na freguesia da Conceição, e nas freguesias de Praia do Almocharife (onde das 220 casas apenas 16 ficaram habitáveis), Flamengos, Feteira e Castelo Branco e na zona compreendida entre a Lomba do Pilar e o Salão. Ao todo ficaram derrubadas, total ou parcialmente, 4138 casas.

1957-1958 Erupção dos Capelinhos, Faial – De 16 a 27 de setembro de 1957 sentiram-se na ilha do Faial mais de 200 abalos de terra, de intensidade geralmente fraca. A 27 de setembro iniciou-se uma erupção submarina a cerca de 1 km de distância da Ponta dos Capelinhos. A erupção evoluiu formando primeiro uma ilha que, com o aparecimento de um istmo, se ligou a terra (veja fotos). O vulcão manteve-se em atividade até outubro de 1958. O tremor associado ao vulcão e a queda de cinzas e materiais de projeção provocaram a destruição generalizada das habitações e campos do oeste do Faial. Legislação passada pelo Congresso dos EUA permitindo a imigração de açorianos desencadeou um êxodo de que a demografia das ilhas ainda não recuperou.

1963 Crise sísmica e erupção submarina frente a Stª. Luzia, Pico – Entre os dias 12 e 15 de dezembro, os sismógrafos instalados no Faial registaram tremor vulcânico com foco ao largo do lugar do Cachorro, Stª Luzia, costa norte da ilha do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15 de dezembro, com bom tempo e boa visibilidade, diversas pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando quaisquer danos

1964 Crise sísmica em S. Jorge – Uma crise sísmica abalou a parte oeste da ilha de S. Jorge, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico na ilha, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo dos Rosais.

1973 Crise sísmica no Pico e Faial – A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e S. Jorge, com particular destaque para a freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, na ilha do Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 min., registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António, no Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, St. António, e S. Roque, na costa norte do Pico, na freguesia de S. Mateus, na costa sul do Pico, e ainda nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, na ilha do Faial.

1980 Sismo de 1 de janeiro, Terceira, S. Jorge, Graciosa – Pelas 16h42 do dia 1 de janeiro de 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.0 Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km e com epicentro situado no mar cerca de 35 km a SSW de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra do Heroísmo, na Vila de S. Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Santo Antão, em S. Jorge, e ainda no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e ficaram mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 500 casas, causando cerca de 15 000 desalojados. [Veja mais informação sobre o sismo].

1981 Erupção submarina na Fratura Mónaco – Em princípios de julho uma pequena erupção submarina a cerca de 300 m de profundidade foi detetada no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel), com emissão de gases e de material basáltico.

1997 Erupção submarina no Banco D. João de Castro – Na primavera de 1997 a intensa atividade microsísmica registada naquela área, acompanhada de numerosos pequenos sismos (I a III da escala Mercalli) sentidos na Terceira e em S. Miguel, levam a admitir a ocorrência de uma erupção submarina, a grande profundidade, no Banco D. João de Castro.

1987 - Escorregamento da Ribeira Quente, S. Miguel – Em 31 de outubro de 1997, após mais de uma semana de chuvadas intensas, que culminou com cerca de duas horas de precipitação excecional na madrugada de 31 de outubro, ocorreu um escorregamento de terras na encosta do Outeiro das Freiras,

sobranceira à povoação de Ribeira Quente, ilha de S. Miguel, provocando 29 mortos, 3 feridos graves, levando ao desalojamento de 36 agregados familiares, num total de 114 pessoas. Particularmente afetada foi a Canada da Igreja Velha, onde diversas habitações ficaram soterradas.

1998 - Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e S. Jorge – Pelas 5:19 da madrugada, um sismo de magnitude 5,6 Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros na ilha do Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almojarife, também do Faial. Também atingidas foram várias localidades do Pico. No extremo W de S. Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas. Leia mais sobre o sismo. 1999-2000 <http://www.minerva.uevora.pt/eschola/acoresh/calamidades.htm>

Estas descrições que fomos ouvindo ao longo dos 9 dias de estadia na ilha não conseguiram ensombrar a beleza da ilha e um desejo crescente de me mudar para lá.

Nem mesmo quando estando estacionado no parque do hipermercado Modelo um local me veio chamar alertando-me para o facto de um "pommie" ter machucado o meu carro de aluguer e pretender alçar para longe. Confrontei o inglês, que tinha paleio de vendedor da banha de cobra adereçando-me por "Esquire" como se estivessemos em pleno século XIX, que acedeu a pagar os danos.

Chamei a companhia de aluguer de carros, que por sua vez chamou a PSP, para esta tomar parte da ocorrência, tendo ouvido os intervenientes, feito um filme da ocorrência, e depois tivemos de ir à seguradora prestar as mesmas declarações.

Foi uma manhã toda preenchida com burocracias..., mas admirei-me de ver dois jovens polícias a falarem inglês com o súbdito britânico que mal balbuciava palavras em português. Tive a sorte da testemunha local me ter ido chamar, sem o que teria de pagar pesada multa ao entregar o carro...



ENTRADA PARA A CRATERA DA CALDEIRA DO FAIAL VACAS NO FUNDO DA CRATERA...

A visita à Caldeira acabou por se desdobrar em três etapas, duas delas enevoadas e uma com sol, na última tarde que passamos na ilha. É bonita, mas perdeu toda a água no sismo de 1998. No caminho, pouco acima dos Flamengos encontramos esta bela ermida de S. João onde havia uma venda de artesanato local. Lembro a vista do monumento à Nª Sª da Conceição sobre a baía e para o Pico, e que a marginal da Horta é pequenina, com a dimensão ideal para a sua marina cheia de barcos, com a tradição a ditar que cada tripulação pinte um quadrado nas paredes, no chão, onde calhar, alusiva à sua passagem pela Horta.... Um espetáculo. Mesmo ao lado, a praia do Almojarife era um sítio bom para se viver, mas a casa que estava à venda e fomos espreitar custava 92 mil euros e mal se via o Pico.... Até breve, voltarei a esta ilha e ao Pico com mais descrições e fotos..., mas vou terminar com o impressionante morro de Castelo Branco (perto do qual se localiza o aeroporto)



EM PLENO PARQUE FLORESTAL DO CAPELO, COM IMENSOS SÍTIOS PARA PIQUENIQUES, ENCONTRAMOS GAMOS, ÁRVORES NATIVAS CATALOGADAS, INCLUINDO A FAIA QUE DEU O NOME À ILHA. A FAJÃ NA COSTA NORTE PERTO DO NORTE PEQUENO FAZ LEMBRAR AS ARRIBAS DE S. MIGUEL...MAS ERA UM FORNO (O PONTO MAIS QUENTE DA ILHA)



DE VOLTA A PORTO PIM E À SUA BELA BAÍA ONDE EXISTE UM MUSEU INTERATIVO SOBRE A FAUNA SUBAQUÁTICA E SUBMARINA ALÉM DO VELHO LOCAL ONDE SE TRABALHAVA A CARNE E DERIVADOS DA BALEIA (CACHALOTE)



CRÓNICA 46 NASCIDOS ANTES DE 1980. 19 SETEMBRO 2007

46.1. NASCIDOS ANTES DE 1980 – SOMOS HERÓIS... AINDA ESTAMOS VIVOS! (Dá que pensar!)

Para quem nasceu antes de 1980... Vendo bem as coisas...é difícil acreditar que estejamos vivos hoje!

Quando éramos pequenos, viajavamos de carro (aqueles que tinham a sorte de ter um...) sem cintos de segurança, sem ABS e sem air-bag! Os frascos de remédios ou as garrafas de refrigerantes não tinham nenhum tipo e tampinha especial... e alguns vinham embaladas sem instrução de uso...

Bebíamos da tomeira e nem se conhecia água engarrafada! Que horror!

Andávamos de bicicleta sem usar nenhum tipo de proteção e passávamos as tardes a construir carrinhos de rolamentos.

Atirávamo-nos ladeira abaixo e esquecíamos-nos que não tínhamos travões, até que uma qualquer calçada ou árvore se nos deparasse no trajeto...

Depois de muitos acidentes de percurso, aprendíamos a resolver o problema. SOZINHOS...!

Nas férias, saíamos de casa de manhã e brincávamos o dia todo; os nossos pais às vezes não sabiam exatamente onde estávamos, mas sabiam, que não estávamos em perigo.

Não existiam telemóveis! Incrível!

Quantas nódoas negras, braços partidos, dentes arrancados com os embates e quedas...

Lembram-se destes incidentes? Janelas quebradas, jardins destruídos, as bolas que caíam no terreno do vizinho...

Havia brigas e, às vezes, muitos olhos negros. E mesmo feridos e chorosos, tudo passava depressa; na maioria das vezes, nem mesmo os nossos pais descobriam ou, tomavam conhecimento por terceiros...

Comíamos doces, pão com muita manteiga... E ninguém era obeso... No máximo, era-se um gordinho saudável...

Dividia-se uma garrafa de sumo, refrigerante ou até uma cerveja às escondidas, entre três ou quatro petizes e ninguém morreu por causa de doenças infecciosas!

Não existia a PlayStation, nem a Nintendo...

Não havia TV por cabo, nem vídeo, nem computador, nem Internet...

Tínhamos, simplesmente, amigos!

Andava-se de bicicleta ou a pé. Íamos a casa de amigos, tocávamos a campainha, ou batíamos à porta, entrávamos e conversávamos....

Sozinhos, num mundo frio e cruel!!!!!!!

Sem nenhum controle! Como sobrevivemos???

Inventávamos jogos...com pedras, feijões ou cartas...

Brincávamos com pequenos monstros: lesmas, caramujos, e outros animaizinhos, mesmo se nossos pais nos dissessem, para não fazermos isso!

Alguns estudantes não eram tão inteligentes quanto os outros e tiveram que refazer parte do Liceu.

Que horror! Não se mudavam as notas e ninguém passava de ano, mesmo não passando...

Os professores eram insuportáveis! Não davam abébias...

Os maiores problemas na escola eram: chegar atrasado, mastigar pastilhas na aula ou, mandar bilhetinhos gozando com a professora.

Correr demais no recreio ou faltar à aula, só para ficar a jogar à bola no campo...

As nossas iniciativas eram "nossas", mas as consequências também! Ninguém se escondia atrás do outro... os nossos pais estavam sempre do lado da Lei quando transgredíamos as regras!

Se nos portávamos mal, os nossos pais colocavam-nos de castigo e incrivelmente, nenhum deles foi preso por isso! Sabíamos que quando os pais diziam "NÃO", era "NÃO".

Recebíamos brinquedos no Natal ou no aniversário e não de todas as vezes que íamos ao supermercado...

Os nossos pais davam-nos presentes por amor, nunca por culpa...

Por incrível que pareça, as nossas vidas não se arruinaram por...não conseguirmos tudo o que gostaríamos, que queríamos...a que nos achávamos com direito.

Esta geração produziu muitos inventores, artistas, amantes do risco...

E ótimos "inventores" de soluções. Nos últimos 50 anos, houve uma desmedida explosão de inovações e tendências...

Tínhamos liberdade, sucessos, alguns problemas e desilusões, mas tínhamos muitas responsabilidades... aprendemos a resolver tudo?...e sozinhos...!?! Se é um destes sobreviventes... PARABÉNS!

46.2. SABE QUE ESTÁ VIVENDO EM 2007 QUANDO...

1. Acidentalmente tecla a sua senha no micro-ondas.
2. Há anos que não joga paciência com cartas de papel.
3. Tem uma lista de 10 números de telefone para falar com a sua família de 3 pessoas.
4. Envia correio eletrónico, SMS ou MSN para conversar com a pessoa que trabalha na mesa ao lado.
5. A razão por que não fala há muito tempo com alguns membros da sua família é desconhecer os seus endereços eletrónicos.
6. Usa o telemóvel na garagem de casa para pedir a alguém que o ajude a tirar as compras do carro.
7. Todo o anúncio de TV tem um sítio indicado na parte inferior do ecrã.
8. Se se esquecer do seu telemóvel em casa, aparelho que não tinha há 10 anos, você fica apavorado e volta para ir buscá-lo.
10. Levanta-se de manhã e liga o computador antes de tomar o café.
11. Conhece o significado de naum, tbm, qdo, xau, msm, dps ...
12. Não sabe o preço de um envelope comum.
13. Para ser organizado significa, ter PDA, agenda eletrónica ou coisas desse tipo.
14. A maioria das piadas que conhece, recebeu por correio eletrónico (e ainda por cima ri sozinho...).
15. Diz o nome da firma onde trabalha quando atende ao telefone em sua própria casa (ou até mesmo o telemóvel!).
16. Digita o "0" ou o "9" para telefonar de sua casa.
17. Vai para o emprego com preguiça quando o dia ainda está clareando, volta para casa quando já escureceu de novo.
18. Quando o seu computador para de funcionar, parece que foi seu coração que parou.

19. Está a ler esta lista e está a concordar com a cabeça e a sorrir.
 21. Está concordando e está tão interessado na leitura que nem reparou que a lista não tem o número 9.
 21. Regressou à lista para ver se é verdade que falta o número 9 e nem viu que tem dois números 21.
 22. E AGORA ESTÁ RINDO CONSIGO MESMO...
 23. Já está a pensar para quem vai enviar esta mensagem.
 24. Provavelmente agora vai clicar no botão "Encaminhar"...sem se dar conta de que está a ler o jornal.

É a vida...foi o que eu fiz também... Feliz modernidade.

46.3. EXIGÊNCIAS DA VIDA MODERNA

Ainda perguntam. Andas cansada?
 Exigências da vida moderna (quem aguenta tudo isto?)
 Dizem que todos os dias devemos comer uma maçã por causa do ferro.
 E uma banana pelo potássio.
 E também uma laranja pela vitamina C.
 Uma chávena de chá verde sem açúcar para prevenir a diabetes.
 Todos os dias se deve tomar pelo menos dois litros de água.
 E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.
 Todos os dias se deve tomar um iogurte pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos biliões, ajudam a digestão).
 Cada dia uma Aspirina, previne o enfarte.
 Uma taça de vinho tinto também.
 Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso.
 Um copo de cerveja, para...não me lembra bem para quê, mas faz bem.
 O benefício adicional é que se você tomar tudo isto ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.
 Todos os dias se deve comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer uma camisola.
 Deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente.
 E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada.
 Só para comer, serão cerca de cinco horas por dia.
 E não se esqueça de lavar os dentes depois de comer.
 Ou seja, tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, passar fio dental, massajar as gengivas, escovar a língua e bochechar com Tantum Verde.
 O melhor é ampliar a casa de banho e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque, entre a água, a fibra e os dentes, vai passar ali várias horas por dia.
 Devemos dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco a comer são vinte e uma.
 Sobram três, desde que, nas viagens não encontre muito trânsito...
 As estatísticas provam que vemos TV cerca de três horas por dia.
 Menos tu que me estás a ler, porque todos os dias vais caminhar pelo menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dá meia volta e comece a regressar, ou a meia hora cresce para uma...)
 E devemos cuidar das amizades, porque elas são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando estivermos fora...
 Devemos estar bem informados também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.
 Ah! E o sexo. Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina. Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução. Isso leva tempo e não estou a falar de sexo tântrico.
 Também é preciso que sobre tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que não tenhas um bichinho de estimação...
 Na minha conta são 29 horas por dia.
 A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo!
 Tomar banho frio com a boca aberta, assim vais bebendo água e aproveitas para lavar os dentes.
 Convida os amigos e os pais.
 Bebe o vinho, come a maçã e dá a banana na boca à tua mulher.
 Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda terias que comer um Danoninho e se sobrares 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio.
 Agora tenho que ir.
 É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao WC.
 E já que vou, levo um jornal...
 Tchau.... Se sobrar um tempinho, manda-me um e-mail

CRÓNICA 47 DOIDOS. A ASAE VAI-ME BANIR. CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS MANIPULADOS. NOVEMBRO 2007

47.1. ELES ESTÃO DOIDOS

Eles estão doidos!

A meia dúzia de lavradores que comercializam directamente os seus produtos e que sobreviveram aos centros comerciais ou as grandes superfícies vai agora ser eliminada sumariamente. Os proprietários de restaurantes caseiros que sobram, e vivem no mesmo prédio em que trabalham, preparam-se, depois da chegada da fast food, para fechar portas e mudar de vida.



António Barreto
Retrato da Semana

Os cozinheiros que faziam no domicílio pratos e "petiscos", a fim de os vender no café ao lado e que resistiram a toneladas de batatas fritas e de gordura reciclada, podem rezar as últimas orações. Todos os que cozinhavam em casa e forneciam diariamente aos cafés e restaurantes do bairro sopas, doces, compotas, rissóis e croquetes podem sonhar com outros negócios. Os artesãos que comercializam produtos confeccionados à sua maneira vão ser liquidados.

A solução final vem aí. Com a lei, as políticas, as políticas, os inspectores, os fiscais, a imprensa e a televisão. Ninguém, deste velho mundo, sobrará. Quem não quer funcionar como uma empresa, quem não usa os computadores tão generosamente distribuídos pelo país, quem não aceita as receitas harmonizadas, quem recusa fornecer-se de produtos e matérias-primas industriais e quem não quer ser igual a toda a gente está condenado.

Estes exércitos de liquidação são poderosíssimos: têm estado-maior em Bruxelas e regulam-se pelas directivas europeias elaboradas pelos mais qualificados cientistas do mundo; organizam-se no governo nacional, sob tutela carismática do ministro da Economia e da Inovação, Manuel Pinho; e agem através pessoal da ASAE, a organização mais falada e odiada do país, mas certamente a mais amada pelas multinacionais da gordura, pelo cartel da ração e pelos impérios do açúcar.

Em frente à faculdade onde dou aulas, há dois ou três cafés onde os estudantes, nos intervalos, bebem uns copos, conversam, namoram e jogam às cartas ou ao dominó. Acabou! É proibido jogar!

Nas esplanadas, a partir de Janeiro, é proibido beber café em chávenas de louça, ou vinho, águas, refrigerantes e cerveja em copos de vidro. Tem de ser em copos de plástico.

Vender, nas praias ou nas romarias, bolas-de-berlim ou

pastéis de nata que não sejam industriais e embalados? Proibido. Nas feiras e nos mercados, tanto em Lisboa e Porto, como em Vinhais ou Estremoz, os exércitos dos zeladores da nossa saúde e da nossa virtude fazem razias semanais e levam tudo quanto é artesanal: azeitonas, queijos, compotas, pão e enchidos.

Na província, um restaurante artesanal é gerido por uma família que tem, ao lado, a sua horta, donde retira produtos como alfaces, feijão verde, coentros, galinhas e ovos? Acabou. É proibido.

Embrulhar castanhas assadas em papel de jornal? Proibido.

Trazer da terra, na estação, cerejas e morangos? Proibido.

Usar, na mesa do restaurante, um galheteiro para o azeite e o vinagre é proibido. Tem de ser garrafas especialmente preparadas.

Vender, no seu restaurante, produtos da sua quinta, azeite e azeitonas, alfaces e tomate, ovos e queijos, acabou. Está proibido.

Comprar um bolo-rei com fava e brinde porque os miúdos acham graça? Acabou. É proibido.

Ir a casa buscar duas folhas de alface, um prato de sopa e umas fatias de fiambre para servir uma refeição ligeira a um cliente apressado? Proibido.

Vender bolos, empadas, rissóis, merendas e croquetes caseiros é proibido. Só industriais.

É proibido ter pão congelado para uma emergência: só em arcas especiais e com fornos de descongelação especiais, aliás caríssimos.

Servir areias, biscoitos, queijinhos de amêndoa e brigadeiros feitos pela vizinha, uma excelente cozinheira que faz isto há 30 anos? Proibido.

As regras, cujo não cumprimento leva a multas pesadas e ao encerramento do estabelecimento, são tantas que centenas de páginas não chegam para as descrever.

Nas prateleiras, diante das garrafas de Coca-Cola e de vinho tinto tem de haver etiquetas a dizer Coca-Cola e vinho tinto.

Na cozinha, tem de haver uma faca de cor diferente para cada género.

Não pode haver cruzamento de circuitos e de géneros: não se pode cortar cebola na mesma mesa em que se

E não tenhamos dúvidas: um dia destes, as brigadas vêm, com estas regras, fiscalizar e ordenar as nossas casas. Para nosso bem, pois claro

fazem tostas mistas.

No frigorífico, tem de haver sempre uma caixa com uma etiqueta "produto não válido", mesmo que vazia.

Cada vez que se corta uma fatia de fiambre ou de queijo para uma sanduíche, tem de se colar uma etiqueta e inscrever a data e a hora dessa operação.

Não se pode guardar pão para, ao fim de vários dias, fazer torradas ou açorda.

Aproveitar outras sobras para confeccionar rissóis ou croquetes? Proibido.

Flores naturais nas mesas ou no balcão? Proibido. Tem de ser de plástico, papel ou tecido.

Torneiras de abrir e fechar à mão, como sempre se fizeram? Proibido. As torneiras nas cozinhas devem ser de abrir ao pé, ao cotovelo ou com célula fotoelétrica.

As temperaturas do ambiente, no café, têm de ser medidas duas vezes por dia e devidamente registadas.

As temperaturas dos frigoríficos e das arcas têm de ser medidas três vezes por dia, registadas em folhas especiais e assinadas pelo funcionário certificado.

Usar colheres de pau para cozinhar, tratar da sopa ou dos fritos? Proibido. Tem de ser de plástico ou de aço.

Cortar tomate, couve, batata e outros legumes? Sim, pode ser. Desde que seja com facas de cores diferentes, em locais apropriados das mesas e das bancas, tendo o cuidado de fazer sempre uma etiqueta com a data e a hora do corte.

O dono do restaurante vai de vez em quando abastecer-se aos mercados e leva o seu próprio carro para transportar uns queijos, uns pacotes de leite e uns ovos? Proibido. Tem de ser em carros refrigerados.

Tudo isto, como é evidente, para nosso bem. Para proteger a nossa saúde. Para modernizar a economia. Para apostar no futuro. Para estarmos na linha da frente. E não tenhamos dúvidas: um dia destes, as brigadas vêm, com estas regras, fiscalizar e ordenar as nossas casas. Para nosso bem, pois claro. *Sociólogo*

Foi depois de ler este e outros artigos semelhantes (que surgiram nesta última semana de novembro no jornal Público) que me comecei a preocupar.

A máquina de lavar roupa tem mais de 20 anos e está ao ar livre em cima numa palete sem proteção contra os elementos e cheia de ferrugem.

A máquina de lavar a louça está cheia de ferrugem, a base onde se colocam os pratos só gira para dentro e fora com buchas de meter na parede, porque as rodas já se foram...

Por outro lado, o meu supergrande frigorífico australiano que finalmente começa a ter paralelo nos que existem nas lojas, tem uma capacidade de 470 litros, mas veda mal, tem inúmeros pontos de ferrugem, foi pintado e repintado por mim, mal e porcamente, sem obedecer a nenhuma das normas aprovadas, mas o pior de tudo é que obedece a normas australianas não homologadas em Portugal e já não tenho na minha posse os documentos da sua imigração para a União Europeia nos idos de 1995 ou 1996. Nem o ano sei, mas lembro-me de o ter comprado em fevereiro ou março de 1983.

A arca frigorífica é nacional, mas a data perdeu-se e tem sido vítima da minha tinta de spray branco sem grandes resultados apresentando sinais notórios de ferrugem.

Motivo de preocupação acrescido são as cadeiras da mesa de jantar que vieram da aldeia e foram construídas em data incerta há cerca de cem anos atrás. Igualmente preocupante é a existência cá em casa de um dente de marfim que a minha mulher herdou e está na lista de substâncias proibidas.

Além disto tenho inúmeras coisas ainda compradas na Austrália e que não estão ao gosto dos senhores da ASAE. A banca da cozinha apresenta defeitos de fabrico nas juntas e o esquentador a gás apenas ontem ficou a funcionar numa forma segura, após mais de dois anos de luta contra tudo e todos. Agora já deve estar com a sua emissão de gases regularizada, pois até agora, não escapavam e desligava automaticamente ao fim de 3 ou 4 minutos, o que tornava cada duche cá em casa numa aventura empolgante até se saber quando o frio se instalava e a água quente voltava. Por outro lado, a chaminé foi desfeita há dois anos e os tubos que lá meteram numa placa de cimento não estão em conformidade com nenhuma norma e muito menos as de segurança. Eu sei lá, são tantas as coisas que a ASAE podia encontrar aqui que acho melhor fechar-me em casa e não sair nem abrir a porta a ninguém, com medo de ser descoberto. Por causa das piratarías dos CD já pedi hoje número ISBN para os CD que faço aquando dos Colóquios da Lusofonia para deixarem de ser ilegais. Já me telefonaram a dizer que me vão dar os números de série. Ufa! Que alívio.

Agora o pior vai ser para o azeite e vinagre pois não temos embalagens seladas individuais e toda a gente se serve numa garrafa de groselha que era da minha mãe e data dos anos 50 ou 60 do século passado, e na qual se mete o azeite que se compra na loja em embalagens de 2 ou 4 litros... Também para o café e o açúcar dispomos de recipientes não homologados onde se metem os cafés (e por vezes até se misturam marcas) e os pacotinhos de açúcar que a minha irmã rouba do café. Ela diz que não rouba, pois, paga os pacotinhos, mas não os deita no café para não engordar (se bem que esse método não tenha dado resultados visíveis).

Depois há ainda as cassetes piratas que comprei em Bali (na Indonésia) quando era hippie em 1974 e que trouxe como recordação. Ainda se ouvem bem apesar de piratas e de terem tocado mais de dois milhões de vezes, e sabe bem ouvi-las pois lembro-me que foi nessa altura que desertei do exército colonial português e fui até à Austrália e Indonésia.

Podia ainda referir mais umas centenas de coisas que estão cá em casa sem ser em conformidade com as normas europeias e da ASAE, mas temo poder vir a ser preso por ser demasiado individualista e este texto, adiante, só serve para eu recordar o George Orwell e a "Vingança dos Porcos" e "1984".

47.2. A ASAE VAI BANIR

Como muitos o citam sem o terem lido extraio daqui um resumo da obra <http://www.duplipensar.net/george-orwell/1984-orwell-resumo.html>

No mais famoso romance de George Orwell, a história passa-se no "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, ou Pista de Pouso Número 1, parte integrante do megabloco da Oceânia. É comum a confusão dos leitores com o continente homónimo real. O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser uma congregação de países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade.

A transformação da realidade é o tema principal de 1984. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do omnipresente Grande Irmão (Big Brother). Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo, funcionário do Ministério da Verdade. A função de Winston é reescrever e alterar dados de acordo com o interesse do Partido. Nada muito diferente do que hoje em dia faz um qualquer jornalista ou um historiador.

Winston questiona a opressão que o Partido exercia nos cidadãos. Se alguém pensa diferente, comete crime de ideia (crime de ideia em Novilingua) e fatalmente será capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia, pura e simplesmente como se nunca tivesse existido.

Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 30 e 40, o livro não se resume a apenas criticar o estalinismo e o nazismo, mas toda a nivelação da sociedade, a redução do indivíduo a peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma.

Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelas teletelas e pelas diretrizes do Partido.

Orwell escolhe este nome na soma da 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill com o uso do sobrenome mais comum na Inglaterra. Esta obra-prima foi escrita no ano de 1948 e o seu título invertido para 1984 por pressão dos editores. A intenção de Orwell era descrever um futuro baseado nos absurdos do presente. Winston Smith e todos os cidadãos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o seu fim. Não era apenas sair de um programa de TV com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Os vizinhos e os próprios filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crime de ideia. Facto comum nos regimes totalitários.

Algo estava errado, Winston não sabia como, mas sentia-o e precisava extravasar. Com quem seria seguro comentar sobre suas angústias? Não tendo respostas satisfatórias, Winston compra clandestinamente um bloco e um lápis (artigos de venda proibida que adquiriu num antiquário).

Para verbalizar os seus sentimentos, Winston atualiza o diário usando o canto "cego" do apartamento. Desta forma não recebia comentários nem era focado pela teletela de seu apartamento. Um membro do Partido (mesmo que externo como Winston) tinha de ter um teletela em casa, nem que fosse antiga.

A primeira frase que Winston escreve é justificável e atual:

Abaixo o Big Brother!

A vida de repressão e medo nem sempre fora assim na Oceânia. Antes da Terceira Guerra e do Partido chegar ao poder, Winston desfrutava uma vida normal com os seus pais. Mesmo Winston tinha dificuldades para lembrar as recordações do passado e da vida pré-revolucionária. Os esforços da

propaganda do Partido com números e duplispensamento tornavam a tarefa quase impossível já que o futuro, presente e passado eram controlados pelo Partido.

O próprio ofício de Winston era transformar a realidade. No MINIVER (Ministério da Verdade), ele alterava dados de tudo que pudesse contradizer as verdades do Partido e lançava os originais no incinerador (Buraco da Memória). A função de Winston é uma crítica à fabricação da verdade pela mídia e da ascensão e queda de ídolos de acordo com alguns interesses.

O Partido informa: a ração de chocolate semanal aumenta para 20 g por cidadão. O trabalho de Winston consistia em coletar todos os dados antigos em que descreviam que a ração antiga era de 30 g e substituí-los pela versão oficial. A população agradece ao Grande Irmão pelo aumento devido aos propósitos mediáticos do poder.

Winston entendia que adulterava a verdade. Havia muito tempo que ele encobria a verdade para si, mas, aos poucos, começava, calado e solitariamente, a questionar tudo. O medo de comentar algo era um dos trunfos do Partido para o controle total da população. Winston tinha esperança na prole. Na sua ingênua visão [que se confunde com a biografia de Orwell na sua visão durante a guerra civil espanhola] a prole é a única que pode mudar o status quo.

Winston lembra os "Dois minutos de ódio", parte do dia em que todos os membros do partido se reúnem para ver propaganda enaltecendo as conquistas do Grande Irmão e, principalmente, direcionar o ódio contido contra os inimigos (toteísmo usado amplamente pelo ser humano: odeie o seu inimigo e identifique-se com o seu semelhante).

Winston separara-se devido à devoção de sua esposa ao Partido que seguia as determinações que o sexo deveria ser apenas para procriação de novos cidadãos. O sexo como prazer era crime. Ao ver uma bela mulher, lembrou-se da última vez que fizera sexo. Havia três anos e com uma prostituta repugnante. Boicotar o sexo, como pretendem os atuais donos do mundo é uma das forças motrizes para dominar a mente.

Winston anotava tudo o que se passava pela sua cabeça. Um exercício proibido, mas necessário. Anotar e lembrar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que revoltava Winston era o de Jones, Aaronson and Rutherford, os últimos três sobreviventes da Revolução. Presos em 1965, confessaram assassinatos e sabotagens nos seus julgamentos. Foram perdoados, mas logo após, foram presos e executados. Após um breve período Winston viu-os no Café Castanheira (local mal visto pelos cidadãos que não queriam comer crimideia).

No ano do julgamento Winston fez uma matéria sobre os três 'traidores'. Recebeu através do tubo de transporte que eles estavam na Lestásia naqueles dias, mas ele sabia que eles confessaram estar na Eurásia (naquela época a Eurásia era a inimiga, mas num piscar de olhos, a Lestásia deixava de ser a aliada e passava a ser a inimiga).

Esta é uma crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados também por setores dos EUA para combater o avanço do comunismo. Durante a vigência do pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para a população dos dois países. Eles não eram amigos, eles sempre foram amigos! No ano seguinte, rumo ao 'espaço vital alemão', os russos sempre foram os inimigos. Sempre tinham sido. Bastante atual se se comparar o apoio logístico e bélico dado aos estados-unidenses a Saddam Hussein, Osama bin Laden para combater o comunismo. Agora, eles são os inimigos eternos.

A mentira do Partido era a prova que Winston procurava para si. Havia algo podre na Oceânia. Winston, que era curioso, mas não era burro, deita o papel que podia incriminá-lo no buraco da memória. Revoltado, escreve no seu diário que liberdade é poder escrever que dois mais dois são quatro. As fábricas russas ainda contêm placas com o lema: dois mais dois são cinco se o partido quiser.

Não era bem-visto que membros do Partido frequentassem o bairro proletário. Winston estivera há poucos dias no mesmo local para comprar o seu diário. Depois de um contumaz bombardeio, Winston entrevista pessoas sobre como era a vida antes da guerra, mas os idosos não lembram mais, apenas futilidades e coisas pessoais.

Ao voltar ao antiquário o proprietário tem uma surpresa para o curioso por antiguidades. Winston esperava ver algum objeto anterior ao Partido, mas o que o Sr. Carrington lhe mostra é um quarto com arrumação e mobílias antigas. Sem teletelas. Winston, ao sair do antiquário, vê uma mulher e desconfia que ela seja uma espia da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade, o que aumenta o seu temor em ser denunciado. Ao passar por Winston, ela simula uma dor para desviar a atenção das teletelas, e passar um bilhete escrito: "Eu te amo".

As normas do Partido deixavam claro que membros do Partido, principalmente dos sexos opostos, não deveriam comunicar-se a não ser a respeito de trabalho. Passaram semanas em conversas fragmentadas até conseguirem marcar um encontro num lugar secreto longe dos microfones escondidos. Winston só descobriu o seu nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída por Winston pelo seu rosto que parecia ir contra o partido. Estava na cara que Winston era perigoso à ordem e ao progresso.

Winston surpreende-se ao saber que Júlia se 'apaixonava' com facilidade. O desejo dela era corromper o estado por dentro, literalmente. Para continuar o seu romance com Júlia, Winston tem a ideia de alugar aquele quarto do antiquário. Winston ficou impressionado e passou a acreditar que Júlia seria uma ótima companheira de guerra. Por enquanto, era a pessoa com quem Winston podia compartilhar os seus sentimentos e segretos. Apaixonado, recupera peso e saúde.

Certo dia, O'Brien, um membro do Partido Interno, percebe também que Winston era diferente dos outros e convida-o, para despistar as teletelas, a ir ao seu apartamento ver a nova edição do dicionário de Novílingua. O convite de O'Brien era incomum e fez Winston animar-se com a possibilidade de uma insurreição. Passa a crer que a Fraternidade não era apenas peça de propaganda, a organização anti-Grande Irmão responsável por todos os danos causados na Oceânia tal qual Bola de Neve em a "Revolução dos Bichos".

Winston leva Júlia ao encontro. Para espanto do casal, O'Brien desliga a teletela do luxuoso apartamento. Alguns membros do partido Interno tinham permissão para se desconectar da sua 'banda larga' por alguns instantes.

Winston confessa o seu desejo de conspirar contra o Partido, pois acreditava na existência da Fraternidade e para tal as suas esperanças estavam depositadas em O'Brien. Os planos eram regados a vinho digno, artigo inviável para os integrantes do Partido Externo, e o brinde destinado ao líder da Fraternidade, Emanuel Goldstein.

Dias depois, Winston recebe a obra política de Goldstein.

Winston "devora" o livro enquanto Júlia não demonstra o mesmo interesse. Winston ainda acredita nas proles mesmo ao ver uma mulher cantando uma música prefabricada em máquinas de fazer versos. Nada muito distante da música atual. "Nós somos os mortos" filosofa Winston ao contemplar a vida simples da prole. A ignorância dos menos abastados não era perigo para o Partido e, portanto, não sofria tanta repressão quanto os membros, superiores e inferiores do Partido, a classe média. "Nós somos os mortos" repete uma voz metálica. Sim, era uma teletela escondida atrás de um quadro. Guardas irrompem no quarto e Winston vai para uma cela no Ministério do Amor.

Até as celas tinham teletelas que vigiavam cada passo de um Winston doente e faminto. Os prisioneiros têm a fisionomia dos do campo de concentração. Ao encontrar O'Brien, Winston que pensara que ele também fora capturado, escuta a frase mais enigmática do livro: "Eles já me agarraram há muito tempo". Winston vai para uma sala e O'Brien torna-se o seu torturador. O'Brien explica o conceito do duplispensar, o funcionamento do Partido e questiona Winston sobre as frases de seu diário sobre liberdade. O'Brien não esquece o que o Winston escreveu. A liberdade é o tema para que O'Brien explique durante a tortura o controle da realidade.

Se necessário deveria haver tantos dedos na sua mão estendida quantos o partido quisesse. A verdade pertence ao Partido já que este controla a memória das pessoas. Winston, torturado e drogado começa a aceitar o mundo de O'Brien e passa ao estágio seguinte de adaptação que consiste em aprender, entender e aceitar.

Winston sabia que já se estava a adaptar e a confessar que a Eurásia era inimiga e que nunca tinha visto a foto dos revolucionários. Mas ainda faltava a reintegração e este ritual de passagem só poderia ser concluído no Quarto 101. Segundo O'Brien, o pior lugar do mundo. O Quarto 101 é um inferno personalizado. Como Winston tem pavor de roedores, os torturadores colocam uma máscara no rosto com uma abertura para uma gaiola cheia de ratos famintos separada apenas por uma portinhola. A única forma de escapar é renegar o perigo maior ao Partido, o amor a outra pessoa acima do Grande Irmão. "Pare. Faça isso com a Júlia" grita Winston.

Winston, libertado, termina seus dias tomando Gin Vitória e jogando sozinho xadrez no Castanheira Café. Ao fundo, o seu rosto aparece na teletela confessando vários crimes. Foi libertado e teve a posição rebaixada para um trabalho ordinário num subcomité. Trajetória de milhares de pessoas de regimes totalitários, como o checo Thomaz de "A Insustentável Leveza do Ser" de Milan Kundera, o caso do médico que vira pintor de paredes ao renegar as ordens do partido não é muito diferente daqueles que não se adaptam em suas profissões no mundo livre S.A.

Júlia escapa também do Quarto 101. O Partido separou-os e os dois só voltaram a encontrar-se ocasionalmente. Já não eram as mesmas pessoas. Tinham "crescido" e traído. Winston, no Café Castanheira, sorri. Está completamente adaptado ao mundo. Finalmente ele ama o Grande Irmão."

Já tudo isto acontece e só vai piorar. O Big Brother já está nas nossas vidas e nós aceitamo-lo sem pruridos. É fácil saber o que fazemos através dos cartões de crédito e débito, do novo cartão de cidadão, da passagem pelas portagens numa qualquer autoestrada, pelo Metro e seu "Cartão Andante", pelas câmaras nos centros comerciais e em toda a parte. Não se admirem se qualquer dia com a nossa inconformidade e individualismo pudermos ser privados da nossa pseudoliberalidade por não termos cumprido as normas de higiene e de saúde que "eles" determinaram serem obrigatórias. Cada vez há menos espaço para seres pensantes e questionadores como eu.

Só espero que isto não acelere demasiado para os anos de vida que ainda tenho. Não se preocupem demasiado pois eu sou assim e esta fobia excessiva que tenho contra as bases de dados, é um sinal evidente da minha hipocondria e da necessidade absoluta que existe de me internarem como um perigo para a sociedade uniforme e cinzenta que me querem impor. Ah! Se eu ao menos tivesse cá a cicuta, repetia-se o destino naquele cujo nome não podemos mencionar sem arriscarmos irmos presos.

Podia continuar a crónica com o comezinho incómodo das últimas semanas enquanto deitavam abaixo, à marretada e à força bruta de retroescavadora, a centenária casa aqui ao lado, que em ruínas nos acompanhara nos últimos dois anos. O som daqueles constantes tremores de terra, abanava a estrutura centenária que habita, em especial a falsa (sótão) no primeiro andar em madeira... Se não soubesse já como era sentir um terramoto esta era a oportunidade de o experimentar entre as oito da manhã e as cinco da tarde. Dias e dias, de fio a pavio, sempre a tremer. Pior que a doença de Parkinson. Sem sequer poder abrir a janela devido às toneladas de pó que se iam acumulando pela casa toda.

Era como se o mundo real lá fora estivesse a conspirar contra mim, e estava, mas a maior parte das pessoas nem se apercebia e vivia tranquila na morrinha da lufa diária pela sobrevivência, que a mais não podiam aspirar. Voltemos ao Big Brother... Também isto constava das previsões de George Orwell (n. Eric Arthur Blair, Bengala, 1903-1950). Nesse seu famoso romance, a história desenrola-se quatro décadas depois de ter sido escrito, num "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, aliás, PP1 (Pista de Pouso Número 1), parte integrante do megabloco da Oceânia.

O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser a congregação de países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade.

A transformação da realidade é o tema do livro. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do omnipresente Grande Irmão. Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo e funcionário do Ministério da Verdade. A sua função é re-escrever e alterar os dados de acordo com os interesses do Partido. Não muito diferente das atuais funções de um qualquer jornalista ou historiador que se preze, seja na América ou mesmo na UE.

Winston questiona a opressão que o Partido exerce nos cidadãos. Se alguém pensasse de forma diferente, cometia crime de ideia (crime de ideia, em novílingua), seria fatalmente capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia.

Eu adquirir rapidamente pés de galinha, os cabelos e pelos eriçam-se como se tivesse visto um fantasma, isto, claro está, no caso de existirem. Comecei a olhar por sobre o ombro à cata de alguém que me espiolhe ou esquadrinhe as ideias, tão diversas do pensamento "aprovado e oficial". Não me apetecia ser vaporizado pois tinha um legado que queria imune à ação de um qualquer ministério da verdade.

Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 1930 e 1940, o livro de Orwell critica o estalinismo e o nazismo e toda a nivelação da sociedade, tal como pretenderam fazer em Portugal depois do 25 de abril. Uma redução do indivíduo a uma peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma. Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelos ecrãs (teletelas) e diretrizes do Partido.

Orwell escolheu o nome em 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill. Esta obra-prima escrita em 1948 viu o título invertido para "1984" por pressão dos editores. A intenção era descrever o futuro baseado nos absurdos do presente. Winston e todos os cidadãos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o fim. Não apenas sair de um programa televisivo "Big Brother" com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Vizinhos e filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crime de ideia. Nada que Mao, Pol Pot e tantos outros, não tivessem já feito. Comum em regimes totalitários.

Winston separou-se da mulher devido à devoção dela ao Partido. Ela seguia a norma de que o sexo era apenas para procriação de cidadãos. Como prazer era um crime. Boicotar o sexo é uma das forças motrizes para dominar a mente. Winston inventava tudo num exercício proibido, mas necessário. Anotar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que revoltava Winston era o dos últimos sobreviventes da Revolução. Foram presos e confessaram assassinatos e sabotagens. Foram perdoados. Depois, Winston viu-os no Café, local mal visto pelos cidadãos que não queriam cometer crime de ideia. Foram executados. No ano do julgamento Winston fez uma matéria sobre os três 'traidores'. Informavam que estavam na Lestásia, mas estava na Eurásia que era inimiga naquela época. Num piscar de olhos, deixava de ser a aliada e passava a ser a inimiga.

Esta era uma dura crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados pelos EUA para combater o avanço comunista. Durante a vigência do pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para a população dos dois países. "Eles não eram amigos, sempre foram amigos!" No ano seguinte, rumo ao espaço vital alemão, os russos "sempre foram os inimigos". Sempre.

Os membros do Partido não deviam frequentar o bairro proletário. Winston fora lá para comprar o diário e entrevistara pessoas sobre a vida antes da guerra. Os idosos não se lembravam. Ao voltar ao antiquário, o proprietário mostra-lhe um quarto com mobílias antigas sem teletelas. Ao sair, vê uma mulher e desconfia que seja espia da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade. Aumenta o temor em ser denunciado. No entanto, ao passar por Winston, passa-lhe um bilhete: "amo-te". As normas do Partido determinavam que os seus membros não deveriam comunicar a não ser sobre trabalho. Passaram semanas e marcaram um encontro longe dos microfones escondidos. Winston descobre-lhe o nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída pelo seu rosto que parecia ir contra o partido. Winston surpreende-se ao saber que Júlia se 'apaixonava' com facilidade.

Esta foi a trajetória de milhares de pessoas em regimes totalitários, como o checo Thomaz em "A Insustentável Leveza do Ser" de Milan Kundera. A ficção já não iguala a realidade, mas é ultrapassada por esta. Este texto é bastante atual se compararmos o apoio logístico e bélico dado pelos norte-americanos a Saddam Hussein e a Osama bin Laden para combaterem o comunismo.

Depois passaram a inimigos eternos. Saddam foi capturado e enforcado, Osama ausente em parte incerta. Assim no-lo querem fazer crer. Podem sempre desenterrá-lo, um dia, se e quando for necessário. O que acabamos de rever é já a quase realidade em que vivemos.

A privacidade de há 10, 15, 20 anos ou mais, seria impensável hoje. Tudo em nome da defesa dos valores sagrados da civilização ocidental. Da luta contra o terrorismo. Doutra qualquer peleja que os líderes hão de inventar. Como as armas químicas que o velhaco genocida do Saddam Hussein afinal não tinha. O mesmo que os EUA forjaram com Bin Laden. Desde há um século que "inventam" personalidades destas para fazerem o que lhes convém, lembremo-nos do Xá da Pérsia, ou do Panamá e de mais umas centenas de golpes falhados e aqueles que fizeram ricochete como no atual Irão...

Aprovada pela maioria socialista portuguesa na Assembleia da República uma conquista invidável de todos os "esquerdistas" traumatizados (ler adiante). Alguns ficaram com pena de se não ir mais além. De não ter havido coragem para desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas. Reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários no caso extremo e anormal de haver exames ou provas de avaliação. As famílias ficavam felizes com os filhos que tinham obtido excelente aproveitamento escolar e podiam ser doutores, o governo exultava com as estatísticas para Bruxelas ver e com os progressos feitos no seu mandato e acabava-se com esta fascista prática de obrigar crianças e adolescentes a aprenderem matéria que não serve para nada.

Jornal Público Notícia 2008-01-18 11:09:00

O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário. Este documento estipula que o prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, se o aluno estiver no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino.

Mas os desígnios do governo eram mais avançados: fechar o interior do país para ficar como uma coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Deveriam ter decidido encerrar todo o país. Com a lusitana nação fechada era mais fácil governá-la. Gastava-se menos dinheiro. Ficava resolvido o problema do défice. Os espanhóis vinham e podiam plantar tudo o que os portugueses não plantam. Porque não dá, ou porque não vale a pena, dizem os lusos. Faziam disto a horta ou quinta espanhola, à moda dos da ilha do Faial que entendiam a ilha do Pico como colónia privativa de férias.

Só havia um problema. Os portugueses têm uma produtividade elevada quando trabalham no estrangeiro. Aí era uma chatice. Se começassem a trabalhar nas hortas espanholas, que dantes eram portuguesas, podiam habituar-se a trabalhar no duro e ainda tornavam este país rentável... Podia ainda falar-vos das chuvas torrenciais dos últimos dias. Como é habitual, levaram nas suas enxurradas mais umas terras, desabadas estrada dentro, e obrigaram à intervenção das solícitas equipas da proteção civil açoriana, mas tudisto era habitual e já ninguém estranhava. Vários os começos idealizados, mas todos esquecidos. Sintoma do avançar da idade.

É importante, e (se bem que ninguém me leia e ninguém me ouça) há muito que o ando a dizer nos labirintos esconsos das minhas conversas: o ensino em Portugal (tal como a democracia) segue um rumo globalizado de privatização. No futuro, haverá um acesso universal ao ensino, mas de má qualidade e sem grande futuro. A alternativa será o ensino privado, levando algumas pessoas a engrenagens de dívidas perenes e endividamento sem hipótese de saírem desse círculo vicioso. Entretanto, as pequenas elites com poder de compra irão optar por escolas privadas, donde sairão os futuros dirigentes da nação que optem por não irem para o estrangeiro.

Ter-se-á assim um país, e um mundo, a duas velocidades. A das massas, o antigo proletariado, com melhores condições que no tempo da ditadura, pois ostentam títulos académicos sem que isso represente emprego ou profissão duradoura. A das elites (à semelhança dos tempos da outra senhora) terá o privilégio de nomear os seus eleitos para todos os níveis de chefia a partir do intermédio. Mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais o programa de "Novas Oportunidades" vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que muitos pensam, não vai deixar de os ter, o que vai ter é analfabetos com diplomas. Nada disto é à toa, nem por uma questão de birra.... Já acontece nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas...

Teremos um país dos que têm e dos que não têm. Ninguém se preocupa com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal). Ninguém perde o sono ou o apetite, pelos sem-abrigo, que se propagam mais depressa que coelhos, nas ruas das cidades esvaziadas de Humanidade, autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser "gentrificadas" para dar origem a condóminos de luxo. Os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP. O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino será a coutada de férias dos ricos e poderosos.

Decidi não mais comprar a habitual dose de livros de ficção. A realidade não para de se exceder e tornar-se mais inverosímil que a própria ficção. No pequeno jardim à beira-mar plantado, as liberdadezinhas vão sendo ameaçadas e cidadania é sinónimo de coragem. Há uma crise das instituições que ninguém ousará negar. A própria democracia do 25 de abril resvalou para a pura demagogia. É encabeçada pelos discursos gloriosos do onnipotente e intocável líder. O tal que fez um curso universitário por faxe num domingo. O que assinou projetos de casas de emigrantes em cima de pocilgas de porcos sem saneamento. Nenhum mal veio ao mundo pois nem era proibido nem ilegal. Os representantes eleitos estão, sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores. Esta teia intrincada de corrupção e nepotismo coloca em causa a democracia.

Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura, imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. Depois, seguindo um processo a nível mundial centrado no politicamente correto, assiste-se à criação artificial do ser imperfeito: agora é o fumador, daqui a uns tempos serão os obesos e depois os carnívoros ou os heterossexuais. Tudo isso será tão grave como não pagar impostos. As represálias irão fazer-se sentir sobre aqueles que exercem um mero ato de cidadania. Os jornalistas não ousam criticar ninguém a menos que "mandados". Já não há espírito de missão nem a profissão pode ser levada a sério. Portugal nunca foi um país de "jornalismo de investigação" e agora ainda menos. A sociedade civil não se pronuncia e os jornalistas raramente o fazem. Os que querem ser esclarecidos contentam-se com o mundo "underground" dos blogues. O progresso tecnológico galopante, nas últimas décadas, permitiu a todos um acesso alargado à informação, mas as pessoas estão menos informadas. Vive-se a miragem de uma multiplicidade de jornais e de canais. Os telejornais são decalcados uns dos outros, apenas os apresentadores e a ordem das notícias muda.

Os grandes grupos económicos que dominam os meios de comunicação (e os meios livres nacionais) promovem um cartel monopolizador da "verdade", onde a independência e isenção são palavras vãs que se arriscam - em qualquer momento - a serem trucidadas. Os assalariados (leia-se jornalistas) se bem que hipoteticamente livres para escreverem sobre qualquer assunto, de qualquer forma ou feitio, só serão publicados se o conteúdo for conveniente aos interesses dos seus donos (leia-se patrões). Este tipo de censura é a pior. Cresceu incomensuravelmente nas últimas décadas e já me preocupava em meados de 80 na Austrália. É quase invisível.

Mais brutal que o velho sistema do "lapis azul" do SNI que eliminou 64 das 100 páginas do meu primeiro livro de poesia em 1972 (Crónica do Quotidiano Inútil) para ficar elegantemente reduzido a 32.

Agora, o quarto poder, a imprensa escrita e audiovisual, na sequência do célebre caso Watergate, deixou de funcionar em prol das liberdades e direitos dos cidadãos. Já não faz denúncias. Antes pactua e se esconde sob a ameaça velada das restritas leis que obrigam um jornalista a fornecer as fontes sob pena de ir para a cadeia ou pagar indemnizações milionárias. Os grandes grupos gabam-se de conseguirem eleger governos e presidentes e quando não o conseguem vale sempre a ajudinha duma batota, como aconteceu com a eleição de George W. Bush graças aos votos da Florida (onde o seu irmão mandava). O homem que perdeu as eleições e teve menos votos, foi eleito para aquilo que se assistiu nos últimos oito anos. Ninguém sabe quantas guerras e milhares de mortos por causa de tais eleições. Em simultâneo, os grupos económicos que o apoiavam aumentaram desmesuradamente a sua influência, poder e lucros. Nem só de petróleo viveu a administração Bush.

Aqui vos deixo um alerta para a necessidade de acordarem. Todos. Mesmo os que têm a consciência escondida ou pesada pelas atoardas com que diariamente vos metralham na comunicação social. É preciso haver jornalistas. Daqueles que nunca se calaram nem se vergaram ao peso do que era conveniente ou não dizer, sem olhar a atenuantes ou consequências. Têm - agora, mas do que nunca - que ser arautos dos que não têm voz. Cada vez é maior o número dos desprovidos. Têm de ter uma probidade e ética inultrapassável para afrontar tudo e todos, sem encolher os ombros cómodos, tal como os antepassados fizeram. Assim surgiu o deflagrar da 1ª e da 2ª Grande Guerra. Durante mais de vinte anos, fui um paladino internacional pela causa de Timor quando ninguém acreditava. Era sistematicamente ridicularizado pela direção da LUSA, RDP, RTP ou Público (do qual fui um dos fundadores) por escrever demasiado sobre a "guerra perdida dos timorenses". Arquei com esse peso e consequências, a nível da própria sanidade mental, durante 24 anos. Em 1999 consegui publicar o primeiro volume da trilogia da história de Timor (Timor Leste: o dossier secreto 1973-1975) com documentos que eram secretos. Este facto é relevante por ter sido, originalmente, escrito na semana em que o ditador indonésio, o genocida Suharto faleceu. Foi considerado o maior cleptocrata de sempre ao longo de 32 anos de reinado tendo acumulado 53 biliões de dólares.

No prefácio autoral escrevi então:

Este trabalho mostra a atitude lânguida dos colonizadores portugueses, os primeiros europeus a "descobrir" Timor Leste e Austrália, que se descartaram da Austrália e preferiram instalar-se em Timor devido à sua madeira de sândalo. A expansão holandesa forçou os Portugueses a colonizar Timor Leste e a tentar "pacificar" a sua rebelde população.

Este diário de acontecimentos, até à sangrenta anexação de Timor Leste, pretende mostrar como Portugal lidou incompetente e apressadamente com a sua retardada descolonização. conclui-se que Timor Leste não estava então preparado, nem os Portugueses tiveram tempo para os preparar, e, os EUA, Austrália e Indonésia estavam ansiosos para se verem livres do problema de Timor. O Timor Português era um atraso, sem educação, nem infraestruturas. A Austrália competia pelo petróleo em plena crise energética de 1973, e Portugal estava ainda a aprender a tornar-se numa democracia depois de 48 anos de ditadura, à medida que tentava evitar a sua própria quase guerra civil. Quando a descolonização se inicia em 1974, a administração portuguesa introduz medidas aceleradas para a preparação de quadros com vista à futura passagem de poderes e autodeterminação.

A Indonésia já estava adiantada a falsificar a escrita apoiada pela histeria anticomunista dos EUA devido à queda de Saigão, à "Teoria do Dominó" do Dr. Kissinger e incentivada pela pragmática ingenuidade da diplomacia petrolífera australiana. Para Portugal, Timor ainda é, uma vez mais, demasiado longe, demasiado pobre e demasiado pequeno para ter alguma importância. Deficientemente preparados, os Timorenses esperavam, por qualquer razão desconhecida, que o mundo escutasse os seus pedidos de S.O.S., depois duma curta guerra civil e breve declaração unilateral de independência. Mas, quando os abutres Indonésios descem a pique, o mais abafado genocídio secreto do século ocorre fora dos olhos e ouvidos do mundo.

Apesar dos duzentos mil mortos (um terço da população), sabemos agora que Timor não era o Kuwait, e ninguém escutava os seus apelos. A luta prossegue ainda após a queda de Suharto. Ao invés da invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, os EUA, Reino Unido e outras potências ocidentais não fizeram uma campanha unida contra a brutal agressão da Indonésia. Ninguém se importou então e poucos querem saber disso agora. Esta é a razão principal desta tese.

Dedico-a à memória de todos os que lutaram de armas na mão, ou doutras formas, e que ainda lutam pelo direito do povo Maubere à autodeterminação, que com pleno direito eles têm tentado afirmar ao longo dos últimos 23 anos.

Este trabalho acompanha a bibliografia disponível para o período 1973-1975: artigos de jornal, entrevistas, a minha vivência real de Timor, e mais de vinte anos de pesquisas em bibliotecas e editoras. As suas conclusões tornam-se óbvias ao adicionarmos os cabogramas SECRETOS de países ocidentais. A tese baseada em documentação escrita da época pretende demonstrar que embora enormemente desejada, a independência não teria sido viável então, mas é mais do que merecida hoje

Hoje em dia já não há debates, mas fachadas de pretensa discussão, veículos de propaganda governamental da democracia "guiada". Este cinzentismo acéfalo e monocórdico da comunicação social foi enriquecido pelo aparecimento dessa droga legal chamada "imprensa cor-de-rosa". É soporífera e causa danos irreversíveis à mente humana. Nenhum governo se atreve a legisla-la, proibi-la ou sancioná-la. Pelo contrário, encontram nela um valioso aliado na luta obscurantista em que estão empenhados, para que o povo pense que está a ser governado enquanto eles se governam. Resta o mundo dos blogues para se saber o que é de veras importante. Quando os políticos falam não são eles, mas sim as agências de comunicação e os grandes grupos que os sustentam.

Quer-se, teoricamente, um cidadão culto e educado, para ter a liberdade de fazer as suas opções em liberdade. Mas o que se criou foi um pateta manipulado. Pensa que vive em democracia e é livre, mas não passa de participante involuntário em uma fraude democrática. São esses os idiotas que votaram no Sócrates, nos antecessores e nos sucessores. Os que se queixam de terem sido enganados. Como se diz em inglês "read my lips" ... O que o povo quer é ver as revistas com os escândalos dum pseudojetset e duma pseudonobreza sem sangue azul, só fama fácil. O que o bom povo quer é mortes, violações, abusos, desgraças, inundações, incêndios, bombas, guerras e as tragédias longínquas, dos outros. As suas não lhe interessam.

O povinho (tão bem retratado como foi por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, ainda hoje atuais) quer ver as vergonhas dos outros para que não vejam a sua. "é disto que o meu povo gosta" como diria Pedro Homem de Mello, embora se referisse ao folclore... Assim se explica que a maior parte dos bons jornalistas portugueses se encontre desempregada sem ser por opção ou por reforma antecipada. Não eram fabricantes de notícias sensacionalistas para abrir o telejornal, empolando banalidades em transmissões diretas do nada. Nunca o país viu aumentar tanto e em tão pouco tempo o fosso entre ricos e pobres como nestas últimas décadas. As pensões e reformas são das mais baixas da Europa, mas os Executivos portugueses ganham mais do que os seus milionários congêneres norte-americanos. Ninguém escreve sobre isto? Limitam-se todos a passar secretamente essas notícias em e-mails aos amigos.

Uma idosa que roubou uma peça avaliada em menos de quatro euros foi levada a tribunal pelo supermercado, e o filho do banqueiro Jardim Gonçalves (entre outros ladrõeszinhos que existem por aí) nem sequer a tribunal vai?

Claro, que o roubo de muitos milhões é investimento falhado e o de uns cêntimos é um crime de lesa-majestade. Gosto de escrever a palavra REVOLTEM-SE, mas podia ser considerado um crime de traição ou de apelo ao terrorismo, face às novas leis, pelo que me coíbo de o fazer.

Faltou frisar que a ideia da nova educação é fazer com que os professores estejam cada vez menos preparados e criem alunos ignorantes. É a teoria do mínimo denominador comum. Não interessa a nenhum governo uma população culta, educada e lida...depois era mais difícil regê-los. Segue-se uma nova versão da máxima salazarista "quanto mais ignorantes mais felizes..." ou como o amigo Daniel de Sá lestantemente me avisou, no seu formato original, a máxima de Salazar era: "Um povo culto é um povo infeliz." Sejamos felizes, sejamos incultos. A razão de todas as infelicidades reside na Santa Cultura que tanta dor pariu. Depois criam-se artificialmente castas (este país sempre foi um país de castas).

Primeiro, havia uma dicotomia entre professores primários, secundários e os universitários. Vasos não comunicantes e estanques. Depois passaram os primários a professores do básico. Não os melhoraram, não lhes deram mais instrumentos de cultura e de formação, promoveram-nos apenas no nome, título e casta. Fizeram isso com os do secundário e apenas restava agora a dicotomia entre os do Politécnico e os das Universidades. Como não lhes deram mais formação, nem preparação nem educação, os professores primários (e a minha mãe era-o) apesar de serem agora equivalentes aos antigos professores de liceu continuavam com a sua velha mentalidade de professores primários, o que impedia o sistema de seguir em frente e evoluir (as honrosas exceções que ainda existem e estão no ativo que me perdoem este desabafo) e se sentem atacados quando os colegas que vêm de outros ramos do ensino e com outra formação académica os confrontam.

A ignorância e a falta de preparação de tantos professores até doem. Já basta haver programas que pouco ou nada ensinam (cada vez são mais curtos, inúteis e fúteis para contrapor a asserção vigente no seu tempo de que aprendiam coisas de que mais tarde não se iriam servir). Claro que a falta de preparação dos professores aplicada numa educação de massas, caracterizada pelo mínimo denominador comum, vai perpetuar o ciclo descendente de conhecimentos, e cada vez haverá mais burros nas fileiras. Isso é altamente importante para os políticos no poder. Quanto mais iletrados os professores e seus alunos, melhor serão conduzidos os dez milhões de cordeiros do rebanho da nação portuguesa. A educação é uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Quanto a estruturas, este país tem demasiadas leis e incumprimentos a mais...para quê tantas se ninguém as cumpre? Quando as tentam impor, é sempre duma forma arbitrária, bruta e cega de aderência à letra da lei e não ao seu espírito, ou então limita-se a uma mera caça à multa. Uma coisa é ter regras e normas. Outra é tentar impor leis a uma população impreparada e ignorante pela força bruta.

Há ainda os lóbis fortíssimos dos médicos, farmacêuticos e advogados em quem ninguém toca e são corresponsáveis pela má saúde do país. O que é preciso é civilizar [leia-se DOMESTICAR] o povo primeiro para se poderem impor regras e normas. O que se faz é impor regras e normas à bruta sem se educar o povo, logo o resultado está à vista...vive-se numa ditadura republicana, de esgares monárquicos, disfarçada de democracia. Tal como no tempo do Hitler só quando ela chegar à nossa porta é que nos daremos conta do caminho por onde nos levaram... As democracias só podem funcionar com gente culta e preparada e não com quase dez milhões de analfabetos como em Portugal.... Nos outros países (e na

Austrália vi isso) fazem-se sacrifícios e o país avança e progride, aqui obrigam-se a sacrifícios e o país fica na mesma. Aqui só se trabalhou para a estatística europeia e não para criar riqueza. É isso que acontece com os empresários portugueses na sua maioria. Como escrevia Mendo Henriques em agosto de 2008: “é altura de fazer uma revolução e dar o poder a quem tem cultura e não a quem tem dinheiro”.

É tudo uma questão de visão, os portugueses têm-na tipo túnel (quando a têm). Outros veem mais longe e preocupam-se com o futuro. JC aprendera imenso com os chineses. Fora essa a lição mais importante. Nunca me esqueço também daquilo que mais me impressionara na aprendizagem com os aborígenes australianos: como sobreviver milhares de anos com uma cultura oral, sem escrita, sem posse de terras, sem matar a não ser o que é necessário para uma alimentação frugal, para preservar o meio ambiente. Assim foram capazes de manter um segredo durante séculos (como era o crioulo de português que uma tribo manteve durante mais de quatrocentos anos).

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos que falam muito e se queixam ainda mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticarem o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles. O país continua diariamente – há muitos anos – a gastar muito mais do que produz. A hipotecar-se sem construir ou criar algo de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva será paga pelas gerações futuras, hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá.

Os portugueses habituaram-se a ir de férias à República Dominicana ou a Cancún, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito. Goze agora e pague depois, se não morrer antes. Não se importam com os que roubam à sua volta, sejam eles do governo ou da privada. Até os invejam e gostariam de poder fazer o mesmo. Por outro lado, os que se aproveitam desta e doutras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e os que orbitam nessas esferas continuam a ir aos stands de automóveis de desporto comprar Ferrari, Porsche etc. Não há rutura de abastecimentos, e os supermercados continuam a oferecer milhares de artigos à escolha. A maioria dos habitantes, desta Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios. Abomina quem os tem.

Se bem que poucos, ainda existem alguns, que os preservam e perseveram. Se não são mais ouvidos, quando ainda têm direito a tempo de antena nas rádios e televisões, é porque os seus programas só são transmitidos quando todos dormem e apenas os alcoólicos com insónia estão despertos.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é a do desemprego, que já levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Nem os pobres imigrantes da África subsaariana já querem vir para cá. Preferem qualquer outro país europeu. Para onde imigrar? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem dos portugueses escravos numa qualquer pocilga agrícola. O subsídio de desemprego e o rendimento de reinserção social são meros paliativos, desincentivos ao emprego e servem para atrasar ainda mais a miséria profunda que já afeta mais de dois milhões de portugueses. Isto significa que 20 por cento da população do país já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, esses já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparem-se com eles.

De qualquer modo o que é que o homem e a mulher comuns podem fazer, além de falar alto no café e queixarem-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que soubessem rabiscar umas ideias e quisessem escrever uns artigos, provavelmente não seriam publicados. Vive-se numa ditadura dissimulada em que mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam. Para quê denunciar escândalos? Raro é o dia em que um ou mais são denunciados nas redes ainda livres da internet ou até na rádio e televisão. A justiça, que sempre esteve ao lado dos poderosos, agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país.

E apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha quisesse tomar conta desta província ingovernável, pois já lhe basta o País Vasco e os etarras. Já a dominam economicamente e não estão interessados em pagar as suas contas. Que se desiluda o primeiro-ministro Sócrates e seus muchachos, Viriato e Sertório foram apunhalados pelos seus mais chegados conselheiros e assessores. Aprende-se mesmo pouco em Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

Para se pensar !

Quando vieram

Quando vieram contra os negros,

eu não era negro e não fiz nada.

Quando vieram contra os favelados,

eu não era favelado, não fiz nada.

Quando vieram contra os homossexuais,

eu não era homossexual e não fiz nada.

Quando vieram contra as mulheres,

eu não era mulher e não fiz nada.

Quando vieram contra os analfabetos,

eu não era analfabeto, não fiz nada.

Quando vieram contra os pobres,

eu não era pobre e não fiz nada.

Quando vieram contra os aleijados,

eu não era aleijado e não fiz nada.

Quando vieram contra os outros,

o assunto não me dizia respeito e

não fiz nada.

Quando vieram contra mim,

ninguém me defendeu.

Quem não é vítima de discriminação e abuso

sempre pensará que o sofrimento do outro não é

grande coisa, que é exagero.

Alguns acham que discriminação

nem existe, que não existe discriminação contra

negros, contra mulheres, contra homossexuais,

aleijados, favelados, pobres...

Assim seguimos e fazemos todos os dias,

desprezamos ou diminuímos

o sofrimento alheio.

Não dando atenção à dor do outro nos

condenamos a sofrermos em silêncio, a

sofermos sozinhos a nossa própria dor.

O preconceito só existe porque o silêncio

favorece os opressores.

Quem, acovardado, se omite,

concorda com o abuso.

Quem concorda com o abuso,

será abusado ouvindo o silêncio cúmplice dos outros.
 E tudo parece muito normal,
 tão normal quanto sofrido e solitário.
 Aquelas frases acima poderiam ser reescritas assim?
 Quando vieram contra os negros,
 eu não era negro e não fiz nada e, calado, também eu era contra os negros.
 Quando vieram contra os homossexuais,
 eu não era homossexual e não fiz nada e, calado, também eu era contra os homossexuais.
 Quando vieram contra as mulheres,
 eu não era mulher e não fiz nada e, calado, também eu era contra as mulheres.
 Quando vieram contra os analfabetos, eu não era analfabeto, não fiz nada e, calado, também eu era contra os analfabetos.
 Quando vieram contra os favelados, eu não era favelado, não fiz nada e, calado, também eu era contra os favelados.
 Quando vieram contra os pobres, eu não era pobre e não fiz nada e, calado, também eu era contra os pobres.
 Quando vieram contra os aleijados,
 eu não era aleijado e não fiz nada e, calado, também eu era contra os aleijados.
 Quando vieram contra mim, ninguém me defendeu, usaram o silêncio e a indiferença para apoiar meus inimigos.
 Uma lição a ser aprendida:
 o que nos faz iguais é que somos, todos, diferentes uns dos outros.
 De onde vem o medo de ser diferente?
 Do silêncio?
 (Inspirado no documentário: "Olhos azuis" de Jane Elliott)

Porquê? Pense nisso.

47.4. AS 10 ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO MEDIÁTICA

O linguista estadunidense Noam Chomsky elaborou a lista das "10 estratégias de manipulação" através da mídia:

1. A ESTRATÉGIA DA DISTRAÇÃO.

O elemento primordial do controlo social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e económicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações e de informações insignificantes.

A estratégia da distração é igualmente indispensável para impedir o público de interessar-se pelos conhecimentos essenciais, na área da ciência, da economia, da psicologia, da neurobiologia e da cibernética.

"Manter a atenção do público distraída, longe dos verdadeiros problemas sociais, cativada por temas sem importância real. Manter o público ocupado, ocupado, ocupado, sem nenhum tempo para pensar; de volta à granja como os outros animais (citação do texto 'Armas silenciosas para guerras tranquilas')".

2- CRIAR PROBLEMAS. DEPOIS OFERECER SOLUÇÕES.

Este método também é chamado "problema-reação-solução". Cria-se um problema, uma "situação" para causar certa reação no público, a fim de que este seja o mandante das medidas que se deseja fazer aceitar.

Por exemplo: deixar que se desenvolva ou se intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja o mandante de leis de segurança e políticas em prejuízo da liberdade.

Ou criar uma crise económica para fazer aceitar como um mal necessário o retrocesso dos direitos sociais e o desmantelamento dos serviços públicos.

3- A ESTRATÉGIA DA GRADAÇÃO.

Para fazer com que se aceite uma medida inaceitável, basta aplicá-la gradativamente, a conta-gotas, por anos consecutivos.

É dessa maneira que condições socioeconómicas radicalmente novas (neoliberalismo) foram impostas durante as décadas de 1980 e 1990: Estado mínimo, privatizações, precariedade, flexibilidade, desemprego em massa, salários que já não asseguram rendimentos decentes, mudanças que haveriam provocado uma revolução se tivessem sido aplicadas de uma só vez.

4- A ESTRATÉGIA DO DIFERIDO.

Outra maneira de se fazer aceitar uma decisão impopular é a de apresentá-la como sendo "dolorosa e necessária", obtendo a aceitação pública, no momento, para uma aplicação futura. É mais fácil aceitar um sacrifício futuro do que um sacrifício imediato. Primeiro, porque o esforço não é empregado imediatamente. Em seguida, porque o público, a massa, tem sempre a tendência a esperar ingenuamente que "tudo irá melhorar amanhã" e que o sacrifício exigido poderá ser evitado. Isto dá mais tempo ao público para acostumar-se com a ideia de mudança e de aceitá-la com resignação quando chegar o momento.

5- DIRIGIR-SE AO PÚBLICO COMO CRIANÇAS DE TENRA IDADE.

A maioria da publicidade dirigida ao grande público utiliza discurso, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade, como se o espetador fosse uma criança de tenra idade ou deficiente mental.

Quanto mais se busca enganar o espetador, mais se tende a adotar um tom infantilizante. Porquê? "Se se dirige a uma pessoa como se ela tivesse 12 anos ou menos, então, em razão da sugestionabilidade, ela tenderá, com certa probabilidade, a uma resposta ou reação também desprovida de um sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade (ver "Armas silenciosas para guerras tranquilas")".

6- UTILIZAR O ASPETO EMOCIONAL MUITO MAIS DO QUE A REFLEXÃO.

Fazer uso do aspeto emocional é uma técnica clássica para causar um curto circuito na análise racional, e por fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, a utilização do registo emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar ideias, desejos, medos e temores, compulsões, ou induzir comportamentos...

7- MANTER O PÚBLICO NA IGNORÂNCIA E NA MEDIOCRIDADE.

Fazer com que o público seja incapaz de compreender as tecnologias e os métodos utilizados para seu controle e sua escravidão. "A qualidade da educação dada as classes sociais inferiores deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que paira entre as classes inferiores às classes sociais superiores seja e permaneça impossível para o alcance das classes inferiores (ver 'Armas silenciosas para guerras tranquilas')".

8- ESTIMULAR O PÚBLICO A SER COMPLACENTE NA MEDIOCRIDADE.

Promover o público a achar que é moda o fato de ser estúpido, vulgar e inculto

9- REFORÇAR A REVOLTA PELA AUTOCULPABILIDADE.

Fazer o indivíduo acreditar que é somente ele o culpado pela sua própria desgraça, por causa da insuficiência de sua inteligência, de suas capacidades, ou de seus esforços.

Assim, ao invés de rebelar-se contra o sistema, o indivíduo se autodesvalida e culpa-se, o que gera um estado depressivo do qual um dos seus efeitos é a inibição da sua ação. E, sem ação, não há revolução!

10- CONHECER MELHOR OS INDIVÍDUOS DO QUE ELES MESMOS SE CONHECEM.

No decurso dos últimos 50 anos, os avanços acelerados da ciência têm gerado crescente brecha entre os conhecimentos do público e aquelas possuídas e utilizadas pelas elites dominantes.

Graças à biologia, à neurobiologia e à psicologia aplicada, o "sistema" tem desfrutado de um conhecimento avançado do ser humano, tanto de forma física como psicologicamente.

O sistema tem conseguido conhecer melhor o indivíduo comum do que ele se conhece a si mesmo. Isto significa que, na maioria dos casos, o sistema exerce um controle maior e um grande poder sobre os indivíduos do que os indivíduos a si mesmos.

CRÔNICA 48. PRINCIPADO DE TRÁS-OS-MONTES, 3 DEZEMBRO DE 007

Exmo. Senhor
 Presidente da República Portuguesa
 Assunto: Pedido de reunião e fecho de fronteiras do Principado do Ilhéu da Pontinha
 Comunicado 124/2007
 Excelência,

Na qualidade de representante do Principado do Ilhéu da Pontinha, que me foi transmitido por El-Rei D. Carlos I na qualidade de Chefe Supremo do Reino de Portugal conforme documento que o desanexou definitivamente do território português no ano de 1903, venho informar Vossa Excelência que no dia 31 de dezembro do corrente ano, a partir das 24 horas, as fronteiras terrestres, marítimas e aéreas serão fechadas ao trânsito de pessoas e mercadorias. Desta forma, esperamos que o Estado Português cumpra as regras de boa vizinhança entre nações, não caindo na agressão ou invasão territorial de outro Estado. Esta carta, será dirigida ao Exmo. Sr. Secretário-geral das Nações Unidas, Sr. Presidente da União Europeia, Sr. Presidente do Parlamento Europeu, assim como a todos os países e organismos internacionais que apoiam esta nova Nação que tem por base a vivência em plena democracia e fraternidade entre os seus cidadãos, com igualdade de oportunidades para todos. Para o caso de haver resistência por parte do governo português, será solicitado apoio a todos os países e organismos políticos que receberem esta carta que será traduzida em três idiomas, apoiando-nos no Direito Internacional Público. De igual modo, será informada a comunicação social internacional, do processo pacífico da génese deste país, Principado do Ilhéu da Pontinha, - nome que os detentores deste território alienado por Portugal decidiram por bem batizar, - legitimado por Carta Régia reconhecida por Portugal no ano de 2006. Para precisarmos com exatidão a linha que divide os nossos territórios, informamos que o nosso Governo está disponível 24 horas por dia, bastando para o efeito, contactar o departamento de relações públicas do Principado do Ilhéu da Pontinha. Reiteramos o nosso desejo de evitarmos qualquer conflito diplomático que disturbe o normal funcionamento dos nossos países e que o diálogo seja fraterno entre povos vizinhos. Terminamos com uma frase do então Primeiro-ministro Português, Exmo. Sr. Dr. Durão Barroso, proferida na Torre do Tombo em novembro de 1994, "uma decisão política que não respeite o passado, não terá visão de futuro".

São José, 30 de novembro de 2007

Atenciosamente,
 Que Deus vos guarde.
 Renato Barros

Free Press Release
 News Archive > 2007 > Nov > 29
<http://www.free-press-release.com/news/200711/1196380760.html>
 E-mail: mpr@cyberterra.com
 URL: www.mpror.net
 Tel: +1 516 354 4495 /Fax: +1 516 706 0080
 Contact: Most Rev. Dr Cesidio Tallini
 EXMO. Senhor D. Renato Barros
 por Graça de Deus
 PRÍNCIPE Reinante do Principado do Ilhéu da Pontinha
 Excelência:

Pela presente venho humildemente perante vossa majestade solicitar a mercê de me informar quando foi decretado o carnaval no Principado, porquanto V. Mercê não deu devida conta de tal ser legislado e agora se diz que o carnaval é todo o ano. Quanto ao encerramento das fronteiras terrestres, aéreas e marítimas, informo V. Majestade ter consultado todos os mapas editados no mundo, para encontrar a rota terrestre para S. José, mas tem sido trabalho vão, pelo que igualmente solicito a Vossa Majestade Graciosa que mande os serviços do ministério das obras públicas do Principado da Pontinha divulgar pelos meios mais em uso para esse fim, da cartografia existente e rotas terrestres para quem pretenda demandar o Principado.

Quero manifestar a vossa majestade sereníssima o júbilo que sinto porque V. Mercê veio a conseguir a almejada a tão desejada alta clínica do real hospital psiquiátrico de s. José da Pontinha. Sei que os súbditos de Vossa Majestade Graciosa pretendem prestar-lhe uma grande homenagem pelo acontecimento, maior do que aquela a que assistiram quando da coroação de V. Alteza, segundo as crônicas do Principado. Já agora: pretende saber a nossa Academia de história se El-Rei d. Carlos Ihe outorgou o Principado antes ou depois do regicídio, pois El-Rei foi contactado pelo ministério dos negócios celestes e ele diz que, talvez por causa do tiro do Buíça, não se recorda de Ihe ter assinado qualquer documento de entrega do Principado. Ciente de que vossa majestade irá continuar a utilizar os serviços do jornal "heróis do mar" como forma de anunciar as régias determinações do Principado, queira receber os mais sinceros e respeitosos cumprimentos deste seu admirador, que espera jamais ser real súbdito

aos trinta dias do mês de novembro do ano da graça de dois mil e sete
 VICTOR ELIAS, BARÃO DE SINTRA

Claro que depois de ler isto não podia deixar de me manifestar como parte não interessada em dirimir conflitos fronteiriços ou de nacionalidades. Deve-se isto a uma tradição familiar bem arreigada em mim que me impede de dizer ou escrever merda, pois o mais perto que éramos autorizados a pronunciar era "merdice" e isso por vias dum tio que era muito desbocado e a quem se toleravam estas libertinagens linguísticas. Já com chiça ou poça era um problema grave.

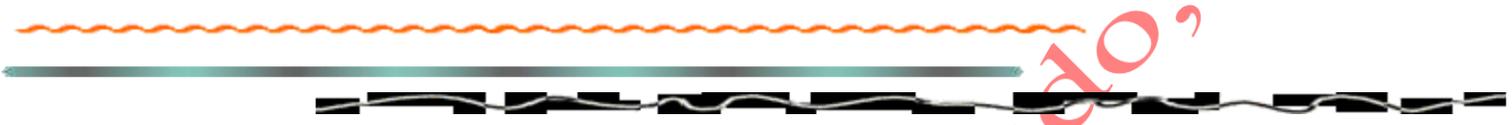
Creio que se deve isto a um complexo de classe, herdado da minha avó paterna, oriundo de tempos obscuros da corte real no Rio de Janeiro. Sempre tivemos palavras proibidas. Encarnado não havia, só vermelho, prendas não havia, mas sim presentes, (ninguém podia dizer a prenda dos tios era uma merda, mas sim o presente dos tios era uma merdice...), o menino Jesus era o então antecessor do Pai Natal ou Santa Klaus e ficávamos todos à espera que ele descesse pela chaminé (naquela época nunca percebi bem a analogia imbecil da chaminé e do menino até que um dia descobri os presentes que os meus pais me iam dar escondidos em cima do guarda-fatos). Os amigos de família não tinham esposas, mas sim mulheres, esposas eram a mulher do padeiro e do merceiro (nunca percebi bem porquê, mas hei de começar a ver umas telenovelas pois deve lá estar a resposta, visto que agora elas sabem tudo). Nunca se falava de partilhas, mas de heranças. A gente não se aleijava, primeiro porque éramos os meninos e as meninas e depois porque nos magoávamos. A nossa sopeira ainda não se chamava empregada doméstica era simplesmente a criada de servir ou de mesa, consoante as necessidades. A nossa costureira era apenas a Amelinha que tinha um filho polícia e vivia lá para a beira de S. Roque da Lameira... os aleijadinhos, manetas, pernetas ou outra coisa eram os pobrezinhos a quem éramos incentivados a dar a esmola semanal quando nos batiam à porta com a regularidade dum cobrador.

Enfim, são estas as tradições que me impedem ainda hoje de me expressar vernaculamente embora ocasionalmente saiam um *bô*, *carai*, *conho* que por acaso são bem aceites já que a minha herança ancestral materna é transmontana e podia dar-me a estes vitupérios que lá na cidade cinzenta ninguém entendia.

Mas voltando ao assunto com que iniciámos esta crónica a minha vontade era escrever mesmo, "Mas que merda é esta?" só que como já vos expliquei não posso, a minha mãe já não me repreende se eu disser chatice, mas mais do que isso ainda que possa tolerar não gosta e eu vou-lhe fazer a vontade. Mas que outro comentário posso eu fazer depois de ler o que acima ficou lavrado? Foi então que me deparei com uma ideia oportunista.

Esperamos até 2011 ou 2012 quando as autoestradas para Bragança estiverem todas prontas e inauguradas e nessa altura, logo após os discursos de ocasião dum qualquer primeiro-ministro de Portugal fazemos o mesmo que o Principado da Pontinha, e com base numa qualquer documentação nebulosa que teremos de descobrir até lá na Torre do Tombo ou no Museu do Abade de Baçal declaramos a secessão de Bragança do resto de Portugal. Razões decerto não nos faltam para declaramos Trás-os-Montes independente, basta atentar nas promessas feitas ao longo dos séculos que nunca foram cumpridas. De imediato pedimos a adesão à União Europeia o que não deve ser difícil, e como o rendimento per capita é baixo podemos começar logo a receber subsídios que é só para isso que a UE serve. Comecem a pensar bem nesta ideia e a desenvolver os vários cenários possíveis para que ela se concretize, pois tenho a certeza de que nessa altura muitos dos anseios ancestrais que a região transmontana tem, serão ouvidos.

Faça-se um referendo para decidir se optámos pela República ou pela monarquia pois o castelo de Bragança, esse ninguém nos tira. Se no Brasil deram o grito do Ipiranga aqui daremos o grito de Montesinho. Podemos então construir as barragens da Veiguiha e do Sabor, reformular a linha férrea do Tua até Barca d'Alva, esquecer os ratos de Cabreira e fazer a ligação de Vimioso ao mundo. Conterrâneos, vamos deitar mãos à obra. Podem ter a certeza de que esta atitude só peca por tardia.



TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua matéria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descobriu a sua matéria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro **"Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1"** (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese **"Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975"** (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia **"Crónicas Austrais 1976-1996"**.

Em 2005 publicou o **"Cancioneiro Transmontano 2005"**

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia **"Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter"**.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dorés (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa **"Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino."**

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia **"CrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"**, (esgotado) cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **"CrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **"Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)"**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **"Crónicas Austrais 1978-1998"**.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da **"Trilogia da História de Timor"**

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, **"Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor"**, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister **"Bibliografia Geral da Açorianidade"** em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro **"O Mundo Perdido de Timor-Leste"** de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 **"Fotoemas"**, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de **"Missionários açorianos em Timor"** vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de **"CrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"** cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2007 - SEM CORTES (CRÓNICAS 36 A 48 - 2007)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE